SENASP

Secretaria Nacional de Segurança Pública

Relatório Final

Concursos Nacionais de Pesquisas Aplicadas em Justiça Criminal e Segurança Pública

Autor (s)

Pedro Paulo de Oliveira

Título da Pesquisa

A sedução das Drogas. Consumismo e Identidade

Estes relatórios de pesquisa constituem os produtos resultantes do Concurso Nacional de Pesquisas Aplicadas em Segurança Pública e Justiça Criminal. Fornecerão importantes subsídios para a qualificação das políticas nacionais de segurança pública. Destacamos que eles não constituem a opinião oficial do Ministério da Justiça sobre os assuntos tratados.

Abril 2006

Ministério da Justiça

GOVERNO FEDERAL

PROJETO

A SEDUÇÃO DAS DROGAS:
CONSUMISMO E IDENTIDADE

RELATÓRIO DE PESQUISA REALIZADA

COORDENADOR E RESPONSÁVEL TÉCNICO
PEDRO PAULO DE OLIVEIRA

RIO DE JANEIRO
DEZEMBRO/2005

SUMÁRIO

Descrição do campo e metodologia da pesquisa.....4
Análise dos grupos focais realizados.....7
Análise e apresentação dos dados das entrevistas.....19
Interações.....27
Drogas.....53
Redes.....65
Vício ou abuso.....71
Mazelas e sensações de desconforto.....78
Sexualidade.....90
Estigmas.....95
Policonsumo.....106
Influência dos pais.....111
Questões referentes à ilegalidade.....115
Considerações finais.....125
Referências bibliográficas.....133

DESCRIÇÃO DO CAMPO E METODOLOGIA DA PESQUISA

Seis meses após a realização da pesquisa "A sedução das drogas: consumismo e identidade", apresento este breve relatório em que disponho uma análise sucinta de duas atividades prevista naquele projeto. De um lado, a formação e moderação de grupos focais, de outro, a realização de entrevistas individuais.

A adoção dos grupos focais se deu em função de uma série de pressuposições. Desde a sua criação nos anos 60 (GREENBAUM, 1998; KRUEGER, 1994; MORGAN, 1988), a técnica de grupo focal vem atestando a sua validade na coleta de dados para pesquisas que buscam descrever comportamentos, experiências e perspectivas dos agentes em relação a determinado assunto ou situação (MINAYO, 1999; MINAYO *et alli*, 2000). O seu caráter aberto, bastante apropriado para estudos exploratórios, permitiu a manifestação interativa e espontânea de agentes, estimulando a exposição de valores e experiências nem sempre acessíveis em outras formas de acesso a informações. Isto tornou possível o levantamento de hipóteses, o reconhecimento de aspectos relevantes do objeto de estudo e a identificação de questões que puderam ser aprofundadas durante as entrevistas que foram realizadas posteriormente e que acabaram por se constituir no elemento fulcral para a discussão a ser apresentada.

Numa fase inicial de recolhimento de informações, foram realizadas dinâmicas com 6 grupos focais, 3 para cada grupo de jovens estudados (3 para jovens freqëntadores de "raves" e 3 para jovens ligados ao universo "funk"), que foram divididos em 3 faixas etárias: de 13 a 16 anos; de 17 a 20 anos; e de 21 a 24 anos. A pretensão inicial era a de realizar estes grupos com um mínimo de 8 agentes e com no máximo 12. O primeiro grupo focal realizado centrou-se na faixa etária de 13 a 16 anos e o perfil dos componentes seguiu a caracterização de jovens freqüentadores de bailes funks. O segundo, centrou-se no universo de jovens da cena eletrônica, com a mesma faixa etária do primeiro. Fizemos, depois destes dois primeiros grupos, na seqüência, os dois grupos focais com

jovens do universo funk. Dez jovens na faixa etária de 17-20 anos e 12 jovens de faixa etária entre 21-24 anos. Por motivos de facilidade de contatos, acabamos realizando os dois últimos grupos focais com jovens do universo da cena rave ou eletrônica, realizando o penúltimo grupo focal com jovens da faixa etária de 21-24 anos e o último com jovens na faixa etária de 17-20 anos desta mesma caracterização.

Dificuldades enfrentadas

Nos três primeiros grupos focais contamos com a participação de uma empresa de recrutamento de agentes para a participação nas dinâmicas de grupos focais. Numa reunião com a pessoa responsável pelo recrutamento, descrevemos o perfil dos agentes que deveriam compor tais grupos. Jovens do universo "rave" e do universo "funk", nas faixas etárias previstas na descrição metodológica do projeto e de preferência que já tivessem usado ou usassem substâncias psicoativas.

Esta última solicitação foi difícil de ser atendida uma vez que poucos agentes assumem de modo fácil o uso declarado de substâncias ilícitas. Tentamos em conjunto com a empresa elaborar um questionário de recrutamento que pudesse de alguma forma driblar as dificuldades de constrangimento que uma pergunta direta sobre o uso poderia ocasionar tanto aos recrutadores quanto aos pesquisados. Chegamos então ao questionário que foi enviado no primeiro relatório elaborado. Nele, além das perguntas triviais e que buscavam atender os requisitos metodológicos de formação de grupos focais, incluímos também as seguintes questões:

Com relação às seguintes afirmações, qual aquela que expressa melhor o seu ponto de vista:

( ) "Não uso e tenho uma posição contrária ao uso de drogas".
( ) "Ainda que não use drogas, considero que cada um tem a liberdade para escolher o que é melhor para si mesmo".

( ) “Sou favorável à descriminalização do uso de drogas”.

A idéia era excluir do recrutamento os agentes que assinalassem a primeira opção como sendo aquela que melhor exprimia o seu ponto de vista, já que o objetivo primordial da pesquisa era explorar, descrever e analisar os valores e significados atribuídos às drogas ilícitas pelos jovens de 13 a 24 anos, residentes nos grandes centros urbanos do país. Nossa pressuposição era a de que os agentes que mantêm uma perspectiva tal como a assinalada na primeira opção tendem a reproduzir o senso comum que imputa aos usuários de drogas ilícitas uma desqualificação prévia que todos conhecemos e que assim nada acrescentariam no sentido de esclarecer o valor e significado das drogas para os jovens.

Com relação ao universo “rave”, para faixa etária dos 13 aos 16 anos, formamos um grupo com 9 pessoas que foi bastante produtivo, apesar da imensa dificuldade de localizá-los, uma vez que nestas festas proíbe-se a entrada de menores. Os que estiveram em nossa dinâmica o faziam falsificando documentos.

No caso do universo “funk” para esta faixa etária a dificuldade foi menor, ainda que tenha sido difícil, diferentemente do grupo de festas “raves”, retirar dos participantes declarações afirmativas e absolutas com relação ao uso de drogas ilícitas. A questão de classe social aparecia como inibição que justificava a dificuldade desta declaração. Todos assumiram o consumo de álcool e apenas três o uso de substâncias ilícitas. De qualquer forma o grupo também foi de grande valia.

Nos dois primeiros grupos focais que incidiam sobre a faixa etária mais precoce, ou seja, de 13-16 anos, pudemos lidar com esta omissão ou mesmo com esta condição de não usuário de drogas, mas percebemos no terceiro grupo focal que isto não poderia ser mantido.

O trabalho realizado com agentes de faixa etária dos 17 aos 20 anos do universo “funk” nos trouxe evidências importantes para algumas interessantes observações sobre a questão do valor e do consumo de drogas para os jovens,

mas percebemos que haveria a necessidade de se trabalhar com outra forma de recrutamento nos demais grupos. Para este grupo constatamos que o fato de se considerar liberal em relação ao uso de drogas, ainda que o agente não se declarasse usuário (a segunda opção da questão pensada para o recrutamento) não funcionou de modo satisfatório, uma vez que o grupo formado trazia agentes que sequer consideravam o uso de álcool (3 neste grupo), coisa que não ocorreu no grupo anterior de faixa etária menor (13 a 16 anos). Este fato nos levou a repensar a questão do recrutamento.

Uma outra dificuldade conjuntural com relação aos grupos do universo "rave" a serem realizados nas outras duas faixas etárias (17-20 e 21-24 anos) dizia respeito ao fato da polícia carioca ter desbaratado, na mesma época em que a pesquisa estava sendo conduzida, uma quadrilha de traficantes de ecstasy em Niterói (RJ), formada apenas por jovens de classe média. Isso teve grande repercussão na imprensa local e houve muita dificuldade em recrutar agentes deste universo com um perfil mais adequado para a formação do grupo focal. Os jovens contatados estavam mais apreensivos e desconfiados em relação ao tema.

Decidimos então mudar a forma de recrutamento, acionando agentes com trânsito entre os grupos pesquisados o que nos levou a uma forma de contratação de agentes particulares para auxílio no recrutamento e na constituição dos grupos.

Com um auxílio remunerado de uma assistente social com experiência em comunidades carentes e de um promotor de eventos e festas conseguimos recrutar agentes com um perfil mais adequado para a nossa pesquisa e assim dispensamos o serviço da empresa para o recrutamento de jovens. Era melhor repassar os custos de recrutamento da empresa para os agentes facilitadores de contatos com jovens do que manter um esquema que não nos traria muitos resultados.

Esta mudança foi muito importante e acabou sendo fundamental inclusive para o recrutamento de jovens para as entrevistas. Todos os jovens entrevistados do universo rave saíram dos grupos focais realizados e dos oito

entrevistados do universo funk, seis vieram também do contato inicial com os grupos. Houve um erro no momento em que pensamos que seria interessante ter uma entrevista de alguém que já tivesse passado por uma clínica de desintoxicação. A entrevistada no caso acabou sendo uma decepção. Outra entrevista arriscada foi a realizada com um rapaz que trabalhava na boca de fumo de uma favela. Há informações interessantes em seu relato, mas não repetiríamos esta aventura e talvez teria sido melhor se tivéssemos nos prendido ao universo de jovens dos grupos focais.

ANÁLISE DOS GRUPOS FOCAIS REALIZADOS

Algumas das conclusões às quais já havíamos chegado no primeiro relatório se mantiveram e vale a pena repassar algumas análises ali desenvolvidas, acrescidas de informações obtidas nos outros grupos focais realizados após o envio do primeiro relatório.

Ecletismo

Antes de tudo, é necessário frisar que a idéia de um estilo de vida que possa abarcar comportamentos, práticas de consumo e identidade juvenil não pode ser levada em conta de forma muito rigorosa. Esta era uma das hipóteses apresentadas no projeto que deve ser relativizada.

Os jovens que participaram dos grupos revelaram muito mais flexibilidade do que a idéia de um estilo "rave" ou "funk" poderia sugerir no sentido de uma classificação social mais restritiva e intransigente para os freqüentadores destas formas de lazer juvenil urbano. Isso é ainda mais verdadeiro no caso do universo funk.

Relativizando a idéia de estilo de vida, poderíamos dizer que entre "funkeiros" e "raveiros" impera um ecletismo que se reflete na própria realização dos bailes e nas festas. Nos bailes funk, por exemplo, há momentos em que se toca forró, pagode e "charme" (musica negra americana dançante),

como nos informa uma jovem do grupo de funkeiros de faixa etária entre 13 e 16 anos ("F 13-16"[1]) e outros jovens do grupo de funkeiros de faixa etária entre 17 e 20 anos ("F 17-20"). No grupo de raveiros ("R 13-16") quase todos disseram que não vão apenas às festas raves. Transitam entre "micaretas", shows e festas de reggae e até mesmo bailes funk, ainda que esta última opção tenha sido vista com reprovação pelos outros integrantes do grupo. Nos dois grupos com faixa etária maior que 16 anos, o ecletismo tende a diminuir e passa-se a excluir algumas alternativas. Não houve, por exemplo, nos grupos focais de faixa etária 17-20 e 21-24 anos nenhuma referência a ida às micaretas. Já os funkeiros quase nunca vão a festas raves e esta incapacidade tem relação com a questão de classe, demonstrando a maior possibilidade de trânsito para os jovens de classe média e alta.

Ao invés de contrastar estilos de vida, o que salta aos olhos numa primeira análise é a apresentação física (ou hexis corporal, que é a parte fenotípica do habitus dos agentes (BOURDIEU; 1989)) dos integrantes dos grupos focais. Entre eles há distinções nítidas de classe e raça. Nos grupos funks, as marcas da classe popular e a presença de negros contrastam com os grupos que freqüentam festas raves, caracterizado por garotos e garotas de classe média e alta, todos brancos (alguns de olhos e cabelos bastante claros), apresentando um visual muito mais "descolado". Além de mais seguros de sua inserção social, observa-se neles um posicionamento mais consciente e uma melhor articulação dos raciocínios e enunciados durante a dinâmica. Veremos que isto tem uma importância quanto à relação desenvolvida entre estes jovens e os outros de classe menos favorecidas com respeito ao significado que eles atribuem ao consumo de drogas.

Se por um lado a idéia de estilos de vida não é muito útil nesta abordagem, para substituí-la sugerimos o conceito de redes de interação que terá, como veremos, uma importância capital para que se possa entender a identidade e os lazeres juvenis ligados ao consumo de substâncias psicoativas.

---

[1] Adotamos como denominação dos grupos as siglas que seguem o modelo apresentado no texto: em maiúscula a letra F para os grupos funks ou a letra R para os grupos raves, seguidas depois pela faixa etária do grupo.

Redes de interação

Os amigos constituem a principal rede de interação dos jovens. Por meio deles constitui-se para cada um as identidades dos agentes baseadas nos circuitos de lazeres que compõem aquela rede. No grupo focal "F 13-16" um trecho da dinâmica ilustra bem essa característica:

Moderador: Falem um pouco mais do baile, pessoal. Vocês se preparam para ir? Se reúnem? Vão em turma?
Jovem 1[2]: Eu só vou quando tem uma galera para ir. Não vou sozinho, não!
Jovem 2: Pelo menos uma amiga tem que ir, porque depois, lá dentro você arranja.

Neste mesmo grupo F 13-16, outras falas significativas a este respeito dão conta da importância da rede de interação para o consumo de substâncias psicoativas:

Jovem 1: (...) nos bailes as pessoas bebem mais porque vêem os amigos bebendo. Aí entram no grupo e bebem.
Jovem 2: (O consumo de drogas é mais motivado[3]) Por causa do amigo.

Para os jovens participantes dos grupos focais, antes mesmo de ter um estilo de vida que possa diferenciá-los de outros grupos, o mais importante é a influência dos amigos na conformação de práticas de consumo e de atitudes que resultam na constituição de uma identidade específica. Se houvesse algum estilo de vida mais marcado, caracterizado inclusive pelo consumo de substâncias psicoativas, este seria o resultado da rede de interações e não o ponto de partida para a sua constituição.

(Grupo "R 13-16") **Moderador**: Tem irmãos?

---

[2] Escolhemos não nomear os jovens e assinalamos apenas números para identificar "falas" distintas durante a dinâmica.
[3] Entre parênteses irá figurar um resumo das idéias desenvolvidas pelo agente anteriormente ao enunciado transcrito.

Jovem 1: Tenho. Meus irmãos se amarram também (em festas raves).
Moderador: Foi mais por influência dos irmãos que chegou nesta parada?
Jovem 1: Não. Foi mais por causa de amigos mesmo.

Este trecho de diálogo mostra que para este jovem o grupo de amigos, isto é, a sua rede de interações extra familiares, tem mais importância do que a própria influência dos irmãos. Outra jovem ainda neste grupo:

Moderador: Você foi mais influenciada pelo quê?
Jovem 2: Amigos.

Sobre a ida em festivais de música eletrônica:

Jovem 3: Eu já fui num que não era tão grande assim... evento mesmo. Foi um amigo que conhecia gente do Recreio, na Barra. Foi no sítio dele mesmo. Sítio grande pra caramba! Parecia uma fazenda!

Indagados como conheceram as músicas eletrônicas, muitas respostas apontam para a influência de amigos:

Jovem 4: (Não conheci música eletrônica ouvindo rádio). Foi na casa de amigos. Chegava lá, tava tocando e me amarrava no som.
Moderador: Os amigos são mais velhos? São amigos da escola? Mais velhos?
Jovem 4: Amigos do amigo meu.

Esta última resposta ilustra bem a idéia de rede: "amigos do amigo meu".

No grupo "R 13-16", os encontros que precedem às festas raves são marcados pelo que chamaram de "pré-night". E onde se realizam? Perguntou o moderador. "Na casa de amigos", foi a resposta.

Ainda neste grupo, com relação ao consumo de drogas, de um modo mais explícito eles disseram:

Moderador: Alguém oferece e você experimenta para ver qual que é?

Jovem 7: Não é bem assim!

Jovem 6: Não é qualquer pessoa!

Jovem 5: Eu nunca comprei. Sempre uso a dos outros.

Jovem 3: Tem sempre alguém que te passa.

Jovem 6: Eu surfava um tempo assim e todo dia tinha uns malucos fumando lá na praia e eu tinha os meus amigos e tal. E um começou a fumar, daqui a pouco o outro. Aí comecei a fumar junto na mesma época.

Moderador: E quando foi? Com 13, 14 anos?

Jovem 5: 15.

Jovem 3: 13.

Jovem 6: 14 anos.

Jovem 3: Ninguém que convive com pessoas que não bebem, não fumam, não nada, acorda um diz e diz: "vou experimentar". Se as pessoas que estão à sua volta não usam, você não vai querer ser diferente. Se você nunca experimentou, todo mundo fica enchendo o teu saco: "só uma vez!".

No grupo focal "F 17-20", uma das poucas jovens que assumiu que consumia drogas relatou:

Jovem 9: (...) antigamente quando ia pro baile, se eu fosse careta não tinha graça. Pra mim não tinha graça nenhuma. Porque quando eu ia... minhas colegas, todo mundo fumava. (...) Essa minha colega que a primeira vez que eu fumei foi com ela... até hoje ela é viciada. No entanto, pra avó dela manter ela dentro de casa, porque depois que ela conheceu a droga ela conheceu um monte de coisa errada, a avó chega e dá dinheiro para ela comprar e usar dentro de casa.

Poderia-se imaginar que estes relatos nada trazem de novo ou de original, pois como diz o velho adágio: "dize-me com quem andas e...". Porém há algo muito mais importante que a explicação de senso comum não capta. Pensamos especificamente na questão da constituição da identidade. Trabalhando com o paradigma do interacionismo simbólico (MEAD; 1962), o que se percebe é que a identidade é constituída por meio da rede de interações. O estilo de vida, quando este se cristaliza é o resultado destas interações relacionais, onde os amigos são a sua base primordial. A adoção de práticas, no

caso aquelas que dizem respeito ao consumo de drogas, vincula-se inicialmente a um processo de constituição identitária, pois para a constituição da identidade é necessária a formulação de fantasias baseadas em crenças emocionais que devem espelhar a auto-imagem do agente para si próprio.

As drogas não devem ser pensadas de uma maneira tal que o seu valor e consumo fiquem restritas a um determinado agente que é muitas vezes criminalizado ou tratado como doente. Elas se inserem num circuito de relações necessárias muitas vezes para a constituição de redes de interação. Assim o que se verifica nestes grupos é a idéia de que o consumo e o valor dado às substâncias psicoativas devem ser analisados em torno da idéia de redes interacionais.

A idéia de "caretice", como a alteridade, o outro da identidade constituída, aparece em inúmeros relatos durante as dinâmicas.

(Grupo "F 13-16") **Moderador**: Mas aí... vocês conseguem, num baile funk, curtir com uma figura careta do lado?
Jovem 6: É melhor nem ir.
Jovem 2: A fulana vai? Então nem vou.
Moderador: Dá pra ficar com a pessoa careta?
Jovem 3: Não. Você tá ali e a pessoa com aquela coisa...
Moderador: Você tem algum amigo que fica caretão?
Jovem 3: Eu tenho. Tem um que bebe água (apenas). Aí, quando eu danço ele sai de perto.
Moderador: (...) o que é uma pessoa careta?
Jovem 1: É uma pessoa que fica olhando o outro...
Jovem 5: Acha que tudo que você está fazendo tá errado.
Jovem 1: Fica assim... "pára de beber!".
Jovem 6: São assim... chatos.
Jovem 7: É o que quer impor...
Jovem 10: É pessoa que acha que deve ser do jeito dele... Se eu tiver bebendo, ele reclama.
Jovem 4: Não respeita...

(Grupo "R 13-16") **Moderador**: Mesmo que vocês tomem "bala" (gíria para o ecstasy) ou álcool, vocês conseguem ficar com alguém que está careta?
Jovem 3: Depende da pessoa. Se encontrar uma pessoa chata...

Jovem 8: Não consigo dançar se eu não beber. Aí, fica aquela pessoa chata. Chega lá, fica olhando e você dançando sozinha...

Jovem 9: Cheguei à conclusão que não dá mais para não fumar a maconha e quem não fuma é porque é revoltado.

O que a pesquisa nos mostra é que a rede de interações é fundamental para a constituição de identidade e que o consumo de drogas enquanto prática que alinha o agente com outros semelhantes significativos torna-se importante, pois não basta imaginar e fantasiar uma identidade qualquer: são necessárias práticas que a sustente e mais: que se conformem àquelas realizadas pelos semelhantes: "quem não fuma é porque é revoltado".

Há aqui um núcleo de idéias bastante interessantes, pois, como já foi dito anteriormente, não se pode avaliar o consumo de drogas como prática do agente separado de sua rede de interações. A droga é parte de um estilo de vida, que é o resultado desta rede. Somos os outros e eles são estas redes significativas, incluindo aí, suas práticas, dentre as quais o consumo de substâncias psicoativas.

Quando se fala em uso de drogas de um modo generalizado incorre-se no erro de pensá-lo a partir da idéia de abuso. Não distinguir entre uso e abuso permite que este consumo seja sempre abordado dentro dos paradigmas legal (que vê o usuário como criminoso) ou terapêutico (que o vê como doente). Partíamos destas hipóteses no projeto, mas havia ali um erro de ênfase. Não considerávamos de modo relevante a questão das redes de interação.

Não se pode pensar o consumo de substâncias psicoativas, incluídas aí o álcool, sem a idéia de rede de interações. Pensar em programas de prevenção apenas enxergando o usuário final sem reconectá-lo à rede para avaliar esta prática de consumo, é incorrer no erro de confundir uso com abuso e trabalhar de antemão com prejulgamentos que pouco oferecem no sentido de esclarecer a questão de modo mais realista e pertinente.

A idéia é pensar que o uso de drogas por jovens ajuda a integrá-los em redes de interação. Quando se verifica o abuso, a interação deixa de existir e a droga passa a concentrar toda a atenção do agente.

Linhas de fuga

A presença de drogas nas duas formas de lazeres juvenis aqui investigadas, festas raves e bailes funk, é algo incontestável e este fato se apresenta de modo consensual entre os participantes dos grupos focais realizados.

(Grupo "F 13-16") **Moderador**: Aí vocês estão num baile funk... tem uma galera que fuma um baseado, tem uma galerinha que cheira pó, tem uma galerinha que faz isso e aquilo, numa boa... tá tranqüilo. Acontece mesmo?
Jovem 3: É claro que tem. Todo baile tem isso.
Jovem 7: Todo baile tem isso. Tanto de comunidade, como de corredor, o que mais tem é isso.

(Grupo "R 13-16") **Jovem 4**: Porque senão não dá não... as músicas são todas...
Jovem 8: A batida...você conseguir ficar sem nada lá... quer dizer, impossível.

Em várias falas se explicita o fato de que a presença de substâncias psicoativas faz parte do ritual de lazer representado por estes eventos e eles são os momentos em que a interação se processa. As festas raves e bailes funks são situações em que a rede se apresenta num mundo juvenil constituído por outras redes assemelhadas. Além disso, como frisam os integrantes do grupo focal de festas raves, é impossível curtir e dançar música eletrônica sem o uso destas substâncias. Sabemos que se pode tratar a música e a dança como pontes de contato com experiências e vivências que enriquecem, distraem, aliviam e tornam suportável a vida cotidiana. Enquanto linhas de fuga para um universo de satisfação, a música e a dança agora vem acompanhadas do consumo de drogas, tornando a vivência das experiências mais vívida. A dupla idéia que a expressão "linha de fuga" pode exprimir, segundo o uso que dela fazemos, fica evidenciada no caso das drogas: elas possibilitam contatos, permitem identificações sociais dos agentes (transição do mundo subjetivo para o mundo

social) e também a passagem para experiências mais significativas com o seu próprio corpo e ambiente.

Numa rede de relações interacionais em que os amigos asseguram um suporte de apoio para experiências com as drogas sempre surgirão brechas para possibilitar o consumo. Estas brechas são as possibilidades de experiências diferenciadas que estas substâncias proporcionam: animação, viagem, estados de consciência alterada, facilidade de comunicação, desinibição, etc.

(Grupo "F 13-16") **Jovem 5**: A gente já sai de casa animado...
Jovem 10: Eu bebo para ficar animada. Chegar com a cara assim não é bom para dançar...

(Grupo 'F 17-20") **Jovem 4**: Ao mesmo tempo que você está ouvindo tudo, você não está ouvindo nada. É uma viagem assim: você não consegue sair do lugar. (...) (Sob o efeito da droga)... fica parecendo intelectual. Só fala coisa assim... que você não fala quando tá careta. É uma coisa incrível. Se eu parar para falar com você eu vou falar coisas que não vou falar quando estou careta.

A questão do prazer e da fuga do cotidiano semanal durante os fins-de-semana também são entradas para o consumo de substâncias psicoativas durantes os eventos de lazer aqui analisados:

(Grupo "F 13-16") **Jovem 6**: (...) porque é muito difícil beber... assim, dia de semana... é mais festa.
Jovem 2: Às vezes você vai para o baile e diz que vai ficar caretão, mas acaba bebendo, mesmo que seja um pouquinho.

A possibilidade de curtir uma nova experiência que seja identificada com o risco e com a aventura, bem como a questão da curiosidade são também brechas possíveis. Risco, aventura e curiosidade são experiências que também alteram a expectativa de uma rotina monocórdica, uma vivência enfadonha, um tédio e repetições usuais premeditadas, daí poderem ser vistas dentro da categoria de estímulos de fuga para os fenômenos correlatos:

(Grupo "F 13-16") **Jovem 8**: (o risco) (...) faz a vida melhor.
Jovem 3: É uma parada tipo assim, que você não... uma paixão proibida é melhor.
Jovem 4: Vai ter uma atração em um lugar, vai ter um negócio que você nunca viu..., mas que você ouve falar toda hora, e que você quer saber como é...
Jovem 7: (você) (...) tá fazendo o proibido, se liberar...

(Grupo "F 17-20") **Jovem 4**: Acho que é isso também, é a curiosidade porque é proibido. Porque é proibido tem diferença.
Jovem 1: Tem gente que vai pela curiosidade.

No senso comum consolidou-se a idéia de que a droga é algo completamente maléfico, nocivo, degenerador. O que não se destaca é a sensação de prazer que a droga propicia ao jovem. Este contraste entre a "satanização" das drogas e as primeiras experiências que os agentes jovens têm ao consumi-las, pode muitas vezes funcionar como um estímulo no sentido de prosseguir no uso, chegando muitas vezes à situação do abuso.

A vivência de prazer que a droga oferece constitui um tipo de fenômeno transicional avassalador, pois ao induzir quimicamente alterações nas funções da vigília e da consciência comum, resultando em transformações momentâneas de todo o sistema nervoso dos agentes que as utilizam, elas abrem "as portas da percepção", intensificando vivências, sensações e prazeres corporais e psíquicos.

No que diz respeito aos processos de constituição de identidade subjetiva, seu uso também tem funções importantes. Para Piera Aulagnier (*apud* COSTA, 1986: 86) o Eu deve operar um tríplice reconhecimento sob pena de, não o fazendo, comprometer seu projeto identificatório. Assim deve-se reconhecer que: 1) o corpo é mortal; 2) é fonte de prazer; 3) de sofrimento também. Ela diz que o Eu tem que inocentar o corpo da morte para que possa investi-lo. A morte vem de fora (doença, acidente). O corpo como fonte de prazer deve ser inocentado de tudo, principalmente daquilo que conduz ao sofrimento. Quando isto não ocorre o Eu desenvolve uma relação persecutória com o próprio corpo e com a realidade ambiente. Ao proporcionarem prazer, as drogas se encaixam de modo perfeito nesta função de inocentar o corpo do

sofrimento, levando-o ao êxtase sensório. Esta vivência de prazer é algo que não pode nunca ser esquecido quando se pensa na significação atribuída às drogas pelos jovens.

Além disso, elas podem permitir um acesso facilitado ao mundo real, pois propiciam uma sensação de leveza, uma melhora na comunicação e expressão do agente, como explicitaram vários jovens nos três grupos. Neste sentido estabelecem pontes de comunicação mais satisfatória entre mundo subjetivo e objetivo, funcionando como fenômeno transicional, como diria Winnicott, facilitador de contatos e de experiências. O contraste é pensar que esta transicionalidade configura linha de fuga da realidade subjetiva rotineira, caracterizada pelas dinâmicas de insegurança e constrangimento das possibilidades de interação que se verificam no estado de vigília comum.

Questões laterais

Alguns contrastes podem ainda ser lembrados quando se avalia bastante preliminarmente os grupos focais realizados. Já salientamos que a diferença de classe é uma evidência gritante entre os freqüentadores de bailes funks e aqueles que vão às festas raves. No grupo rave, a vivência da possibilidade de fazer "downloads" de músicas, de estabelecer contatos via "messenger" (programa de Internet) com "figuras descoladas" para saber da existência e de como ir e chegar às festas é bastante diferenciada daquela vivência em que se diz que "em todo baile funk tem bandido" e, portanto , onde "o risco de tomar tiro do caveirão" (carro de polícia blindado que invade as favelas durante a realização dos bailes) é considerável.

Para um funkeiro a questão do poder aquisitivo influencia o consumo de drogas uma vez que o uso desta proporcionava prazer mais rápido e barato do que aquele que seria fornecido pelo álcool.

(Grupo "F 17-20") **Jovem 4**: A cerveja não vai fazer o mesmo efeito. Tem que ter dinheiro para você manter cerveja.

A questão do estigma do favelado, pobre e consumidor de drogas, aparece também em algumas falas, quando explica-se a relutância durante a dinâmica de se assumir como usuário:

(Grupo "F 17-20") **Jovem 10**: Acho que no funk é mais difícil de admitir do que nas raves (ele se referia ao fato de que os que freqüentam bailes funk não admitem tão abertamente o consumo de drogas quanto os freqüentadores de festas raves).
Jovem 4: Antes de chegar aqui, eu falei: "se me perguntarem eu não vou falar".
Jovem 10: Tanto é que lá (nas festas raves) é uma coisa mais liberal. Você é freqüentador de rave, já tem uma posição social melhor, mais tranqüila. Então para ele, isso não é um problema. Diferente da pessoa que convive com o funk.

No caso dos garotos de classe média presentes no grupo "R 13-16" houve muito pouco constrangimento para assumir que consumiam drogas. Reaparece a questão da posição social e do poder aquisitivo dos agentes. Todos sabem que um comprimido de ecstasy é bastante caro e assim adquiri-lo para consumo pode ser visto quase como um signo de distinção frente àqueles que não podem fazê-lo (BOURDIEU; 1979). Este valor simbólico refletido na dificuldade material de obtenção da droga, tornando-a inacessível aos jovens pobres, não deve ser menosprezado quando se avalia o significado que ela tem para os jovens que freqüentam festas raves. Foi muito mais difícil extrair relatos de admissão de consumo de drogas nos grupos de funkeiros. No final do grupo "F 17-20", um jovem nos disse que consumia drogas, mas que não se sentiu muito a vontade inicialmente para revelar isso.

Este mesmo jovem relatou que normalmente se atribui aos favelados a pecha de criminosos, perigosos, sujos, entre outros qualificativos depreciativos. Para o favelado assumir outra qualificação negativa, a de usuário de drogas, torna-se algo muito mais difícil.

Outro fato interessante diz respeito à questão de gênero. Percebe-se que as meninas que não usam drogas normalmente associam sua prevenção ao temor em relação aos problemas que as drogas podem trazer. Em nenhum dos

três grupos focais realizados essa justificativa foi lembrada pelos garotos. Isto nos faz pensar na possibilidade de que a idéia de desafio e risco como símbolos para a virilidade e coragem masculina pode ser um elemento que impeça, no caso dos garotos, atitudes de prevenção baseadas no temor, ou pelo menos para eles é mais difícil assumir o medo de consumi-las, mesmo que sintam receio de usá-las. Se para eles é difícil assumirem este sentimento numa dinâmica de grupo focal, na vida prática quando desafiados à vivência da experiência com as drogas provavelmente se tornarão menos propenso a assumirem tal defesa diante daqueles que porventura possam desafiá-los ou estimulá-los ao consumo.

ANÁLISE E APRESENTAÇÃO DOS DADOS DAS ENTREVISTAS

Com a realização dos seis grupos focais foi possível elaborar um roteiro que nos desse condições de conduzir as entrevistas no sentido de abarcar questões fundamentais como a rede de amigos e sua importância para o consumo de substâncias psicoativas, a influência dos pais na "opção" pelo consumo de drogas, as questões referentes aos contrastes sociais e à ilegalidade que cerca o consumo destas substâncias, alem de outras que já apareciam com destaque como os contrastes sociais entre os grupos investigados, a condição de gênero e sua influência na interação, ou mesmo o posicionamento contraditório dos jovens em relação ao problema da liberalização e descriminalização (ou não) do uso de drogas.

As entrevistas realizadas são a parte substancial da pesquisa e do relatório, mas não poderemos explorar todas estas questões neste relatório. Será possível adicionar esta análise num momento outro.

Breve perfil dos entrevistados

Havíamos previsto realizar 20 entrevistas com usuários de drogas. Ao final do trabalho, só conseguimos realizar 18 delas. Houve alguma dificuldade

para convencer estes jovens a se disporem a falar sobre suas experiências com drogas a estranhos. Quando vimos que o tempo urgia, fechamos a série das entrevistas semi-estruturadas com estes que agora apresentamos.

Começando por Guilherme que tem 16 anos e que é filho de um secretário municipal da cidade do Rio de Janeiro. Jovem perspicaz e simpático, ele esteve no grupo focal para jovens da cena eletrônica, faixa etária 13-16 anos. Guilherme é o caçula de um trio de filhos. Os pais se separaram recentemente. Recebe do pai mesada e já trabalhou como modelo juvenil. Tem todo estilo de surfista. Loiro, de olhos verdes e cabelos bem lisos. Fumou maconha pela primeira vez com quatorze anos. Atualmente estuda, está no 2º ano do colegial, diz não gostar muito de estudar e prefere mesmo os amigos e as baladas. Há um ano atrás foi numa festa rave na praia e se "amarrou". Com os amigos tomou a sua primeira bala e teve outras experiências descritas na entrevista. Os outros dois irmãos são "super caretas" e têm 18 e 23 anos. O dezoito nem cerveja bebe. Guilherme, nosso caçulinha surfista e modelo juvenil, é muito agitado e transpira impaciência.

Seguindo na cena eletrônica as próximas são Clara e Luana. Ambas participaram do nosso grupo focal, cena eletrônica, faixa etária 17-20. Ambas são loiras estão concluindo o colegial. Moram em Niterói, em condomínios próximos, uma da outra. Os pais de Clara são separados. O pai tem uma empresa de engenharia, o que deve conferir a ela um padrão de vida típico da classe média. Trata-se de uma adolescente aparentemente muito impaciente. Provavelmente participou do grupo e da entrevista, estimulada pela amiga Luana que é muito mais dócil e simpática do que ela. Muito mais bonita também, apesar de ser bem mais magra. Luana tem a doçura de uma menininha e os discursos ready-made da classe média. Preocupa-se com qualquer tipo de suspeita que possa gerar em função do consumo de drogas e adere aos valores da família, ainda que isso seja contrabalanceado pela proximidade com uma galera GLS com a qual vem saindo ultimamente. Deu a entender que foi com esta mesma galera que adentrou a cena eletrônica e levou de roldão sua amiga Clara.

Outra dupla de amigos é composta por Thiago e Felipe. Ambos estiveram no grupo focal para a cena eletrônica, faixa etária, 17-20 anos. Ambos fumam maconha diariamente na casa de Felipe, segundo nos disse o mesmo na entrevista. Thiago tem uma filha de um ano e faz estágio atualmente em uma estatal. Os pais estão separados há muito tempo e ele viveu uma fase de sua vida com o avô. Atribuiu à morte do avô o início de sua escalada no cenário das drogas. Começou fumar maconha aos quatorze com amigos do colégio. Reconheceu que está viciado em maconha. Talvez, dos dez entrevistados da cena eletrônica, seja o que tenha a situação social menos favorecida, apesar de morar em um condomínio tranqüilo no bairro do Flamengo, Zona Sul do Rio de Janeiro. Trata-se de um jovem dócil, sorridente e aparentemente já um pouco cansado de suas peregrinações constantes na noite carioca. Ele diz que está tentando parar, mas para isso deveria, reconhece, afastar-se dos amigos, o que para ele é muito difícil.

Felipe é um jovem bem apessoado, baixo e bastante autoconfiante. Aos 18 anos tem uma experiência invejável no consumo de drogas. Parece vir de família bem posicionada. Não reclama da vida em geral e reúne em casa quase todo fim de tarde um grupo de amigos com os quais fuma maconha, dentre estes, Thiago. Segundo ele, isso foi estimulado pela própria mãe que prefere que o filho fume em casa ao invés de vê-lo fumar maconha na rua. Mas o filho não fuma apenas em casa. Fuma também na rua e na rua toma também outras drogas. Felipe diz gostar de ácido e bala. Já cheirou cocaína, lança-perfume e "cheirinho da loló", estando pronto para outras experiências, avaliando sua disposição.

Outra participante do grupo focal rave, faixa etária 17-20, Francini é uma verdadeira personagem. A primeira vez que vi a garota no grupo focal fiquei em dúvida em relação a sua condição de gênero. Cabelo quase cortado no estilo militar, porte físico parecido com um de um garoto, Francini não esconde de ninguém que gosta de outras garotas. Aos 13 anos fazia musculação e tinha um perfil de garoto, a ponto de namorar outras garotas que no início nem desconfiavam que ela era uma outra garota. Foi uma das entrevistas mais

divertidas e ao mesmo tempo preocupante. Francini tem uma experiência e tanta quando se trata de consumo de drogas. Vive com um irmão que ela considera mauricinho e que não toma nenhuma droga. Recebe mesada da mãe que é esteticista e que segundo ela tem uma boa renda mensal, além de receber a pensão do pai que é separado da mãe. De psicofármacos a anfetaminas, ela já tomou chás de alucinógenos, remédios para dormir, relaxante muscular com álcool, ácido, bala, fumou maconha, etc., mas gosta mesmo, ou melhor, adora "dar um tiro" (cheirar cocaína). Este hábito freqüente associado a uma trajetória recheada de consumos perigosos pode estar destruindo-a fisicamente. Francini tem a aparência de alguém que já tem uns 27 anos. Não basta dizer isso: é alguém de 27 anos e que está mal-tratada. Sua entrevista é simplesmente impressionante.

Dênis é um rapaz de 22 anos e que usa dreadlocks, isto é, cabelos com tranças tipo rastafari. Diz gostar de trance, um ritmo eletrônico que é considerado típico dos neo-hippies nesta cena moderna. Gosta de ecstasy e de plantas. Para ele as drogas são um caminho para o auto conhecimento e nesta linha, assume a influência de Carlos Castañeda, que na década de 1970 começou a publicar livros sobre a experiência com alucinógenos e sua relação com um bruxo tolteca nas mesetas mexicanas. Trata-se de um jovem muito inteligente. Diz ter uma excelente relação com os pais.

Marcelo tem 23 anos e um espírito de liderança e autonomia incomuns. Disse ter iniciado um grupo de jovens no consumo de drogas quando era adolescente. Apesar de ser de classe média, morava num bairro cercado de morros e ouvia estórias de trafico e bandidos de sua região o que o levou quando criança a brincar de traficar e fingir fumar maconha. Isso aos 8, 9 anos de idade. Exprime-se com muita confiança e parece gostar de se apresentar como uma fortaleza de experiência e vivências.

Suzane é uma moça afável. Branca, 22anos, olhos e cabelos claros, magra, apresenta-se num estilo neo-hippie. Tem uma trajetória muito interessante. Filha de pai músico, ela aos onze anos já bebia cachaça escondida da mãe e logo começou a acompanhar a turma do irmão mais velho que consumia muitas

drogas. Figura muito divertida, faz o curso de Ciências Sociais, mas sua vocação talvez não esteja efetivamente aí, confidencia.

Moema é também uma moça muito agradável. Articulada e experiente, saía com um grupo de garotos e aos 14 começou a fumar maconha. Cursava engenharia química na Federal do Rio, mas abandonou o curso porque o "povo era muito careta". Durante sua estadia em Londres, quando tinha então 18 anos, conheceu o ecstasy. De volta ao Brasil lançou-se de cabeça na cena eletrônica. Já curtiu várias ondas: da bala, da maconha, da cocaína. Atualmente diz preferir consumir doce, ou seja, ácido. Tem uma perspectiva de vida muito esperançosa e é só manter contato com ela para percebermos que o mito do drogado caído e infeliz é completamente inadequado.

Eduardo é filho de um senhor de 75 anos que já chefiou com outros filhos o tráfico numa favela carioca. Hoje com 17 anos, diz que o pai perdeu esse posto quando ele tinha 11 anos. Depois desta destituição o menino começou a fazer pequenos assaltos à mão armada. Trata-se de um agente que não concluíu o primeiro grau e sua forma de expressão é precária, sendo muito calcada em gírias. Atualmente é "vapor", ou seja, vende drogas na boca de fumo onde mora. É evangélico, mas diz precisar consumir drogas para conseguir manter o seu posto de "vapor". Gosta de consumir maconha e de vez em quando adiciona a ela crack, para "dar um levante". Entrevista difícil de ser traduzida e entendida, mas importante em função das revelações inusitadas que ela traz em alguns momentos.

Hudson e Davi são amigos. O primeiro tem 22 anos e o segundo 24. Hudson até tentou fazer algumas entradas na vida criminosa, mas logo viu que "aquilo" não era para ele. Tem um filho de um ano e vende, com o amigo Davi, bilhete de metrô na porta de uma estação na Zona Norte do Rio. Rapaz inteligente, conhece toda a galera do "movimento" (tráfico) da favela onde mora e tem deles o respeito. Gostaria de fazer direito para poder conhecer melhor os seus direitos (não se trata de trocadilho infame), mas não tem condições. Ao ouvirmos Hudson, ficamos com a impressão de que ser ou não criminoso não é apenas uma questão de opção, por mais que ele próprio

assuma este discurso. Hudson poderia ter tido uma trajetória completamente diferente caso não fosse negro, pobre e favelado, por mais que isso cheire a "discurso jurássico". Algumas pessoas vestem com adequação certos rótulos comuns. "Gente boa" não seria uma referência superficial e apenas social, no caso deste rapaz.

Davi, amigo de Hudson, gosta de cheirar cocaína, fumar maconha e "bebe todas". Um pouco taciturno, mas sociável, Davi demora a engatar. Desconfia, tateia e só depois de alguns contatos começa a adquirir a confiança para falar com desenvoltura. Fez direito até o segundo ano, mas teve que abandonar por não ter condições de continuar a pagar a faculdade. Seus 24 anos parecem 30. É pardo e não negro. Nesta condição estão ele e Leandro, as únicas exceções no grupo de funkeiros que entrevistamos.

Mariléia é a entrevista que não funcionou. Esquiva, arredia, parecia estar a contragosto na entrevista. Ali dava a impressão de estar unicamente pelo dinheiro que oferecemos como prolabore de participação. Viciada que precisou ser internada para fazer desintoxicação, ela é uma negra de 24 anos, com parcos recursos vocabulares e sem nenhuma perspectiva na vida. Tem uma filha de 3 anos e trabalhou como avião (levando drogas do morro para clientes no asfalto) durante o período mais agudo de seu vício.

Carol é uma garota negra bonita. A mãe é carcereira e o pai, pedreiro. Aos 14 anos, conheceu um traficante no baile funk da favela onde mora. Com ele estabeleceu uma relação que durou até os 18 anos e que gerou uma filha. Seu companheiro morreu há 3 anos, assassinado em conflito com outros traficantes. O tio de Carol é atualmente traficante na favela onde ela mora. Carol tem facilidade de falar e sentimos da parte dela muita segurança. Atualmente namora um rapaz que trabalha em um fast-food. Ela vende comida e refrigerante numa barraca informal montada na saída de uma estação de metrô.

Rafael é um negro de 24 anos bastante amargurado com os pais. A mãe sempre foi muito autoritária e agressiva e o pai cheirava cocaína na frente dos filhos. Criado com os avós ele resistiu a cheirar cocaína até os 16 anos. Depois

de passar a agüentar a maratona dos bailes funks acabou cedendo aos apelos dos amigos e começou a cheirar cocaína.

Paula é talvez a mais bem posicionada do grupo funk. Digo isto porque cursa atualmente faculdade de pedagogia. Tem um discurso articulado e bastante consciência do que faz. Apenas bebe e fuma maconha. Não considera a maconha uma droga pesada. Odeia a cocaína e a considera um vício perigoso.

Falando em articulação vamos ao mais bem posicionado neste quesito. Leandro é um jovem branco com cabelos grandes, tipo Raul Seixas encaracolado. Ressentido, começou recentemente a ter contato com literatura socialista. Leu uma edição facilitada do Manifesto Comunista e sua entrevista é das mais interessantes, quando observada a sua perspectiva reflexiva em relação à sua trajetória e à sua condição de viciado em drogas. Entrevista para ser lida e relida, principalmente quando ele expõe seus pontos de vista em relação à situação atual do trafico e sua instalação nas comunidades pobres do Rio de Janeiro. Muitos sociólogos que investigam a criminalidade não apresentam visão tão perspicaz e certeira como aquela vista em suas palavras.

Uma de minhas pressuposições neste trabalho era considerar o consumo de drogas como um dos elementos fundamentais para a constituição da identidade dos agentes que utilizam substâncias psicoativas ilícitas. Não tenho dúvidas de que isto ficou explicitado em vários momentos da pesquisa. Baseado na idéia de formação do *self* tal como George Herbert Mead (1962) formula, em seu inestimável *Mind, Self and Society*, originalmente publicado em 1934, a identidade, aqui pensada como sinônima da representação que o próprio agente faz do *self*, é construída por meio dos processos e vivências interacionais, onde sabemos quem somos a partir do momento em que nos vemos através do olhar do outro. Este outro próximo, admirado, companheiro, é a face continuamente reinterpretada de nossa identidade e se contrapõe a uma alteridade correspondente àquilo que não queremos ser e do qual buscamos nos distanciar em representações e práticas. Representações e práticas são

intercambiáveis e assim o consumo de drogas é uma prática que representa algo tanto para os que as consomem quanto para os que as vêem como substâncias integradas às práticas de vida de agentes depreciados e degenerados. Mas dizer isso seria simplificar demais. Veremos, neste rápido percurso em que buscaremos destacar alguns momentos de nossa pesquisa, que as práticas são objetivas, mas os discursos e os valores (além de uma grande parte de todo o conjunto de cogitações e representações que envolvem o uso das drogas) são tortuosos, contraditórios e dúbios: alguns mais, outros menos. Mais em alguns agentes, nem tanto em outros. Mas por que se assombrar com isto? Não seria o nosso terreno movediço em si? Sem dúvida, sim. Bastaríamos ficar no terreno do humano para isto se confirmar, mas aventuramo-nos em pesquisar jovens, ou a juventude como querem alguns. A juventude pode ser apenas uma palavra, como disse uma vez Bourdieu (1983), mas que palavra é esta? Numa definição rápida e obtusa, mas útil, é aquela que resume uma categoria sociológica, indicadora do processo de preparação dos agentes para assumir posições na densa e intrincada cadeia de relações travadas em nossa configuração social específica. É o momento de liminaridade entre uma infância socialmente definida, ainda que apoiada em elementos biológicos/temporais, e a condição de assunção de responsabilidades e posições em esferas fundamentais como a do mercado de trabalho (se bem que no Brasil ainda exista muita criança nesta esfera em seus espaços de informalidade) e os compromissos em torno de projetos coletivos sancionados para cada agente como a formação do núcleo familiar. A juventude é então transicionalidade biológica e social. Mas e as drogas? Seriam elas um contraponto a esta transicionalidade? Talvez. Numa certa perspectiva, sim. Nesta condição, o uso das drogas funciona como uma linha de fuga, mas não pensem que a linha de fuga se opõe pura e simplesmente à transicionalidade sancionada. Teremos condições de verificar estas passagens envolvendo linhas de fuga e transicionalidade, bem como as oposições nebulosas entre outras díades que compõem o pano de fundo teórico experimental que subjaz à nossa análise.

INTERAÇÕES

Meu mundo são meus amigos e o que eles fazem

Se a juventude é liminaridade ou transicionalidade de uma infância para uma "adultescência" (adulthood), antes que seus portadores desta condição tão valorizada retornem aos seus afazeres sérios e convencionalmente aceitos (treino educacional e prático para entrada no mercado de trabalho, aquisição de experiência e introjeção de valores sancionados para a formação de núcleo familiar), alguns sentem uma verdadeira impulsão no sentido de constituir identidade e se pensarem diferentes de tudo o que envolve a vida familiar habitual. Assim buscam o mundo, a rua, o universo de possibilidades, os horizontes que possibilitam novas miradas, perspectivas outras.

Um elemento interessante na fase da adolescência é a separação mais clara entre o grupo familiar e o grupo de amigos. Uma boa chave para entender isso diz respeito ao fato do adolescente passar a não querer ficar em casa, visando o mundo outro além do lar, por meio de empreitadas num ambiente de múltiplas possibilidades, exploradas juntamente com o grupo de amigos.

Guilherme, 16, jovem loiro de classe média alta, filho de um secretário da administração municipal, diz odiar ficar em casa. Só gosta de ficar em casa para dormir (ou seja, quando não é possível interagir). Perguntado sobre as coisas das quais não gostava ele é enfático: "Eu não gosto de ficar em casa. Eu odeio". Por quê? "Eu não gosto de ficar quieto em casa, sozinho. Eu preciso de conversar, de ficar..." Mas você fica em casa sozinho? "Normalmente, não. A minha mãe não trabalha, ela fica mais dentro de casa também", p. 42[4].

Verifica-se que não se trata efetivamente da solidão, pois a mãe do rapaz está quase sempre em casa, mas o que ele quer é companhia para construir suas experiências e vivências mundanas, que possam constituí-lo de modo tal que ele se reconheça como alguém. Isto é ainda mais claro quando Guilherme

[4] À frente de cada transcrição transposta para o texto, indica-se o número da página referente ao texto da transcrição da entrevista de cada agente.

responde sobre o que é importante para ser seu amigo: "pô, gostar das coisas que eu gosto!". E ele continua:

Guilherme: Eu sou uma pessoa que gosta de conversar. Eu sou legal. A gente vê a pessoa pelo papo, entendeu?
Entrevistador: Qual é a característica da pessoa que pra você seria impossível de ser amigo dela?
Guilherme: Alguma figura marrentona, cheia de marra.
E: É?
Guilherme: Eu odeio também cara marrento, assim... cheio de marra.
E: Daí, de certa forma, os caretas...
Guilherme: É...
E: Por isso que você gosta mais de... Você acha que você não é marrento?
Guilherme: Não. Eu não me acho marrento, não! (p. 48).

Guilherme neste breve trecho ilustra bem algumas idéias que são importantes nesta análise: construção de identidade pessoal por meio do conjunto de vivências interacionais (práticas e discursos) com outros significativos, no caso aqui em destaque os amigos, e também o fato de que na passagem da infância para a adolescência existir uma propensão para que o grupo familiar perca a centralidade relacional mais importante e constante para o jovem, que tende a ver no grupo de amigos o eixo principal de suas preocupações e referências.

Clara é uma garota loira de 17 anos e gosta de curtir festas raves. Ao ser indagada sobre a questão da amizade, o que significa e a importância, ela não titubeia: "Ah, pô! Amigo, sei lá... acho que é tudo... sabe? Amizade é tudo! Pô, você está triste vai lá e fala, você compartilha tudo...sabe? Seu amigo está triste, vem conversar com você... sei lá, acho que é tudo. Sei lá... Não saio de casa sem ligar pra um amigo para... pô! Não tem como... não tem como ficar sem amigo"(p. 8).

Os dois jovens aqui citados atribuem uma importância fundamental aos amigos e veremos que isto independe de questões como a inserção social do agente, pois tanto funkeiros, normalmente numa baixa posição na pirâmide da

estratificação social, quanto os "eletrônicos", geralmente de boa inserção nesta mesma pirâmide, apontam a amizade e os amigos como algo fundamental para suas práticas e vivências, principalmente aquelas que se referem ao uso de drogas.

A primeira vez

Com relação ao que mais nos importa aqui, isto é, com relação ao consumo de drogas, quase todos os entrevistados disseram que começaram a usar drogas ilícitas em função da influência e oferta de amigos. Clara, 17, a garota que foi citada anteriormente, falando sobre a importância da amizade, assim relata seu primeiro contato com o ecstasy:

Clara: As meninas que foram (em uma festa rave) já tinham tomado algumas vezes. Aí: "você vai querer tomar?". Eu: "pô, eu quero experimentar!". Aí, falei: "não quero ficar... tipo alucinada. Quero tomar um pouco só, pra ter noção como é que é". Aí eu tomei meia bala (gíria para o ecstasy). Tipo... não deu onda forte... nada, sabe? Fiquei dançando... dançava muito. Tipo... que tem gente que fica atormentada, faz várias caras... Fiquei normal. Só dançava e não conseguia parar de dançar (p. 17).

Dênis, 24, usa dreadlocks e se identifica como "tranceiro" (que gosta de um estilo de música eletrônica chamada "trance"). Aos 14 anos fumou maconha pela primeira vez:

Entrevistador: (...) Mas tu fumou pela primeira vez com quantos anos?
Denis: Eu acho que com uns quatorze.
E: Com uns quatorze? E como é que foi? Foi na rua? Foi dentro de casa?
Denis: Não. Foi na casa de um amigo meu. Na verdade, nem era um amigo, era um grupinho que fumava. Então, eu tentando conhecer um grupinho...
E: Do colégio?
Denis: Era do colégio e também tinha uma gangue... assim... o pessoal tinha uma ganguezinha de pichadores.
(...)
E: (...) Como é que tu chegou nesta galera?

Denis: Ah! Eu acho que todos os meus amigos começaram a fumar antes. Assim... os grandes amigos. Então eu acho que eu fiquei um pouco de fora.
E: E experimentou depois?
Denis: É... fui querendo acompanhar. Fui conhecer. Eu queria conhecer!
(...)
Denis: (...) Por causa dos amigos também, né? Que foram conhecer e você também quer conhecer, né? Eu acho que isso é normal também (p. 4-6).

Felipe, 18, é um rapaz branco que freqüenta festas raves. Ao falar sobre o seu momento de conversão para o uso de drogas, ele comenta:

Felipe: Eu achava tranqüilo, mas chega uma hora que você vê que a parada está para você também.
Entrevistador: Que hora é essa?
Felipe: Quando você vê que não curte mais a festa só daquele jeito (bebendo). Quando você vê que você precisa de alguma coisa a mais pra você começar a entender a festa, pra você entrar no clima dos teus amigos, entendeu? Também é ruim: tá todo mundo num clima e você está numa onda totalmente diferente. Aí comecei a pensar que estava na hora certa, e aí achei que estava e foi, (p. 22).

Falando sobre sua experiência com outra droga, o "cheirinho da loló", Felipe relata:

Entrevistador: (...) E aí, a menina levou? Foi a turma? Um grupo?
Felipe: Não! Só um grupo. Só os amigos assim que... tipo andava mais junto, que usou... Só! (p. 44).

Guilherme, 16, nosso rapaz que não gosta de ficar em casa, fala sobre a sua primeira experiência com ecstasy:

Entrevistador: E a primeira vez que você tomou bala?
Guilherme: Foi também aquela coisa de experimentar, né?
E: Quem que te deu?
Guilherme: Foram os amigos mesmo, né?
E: Os amigos?

Guilherme: É..."vamos enfrentar?" Aí, eu fui e experimentei.

Hudson é um rapaz negro de 22 anos. Neste trecho de sua entrevista ele fala sobre sua primeira experiência com a maconha:

Entrevistador: (...) Como é que foi? Você começou com...
Hudson: Não... Eu comecei a fumar mesmo por causa disso: por conta de prazer... rapaziada: "eles vão fumar um baseado. Eu vou fumar um pra ver como é que é. Fumou, gostou", (p. 24).

Leandro, 24, relata assim sua primeira experiência com a cocaína. O interessante é que ele aponta para uma identificação com "uns malucos" que o estimularam pela primeira vez:

Leandro: (...) Eu estava num clube lá em Nova Iguaçu. Aí, eu fui no banheiro. Estava doidão de cerveja já. Tinha uns malucos cheirando lá e o maluco olhou pra minha cara... assim, e viu que eu era da doidera também. Pô, a gente que é da doidera se conhece, maluco! Olha um pra cara do outro assim e já se identifica já. Aí, ele falou pra mim: "vai?". Eu já tava doidão de cachaça já. Aí, eu falei: "Pô, eu vou provar dessa porra, maluco!" Aí, eu: "já é... vou!", (p. 22).

Luana, 17, amiga de Clara, relata sua primeira experiência com ecstasy:

Entrevistador: Da primeira vez... você comentou... foi na festa GLS? Você chegou a comprar antes? Deixou pra comprar na hora? Dividiu?
Luana: Não! Não fui nem eu que comprei. Foram meus amigos, minha amiga que já conhecia... que usava antes e que sabia com quem comprar, que comprou lá na hora pra mim. Só dei o dinheiro (p. 18).

Antes disso, também, Luana já tinha tido experiências primevas com os amigos:

Entrevistador: E você já experimentou outras coisas, outras drogas? Falou da maconha...
Luana: ... maconha.
E: Como é que foi a primeira experiência?

Luana: Primeira experiência? Foi lá, no meu condomínio. Os amigos meus... que todo mundo... era a primeira vez de todo mundo. Ninguém sabia fazer nada. Não sabia fumar direito. Aí, subiu lá... escalou um negócio lá, chegou lá em cima e fumou. (...) Foi eles que conseguiram. Fui eu, uma amiga minha e dois amigos meus (...).
E: Você tinha que idade na época?
Luana: 12 (anos) (p. 25).

Marcelo, 23, tem uma trajetória um pouco diferente das outras entrevistas. No caso em questão e por razões a serem exploradas posteriormente, ele foi agente que introduziu o consumo de maconha em seu grupo de amigos. Ainda que tivesse posição social típica de classe média, morava num bairro cercado de morros e sempre admirou as atividades que envolviam o tráfico e a criminalidade. Durante sua infância, brincava com os colegas de traficar, assumindo papéis de policial ou de traficante. Simulava o consumo de drogas em suas brincadeiras com os coleguinhas e fingia que ao fumar um fictício cigarro de maconha ficava "doidão"[5]. Ele começou a fumar na escola. Obteve a droga de um servente que faleceu logo depois, em função de seu envolvimento com o tráfico da região.

Marcelo: (...) Desde pequeno, na verdade... assim... pelo ato de fumar maconha... às vezes a gente pegava, quando era moleque, mato e tal e uns negócios lá... E a gente fazia as trouxinhas e trocava. Aí fingia que era maconha e fumava, ficava fingindo que era, e falava que ficava doidão (p. 7).

Ele fala sobre sua atuação de influência junto aos colegas de colégio de posição social melhor do que a sua, no sentido de os iniciarem no consumo de drogas:

Marcelo: (...) Porque a galera que morava lá geralmente circula por ali. Morava na Barra, morava não sei aonde, teve uma situação melhor do que... de repente não tinha contato com coisas que eu tinha contato. Então eu já era mais sabido em algumas paradas do que os caras.

[5] Interessante aqui pensar nos estágios de formação do self assinalados por Mead como o brincar e o jogar, fundamentais, segundo o autor, para que o agente adquira uma imagem de si. Ver Mead (1962: 152-163).

(...) Às vezes, eu vinha assim...Até hoje os caras comentam... eu vinha do intervalo assim e: "porra, acabei de fumar". E dava o maior baforadão assim na cara do camarada. Aí, o cara: "pô, é mesmo?". Ficava todo ouriçado, né? E depois já foi se interessando por si mesmo na parada, eles já me perguntavam... (p. 8).

Moema, 24, durante a sua adolescência, integrava duas "galeras", a do prédio e a da rua:

Moema: A galera mais certinha morava num prédio que tinha play. A galera da rua era uma galera que espalhava... assim...
Entrevistador: Certo, é uma galera maior também, menos concentrada.
Moema: Era uma galera de meninos, mas também era diferente... A gente ia pra praia juntos. Tinha essa coisa de galera ir pra praia. No posto onze, acho... dez: Ipanema, né? Eu sabia que eles fumavam, aí eu falei: "oh! Eu quero experimentar, eu quero ir". Aí, a galera...
E: Decidiu assim do nada?
Moema: É. Queria experimentar, queria experimentar.
E: Quantos anos?
Moema: Eu tinha treze... acho que era treze. Ou então deve ser quatorze, mas eu acho que é treze. Aí, um menino me ligou: "Oh! Estamos indo... estamos indo lá pra casa de não sei quem". Aí, eu fui e foi super engraçado, super engraçado!

Suzane, 22, estudante de Ciências Sociais, diz que usar droga foi uma conseqüência de sair com um amigo maluco que sempre fazia tudo na frente dela:

Entrevistador: Você ali nos dez anos, quando via essa galera já percebia que o pessoal fumava maconha?
Suzane: Não, acho que não, porque eu lembro que tenho um amigo que morava ali do meu lado, que até hoje é muito meu amigo, que sempre fez tudo comigo. A gente cresceu juntos. E ele sempre começava as paradas um mês antes de mim. Eu vi ele fumando cigarro, eu tinha uns onze anos (imitando choro), chorava: "eu não posso fumar. Meu pai tá morrendo com isso". E depois quando ele fumou maconha eu falei a mesma coisa e acabei indo também. Mas tudo isso foi choque... assim, ele falou: "tô fumando cigarro", foi um choque. "Tô fumando maconha", foi um choque. "Tô cheirando", foi um choque. Foi tudo um choque assim. Que eu depois ia atrás...(p.12).

Suzane conta que usar drogas "foi o passe de entrada pra galera que eu sempre quis entrar, entendeu? Eu ficava olhando... é isso: participar da zoeira juntos", (p. 17).

Thiago, 18, nos fala de seu primeiro contato com a maconha:

Thiago: Eu lembro. Eu deveria ter um 13... 12 anos.
Entrevistador: E foi como?
Thiago: Com os amigos no colégio. A gente estudava ali no Leme. Aí, tinha um moleque que morava no Leme. Aí, a gente foi no Chapéu Mangueira (morro ao lado do bairro do Leme)... que no colégio setenta por cento dos alunos era de lá. Então a gente conhecia bastante gente do morro. Então eu nunca tinha subido o morro também na vida (...) Aí, a gente pegou e foi lá, comprou na casa do moleque e ficou fumando lá. Foi até numa folha de caderno (risos). Maior baseadão (risos) (p. 12).

Eduardo, 17, que trabalha vendendo drogas numa boca de fumo de uma favela carioca, nos disse:

Eduardo: A primeira vez foi com um amigo. Foi com um amigo que botou a gente, o primeiro a colocar a gente no radinho... (rádio transmissor usado pelos traficantes na favela)... que deu pra nós experimentar. E nós experimentamos, fumamos (p. 25).

Este apanhado sobre relatos do primeiro contato com substâncias ilícitas destoa em apenas dois casos quando analisadas as 18 entrevistas colhidas. Num deles o início se deu com parentes, os outros dois tomaram iniciativas próprias. Vale registrar a esse respeito o seguinte. No caso do início com os parentes, a entrevistada (Paula) começou a fumar maconha num momento pós-adolescência (seu contato inicial se deu aos 22), o que pode fazer com que o grupo de interação de amigos já não tenha a mesma relevância para as experiências iniciais como no caso dos adolescentes e pré-adolescentes relatados. Nos outros dois casos (Marcelo e Leandro) há que se atentar para uma característica de autonomia e liderança precoces que salta aos olhos em

todo o relato registrado na entrevista destes dois jovens. Voltaremos a discutir isto em outros momentos deste trabalho.

Os amigos na manutenção da prática do consumo de drogas

Se por um lado a questão da iniciação se dá por meio da interferência da atuação de um amigo que possibilita ao jovem o contato inicial com a droga, a manutenção do uso também é propiciada pelo contato freqüente com os agentes que integram a sua rede de interação:

Carol: Sempre tem alguém que fala: "vai lá! Não custa nada!" (p. 6).

A droga passa a ser em alguns grupos elemento integrador e bem valioso com os quais os jovens celebram ocasiões especiais:

Felipe: (...) Churrasco, aniversário de alguém, festa assim...: "vamos tomar um doce (gíria para ácido) pra comemorar!? Não sei que... a gente toma. É de maluco, é de maluco mesmo!
Entrevistador: Pra comemorar aniversário? Você já foi presenteado com bala?
Felipe: Já.
E: É muito comum isso?
Felipe: É normal... normal... normal, sim. Eu também já fiz isso com os outros: "abre a boca pra te dar teu presente". É manero, pô, manero. A gente se diverte (p. 40-41).

Luana, 17, também já presenciou esta oferta como presente de aniversário:

Entrevistador: (...) já viu alguém presenteado... aniversário, alguma situação?
Luana: Já, em rave, até.
E: E é um presente legal?
Luana: Pra quem gosta...se estiver numa rave e ganha de presente uma bala, é muito bom.

Muitos pais não entendem efetivamente a importância do grupo de interação de amigos e acreditam que podem impedir pura e simplesmente a convivência dos amigos por meio de proibições. Luana, 17, conta que depois que sua mãe viu um Globo Repórter em que festas raves eram retratadas como locais de consumo de drogas, ela passou a proibir a garota de freqüentá-las, mas para Luana basta dissimular, desconversar, mentir e assim ela pode continuar interagindo com os amigos que vão às tais festas, pois como já disse Clara, amiga de Luana: "não tem como... não tem como ficar sem amigo"(p. 8).

O espírito de união na turma de Luana e Clara fica evidenciado quando os dez amigos mais próximos fazem vaquinha para comprar bala, porque aí "junta um grupo de dez pessoas e fica mais barato" (p. 19). Estes atos de cooperação e junção de forças em torno da curtição estão completamente integrados no regime de união e fortalecimento do grupo. Mais uma vez a aquisição e o consumo de substâncias ilícitas agem no sentido de unir os amigos.

Luana em sua entrevista expressa como poucos a dependência não das drogas, mas antes a dependência do seu grupo de interação. Ao comentar sobre o uso de uma determinada droga ("cheirinho da loló", substância parecida com o éter, cheirado por muitos jovens no Rio) ela destaca:

Luana: (...) as primeiras drogas que eu usei... loló... essas coisas assim...
Entrevistador: (interrompendo) Ainda usa?
Luana: hoje não tem... quase não vejo o pessoal usando isso. Mas quando eu vejo, às vezes eu uso (p.30).

A união do grupo possibilita a superação dos receios por parte dos agentes que o compõem. O medo do uso, da reação, dos efeitos fica minimizado com a presença constante do grupo de usuários amigos. Com essa presença do outro, ou melhor, dos outros, a experiência do usuário torna-se cada vez maior e o mito de que as drogas são um malefício imediato, também cai por terra:

Marcelo: (...) O que mantém a galera é o medo da parada, do que vai acontecer, do que pode acontecer, de ficar muito doidão. A partir do momento que vai perdendo esse medo já vai conhecendo outra parada, e conhecendo outra, vai vendo que, de repente, é um mito. (p. 9).

Marcelo, 22, é o jovem de classe média com ascendência sobre sua turma e que tem um espírito de liderança nato. Ele desenvolveu isso ao morar em um bairro carioca onde a presença de morros e várias favelas fazia com que vivesse em constante contato com acontecimentos nem sempre usuais para o cotidiano de um pré-adolescente de boas condições sociais. Ele nos disse que convive hoje com um grupo de amigos que gira em torno de dez pessoas. Destas apenas cinco cheiram coca, mas todas elas usam ácido e bala (p. 11).

Marcelo formou o seu grupo. Suzane, 22, também de classe média, sentia-se atraída por um grupo de amigos que freqüentava a sua casa e constituía a galera de seu irmão mais velho.

Suzane: Acho que eu sempre vi que eu ia ser maluca, assim... maconheira... música... que eu sou louca... sempre deu. Desde que eu era muito pequenininha eu freqüentava um condomínio em frente da minha casa, que tinha uma galera do Rio e uma galera de Petrópolis (ela morava em Petrópolis nesta época). Juntava todo mundo. E sempre andei com gente mais velha... com os amigos do meu irmão. Então eu os via enchendo a cara... aquela galera tocando violão, eu achava o máximo! "Um dia eu vou chegar lá" (p. 11).

Da galera de Petrópolis e do Rio, Suzane, ao crescer continuou se relacionando com outras duas galeras: a dos moderninhos, com as quais ela cheirou cocaína aos dezesseis e a galera neomatuta de seu curso de Ciências Sociais, com quem fuma baseado e curte muita MPB. Já se destacou anteriormente o fato de que Suzane afirma com muita tranqüilidade que usar drogas "foi o passe de entrada pra galera que ela sempre quis entrar" (p. 17).

Durante a sua adolescência gostava de curtir com a galera de Petrópolis com quem fumava maconha, aproveitando as cachoeiras e a exuberância da natureza nesta estância hidromineral (p. 19). Ainda hoje, vê os amigos quase todos os dias e também quase sempre curte fumar um baseado com eles (p. 7).

Mesmo para Paula que começou a fumar por influência de suas primas e não por influência de amigos e que busca esconder o seu hábito de fumar, evitando consumir maconha nos bailes funk de sua comunidade, a intervenção de amigos já a fez cair em tentação:

Paula: O baile pra mim... sei lá, o baile me atrai essas coisas. Por exemplo, se eu for pra uma festa e tiver pessoas que não usam eu não vou ter aquela necessidade tão grande de eu fazer, se fizer, assim... se rolar, eu vou fazer... lógico, mas se não, não vou fazer. Aí, pra mim é indiferente... (p. 21).

Como disse Davi, 23: "O fato de outras pessoas usarem (referindo-se aos amigos) influencia bastante", p. 43.

Interações e proximidade

O consumo de drogas de modo compartilhado é uma outra forma de tornarem os jovens mais próximos uns dos outros. Em diversas entrevistas pudemos perceber a importância que se dá à proximidade, ao contato, à interação com os outros semelhantes. Esta proximidade pode ser física ou simbólica. No caso do consumo de drogas pode-se dizer que é tanto física quanto simbólica.

Clara, 17, diz que a estratégia para que o grupo mantenha a proximidade numa festa rave é marcar um local onde todos podem se encontrar e onde sempre se pode ir com a certeza de encontrar alguns amigos da turma.

Clara: É. Já tem um ponto ali. Se se perder todo mundo fica ali, já tem gente conhecida ali com certeza, sempre... em todas as festas a gente fica. (...) Sei lá, um som mais alto, não sei, um ponto de encontro ali. Todo mundo se encontra ali. Já tem um lugar certo, na caixa da esquerda (por exemplo) a gente sempre fica (p. 13).

Da preocupação com a proximidade física ao uso simbólico e compartilhado de substância ilícitas. Alguns relatos dão conta de que os jovens gostam de consumir drogas em grupo: proximidade física e simbólica.

Clara: Não. Agora, até curto (fumar maconha)... tipo. Mas eu curto mais em galera... tipo, a onda que o pessoal, assim...pô, sei lá! Não tem porquê você ficar dormindo praticamente, é muito lerdo, muito lerdo. Aí, eu prefiro mais quando tem mais gente, começar a trocar uma idéia... (p. 32).

Denis: Eu não sei... mais com uns amigos. Eu acho que a idéia era mais essa mesmo. Juntava um grupo de amigos e andava a galera junta.
Entrevistador: Mas na rua? Na casa das pessoas?
Denis: Mais na casa.
E: Mais na casa, entendi. As pessoas iam pra tua casa também?
Dênis: Também. Eu acho que a minha casa sempre foi um foco assim também. A gente ia pra lá pra fumar; as pessoas sempre iam pra casa ouvir música, um som...(p. 3).

Rafael, 24, não gosta de ir aos bailes funks sozinho. Em destaque, o auxílio mútuo que os amigos podem prestar uns em relação aos outros. Desde ajuda em circunstâncias de violência, até partilha de despesa, empréstimos, etc.:

Entrevistador: E como é que é? Você vai com seus amigos?
Rafael: Vai com os amigos. Sozinho ali pega, mas é raro, mas, às vezes, eu vou sozinho, mas... difícil. É mais um, eu e mais um, eu e mais dois... Não gosto muito de ir sozinho, não. Pra qualquer coisa tem um... dois juntos. Se acontecer alguma coisa de mais, discussão... ir sozinho fica meio estranho. Não gosto, não (p. 27).
(...)
E: Mas você vai sexta e sábado, né?
Rafael: Sexta e sábado. Às vezes, um tá duro, outro tá com dinheiro. Às vezes, eu tô duro, ele tá com dinheiro, às vezes, o contrário (p. 44).

Felipe, 18, quase nunca vai a festas raves sozinho, se tiver que ir vai, mas não costuma ir só (p. 10). Com relação ao consumo de ecstasy ele nos disse:

Felipe: Sempre, você, pô... quer chamar um amigo... se amarra nele, quer fortalecer o cara ("fortalecer" é gíria para dar uma ajuda em tudo: apoio moral, emprestar dinheiro, etc.). Poxa, eu vou tomar meia, aí, o cara também se amarra em você: "vamos tomar meia?" e acaba você ganhando... dando... nunca se consome sozinho. Eu, pelo menos, sou assim: não gosto de consumir nada sozinho, não! Os moleques sempre me fortalecem... também eu fortaleço eles (p. 26).

Veremos, mais à frente, que a cocaína é uma droga que não costuma promover sempre a integração do grupo, mas para Francini, 18, garota que diz preferi-la em relação às demais drogas, não é isto o que ocorre: "cheirar com alguém é melhor do que cheirar sozinha". Ela explica:

Francini: Quando você tá sozinho, você quer ficar doidão (...) Quando você está com alguém você se distrai, você cheira de uma em uma hora. Quando você está sozinho, você cheira de dez em dez minutos. Sabe qual é? (p. 24).

Guilherme, 16, só usa drogas quando tem uma festa e os amigos o chamam: "eu nunca usei sozinho, sempre em grupo" (p. 20). No último carnaval (2005), ele alugou uma casa com os amigos no Espírito Santo. Das 18 pessoas ali presentes, 16 usavam drogas (lança, maconha e álcool). A faixa etária variava entre 16 e 28 anos. Apenas um casal não fazia uso de substâncias psicoativas (p. 36).

Em função das características do ecstasy, assunto a ser discutido mais à frente, Marcelo, 23, acredita que a bala tem a ver mais com a união da galera (p. 17) e acrescenta:

Entrevistador: Não curte muito tomar sozinho?
Marcelo: É!
E: Entendi, é preferível tomar...
Marcelo: É, porque quase sempre o cara está perto do outro, chamando pra alguma coisa. É difícil ficar sozinho. A não ser que... sei lá, você está com a namorada, e tal. Mas também não é sozinho, né? (p. 17).

Entrevistador: E as saídas? Esse lance de ficar junto com a galera, de tomar e tal... É o quê? Na casa de alguém ou em saída?
Marcelo: Ah! Os dois. Sempre tem... ultimamente tem tido muitas festas na casa da galera. Mas saindo também. A gente sempre sai e tal. Vamos todo mundo junto, ou não vai junto e se encontra. Aí, vai encontrar um outro e daqui a pouco vai e vem e já forma um grupo lá dentro (p. 18).

O consumo de drogas junto com a sua galera potencializa a sensação de proximidade, o que tem um impacto muito importante na formação da identidade dos agentes, quando estão com a sua própria galera.

Entrevistador: E aí, fica meio fora tomar com outra galera?
Marcelo: Não que seja com outra galera, mas, de repente é uma pessoa que eu nunca vi na vida e sentir a energia da pessoa... porque você sente, né? (p. 35).

A proximidade física e simbólica também é explicitada por formas de comunicação não-verbais:

Thiago: Mas numa rave assim... ninguém fica conversando, fica tipo... uma roda assim... dançando. Não é que as pessoas não se comuniquem. Elas só não se comunicam por palavras. Comunicam assim: se a festa tá bombando, você faz uma cara... tipo, pô, legal, tá irado! A pessoa começa a bombar (gíria para diversão) muito junto contigo, começa a dançar. Rola uma comunicação, mas não é muito verbal (p. 22).

Com relação à questão da comunicação entre os agentes, verifica-se também que os usuários desenvolvem um linguajar específico que busca cifrar a prática do consumo, excluindo os não-iniciados e aproximando os companheiros de condutas recriminadas por significativa parcela de pessoas. Davi, 23, cita o fato de que o uso da maconha faz criar entre os usuários um tipo de gíria específica que os integra. Era comum ouvir de seu amigo: "e aí, Davi? Vamos falar com o Jerry", cifrando um convite para irem fumar juntos um baseado (p.7).

Na mesma sintonia

Clara, 17, diz que não há festas raves para curtir todos os fins de semana. Assim, algumas vezes ela e seus amigos fazem o que eles chamam de festinhas privês. Nestes encontros é importante, segundo ela, estarem todos numa mesma sintonia. E nesta mesma sintonia é importante pensar o uso ou não da droga:

Clara: Privês... mas tipo, se você está numa prive de todo mundo tomar, eu nunca tomei, mas acho que dever ser manero, porque todo mundo na onda, sabe? Bota um som legal... Agora, todo mundo lá e só você tomar... você ficar muito louca e todo mundo, pô, sabe? De cara (careta) assim olhando pra você doidão, acho que você vai chacotar... vai, entendeu? Não tem necessidade... (p. 31).

(...)

Entrevistador: O fato de você estar com ele (um amigo) e saber que ele está... que ele também usa.. você acha que sente um pouco mais de segurança de experimentar?

Clara: Eu acho que se eu usar com ele... junto, assim, junto com ele numa festa, fico. Não só com ele. Se eu usar com uma amiga minha, que já usou e ela quer usar também, aí, tipo: "quer experimentar hoje? Então experimenta!", porque as duas vamos usar. Acho mais manero, sabe? Eu não gosto de curtir onda da parada sozinha, sabe? Se lá só eu estou louca... tem que estar todo mundo, sabe? Se não tiver ninguém eu não vou usar, vou ficar igual a todo mundo (p. 40).

A questão da sintonia e da identificação é diretamente abordada por Denis:

Entrevistador: Você acha que droga acaba sendo um elemento muito forte de identificação?

Denis: Também. Eu acho que acaba sendo sim. Eu acho que sim. De tudo. De entrada nos grupos... de várias coisas. De entender a festa em si, de participar... Mesmo de participação na coisa. Às vezes, mesmo que diz que não usa, eu acho muito complicado. Eu tento entender, mas eu acho muito complicado... que está ali no meio é muito complicado mesmo.

E: O quê? O cara que está ali no meio e não usa?

Denis: E não usa. Eu não sei nem dizer, mas de alguma maneira o cara está fora. Mesmo que eu não quisesse e, logicamente, ninguém quisesse, infelizmente parece que ele não comunga de certa... de alguma coisa ali. E é o que é estranhíssimo. Fica no olhar, às vezes. Você vê quem está, quem não está. E você tem certeza só pelo olhar que aquele cara não está (p. 41).

Como já citado anteriormente, para Felipe o momento do uso da droga nas festas raves ocorreu quando ele precisava de algo mais para "começar a entender a festa, pra você entrar no clima dos amigos", pois "também é ruim: tá todo mundo num clima e você está numa onda totalmente diferente" (p. 22). Francini também citada anteriormente dizia que quando ficava sozinha queria ficar "doidona" e assim normalmente, sem companhia, cheira de dez em dez minutos, enquanto com um amigo, ela se distrai e cheira de uma em uma hora (p. 24). Aqui a companhia a desvia da cocaína por um tempo maior. O interessante é pensar a questão da cocaína como uma "viagem" menos interativa, o que será abordado posteriormente, ao passo que nos outros relatos vemos uma necessidade dos jovens estarem na mesma sintonia dos outros, seja isto ficando "de cara" (careta, sem usar droga) ou embalando com um ou mais companheiros na sintonia de um estado de consciência quimicamente alterado.

Bastante significativo com relação à importância dos amigos e das interações positivas na "viagem" é o relato de Francini comentando sobre suas experiências com ácido (doce) em diferentes lugares:

Entrevistador: E aí, tem diferença Francini?
Francini: Cara, tudo depende das pessoas que estão à sua volta.
E: É? Como o quê?
Francini: Porque se você tomar numa boate, você não conhece ninguém dentro de uma boate e daí você tá dentro da boate, tá se divertindo, tá cheio de gente gata do teu lado, você vai se divertir. Se você toma dentro de uma casa, com um monte de neguinho que você não gosta...
E: ... vai ser horrível, vai ser... Qual é a sensação?
Francini: Não sei, porque eu nunca tomei pra saber, porque eu não gosto. Agora, se você está dentro de uma casa, com seus amigos, então os seus amigos estão tomando e você também está tomando, então... ótimo! Tranqüilo! (p. 37).

Guilherme, 16, o nosso caçula nas entrevista, modelo de festas de aniversários, diz que só toma ou usa drogas em festas ou em viagens com os amigos como ocorreu no último carnaval:

Guilherme: Eu não sou aquele cara viciado, de ficar lá no ponto. Eu fumo é quando neguinho me chama, que tem uma festa, igual eu te falei (...) Eu nunca usei sozinho: sempre em grupo! (p. 19-20).

Há as diferentes sintonias das drogas e evidentemente isto se reflete em seus usuários. Marcelo não tem dúvida que a bala tem a ver mais com a união da galera: "eu acho que bala é mais grupo" (p. 17) Hudson, faz uma distinção entre a galera da erva e a galera do pó. Diz fazer parte da primeira que é aquela onde o pessoal fica relaxado, na boa. Já a última é a galera do povo nervoso, agitado, neurótico, que fica olhando pra tudo quanto é lado, brilhando, enfim, "horrível", segundo ele (p. 32).

Para Moema às vezes basta apenas tomar drogas, não importa se diferentes, para que os parceiros entrem em sintonia. Isto não exige palavras, como diz Thiago, na seqüência:

Moema: Ainda mais se você tiver você e mais um. Porque se você toma uma coisa junto com a pessoa, especialmente se for a mesma quantidade vai bater. Às vezes, até se forem coisas diferentes, se vocês tomarem juntos, então vai bater alguma coisa parecido, vocês vão se entender ali no meio daquela loucura, vocês dois vão estar se entendendo.
Entrevistador: Vocês dois, ou três ou cinco...
Moema: É. E se você está na festa com muitos amigos, às vezes você olha ao redor, você tá muito louca, você olha no olho das pessoas e você se comunica positivamente, rola só um... uma coisa, é isso. Tá gostoso, tá ótimo, tudo num olho, e isso é muito gostoso. Você tá lá numa onda foda. A gente tá lá por quê? Porque a sensação é maravilhosa, se a sensação não fosse boa, a gente não tomava. Então se você tá numa festa, se você tomar um ácido ou um ecstasy, com um pessoal bom, ouvindo um som, no meio do mato de preferência, um som bacana, é bom demais! Uma das melhores coisas que eu conheço na minha vida! (p. 34-35).

Thiago: Mas numa rave assim... ninguém fica conversando. Fica tipo uma roda assim... dançando. Não é que as pessoas não se comuniquem. Elas só não se comunicam por palavras. Comunicam assim: se a festa tá bombando, você faz uma cara tipo, pô, legal, tá irado. A pessoa começa a bombar junto contigo, começa a dançar. Rola uma comunicação, mas não muito verbal, p.22.

Para os que não usam drogas em momentos em que os amigos usam, é preferível ficar com aqueles que também não usaram. Luana comenta sobre as vezes que estava "de cara" (careta, sem usar droga) com uma galera numa festa rave:

Entrevistador: Então, é difícil quando de modo geral o grupo usa... que você está...?
Luana. De cara! Aí eu fico sozinha.
E: Que é ficar sozinha?
Luana: Ficar sozinha... vou querer ir no banheiro: "vai no banheiro comigo? Ah, não... não! Quero ficar dançando". Aí, fica dançando, aí, não tem com quem... não conheço ninguém... não quero beber, vou ficar aqui, vou ficar dançando, aí, não dá! (...) Tem que ter alguém que não tome pra ficar lá (p. 21).

A busca da mesma sintonia no caso de Moema a fez largar o grupo de amigos caretas. Era com os amigos intelectuais e artistas com quem ela se dava bem:

Moema: É, larguei a faculdade há três anos, porque eu não conseguia conviver com as pessoas caretas, eu achava aquilo um mundo muito limitado (p. 20).

Suzane sempre esteve próxima da galera mais velha que bebia e fumava maconha e que convivia com o irmão. Ela costumava pensar: "um dia vou chegar lá" (p.11). Usar drogas foi o passe de entrada para participar do grupo de "jovens malucos" que ela sempre admirou (p. 17).

As identidades e a sintonia algumas vezes se concretizam em um ambiente específico como é o caso do posto 9 em Ipanema, lugar onde Thiago gosta de encontrar os amigos (p. 9) e "point" conhecido na praia como o lugar da "galera da fumaça".

A identificação dos amigos também se dá por meio das práticas e dos segredos que elas suscitam. Felipe só gosta de comentar sobre seus hábitos de consumo com pessoas que também consomem. Assim, mesmo desconhecidos que usam podem ser companheiros de assunto:

Felipe: (...) porque eu uso alguma coisa, porque eu deixo de usar, acho que é problema meu usar.
Entrevistador: Uma situação... se você estiver num grupo que você não conhece... te apresentar, chega alguém... começa a rolar o papo, um outro fala que é usuário...
Felipe: Aí, já é um assunto para você poder falar com aquela pessoa.
E: Você acha que dá pra levar?
Felipe: Quando é assim é tranqüilo. Sabe que a outra pessoa está usando também... é tranqüilo. Pode trocar uma idéia, tipo assim... entra na conversa.
E: É motivo para iniciar uma conversa?
Felipe: Com certeza. Quanta gente já não conheci por causa disso? Quanta gente? Conheço muita pessoa por causa de festa, de rave, de droga, por causa de muita coisa, p. 42.

As drogas, as festas, as práticas segredadas, entre outras coisas criam um espectro de possibilidades de contato que expandem as possibilidades de encontros, tal como mencionou Felipe, no excerto anterior. Clara, 17, também faz referências a este respeito:

Entrevistador: Você estava falando de pessoas que de tanto você encontrar...
Clara: Sempre. Tipo, rave é uma coisa assim que você está na frente dançando e tal, vê uma pessoa... sempre fala com você: "pô, festa muito boa!". Todo mundo se fala, sabe? Sei lá... não tem essa de ficar dançando e nem olhar pro lado. Todo mundo fala com você: "oi! Tudo bom? Não sei quê...", p. 14.

Luana, 17, amiga de Clara, também comenta sobre essas possibilidades de encontro com pessoas diferentes em festas que depois acabam se encontrando via MSN ou ORKUT, na Internet. Estas falas de Luana, Clara e Felipe, fazendo menção ao fato de encontrarem novos amigos em festas raves e depois inclusive voltando a contactá-los em ambientes eletrônicos é uma característica que os diferencia do pessoal que curte bailes funk. Esta diferenciação tem aspectos sócio-econômicos importantes que serão tratados em outro momento.

Para fechar esta questão da sintonia e apontar para uma questão delicada em que as drogas ampliam possibilidades de contatos, permitindo, inclusive

este contato com agentes que vivem à margem da lei, vale registrar a fala de Marcelo, outro entrevistado vinculado à cena eletrônica:

Marcelo: Ah! Muitas vezes você vai e conhece o cara, conhece o maluco que te vendeu. Então, de repente, cria um certo vínculo com o cara, rola uma amizade e começa a conviver junto e já forma mais uma galera e tal... fica junto. Mas com certeza, a gente conhece muita gente através disso... através das drogas, p. 21.

A preocupação com os amigos

As redes de interação são verdadeiros oásis de segurança em meio a um mundo hostil, conflituoso e problemático. Para os jovens que estão envolvidos com as drogas isto é ainda mais relevante, pois em muitas situações o auxílio de um companheiro é muito mais do que bem-vindo: é simplesmente inestimável. Clara, 17, relata sua preocupação com amigos e amigas que vão tomar a droga pela primeira vez:

Entrevistador: (...) Já rolou de alguma situação... tipo segurar a onde de um colega?
Clara: Já. Quem toma pela primeira vez, tipo, minha amiga... vai comigo, vai tomar pela primeira vez... pô, já fico perto dela, sabe? Fico de olho e sempre rola ficar preocupada... alguém... eu fico: "ai, meu Deus, será que tá com um mal? Uma coisa...". Nunca um amigo deu problema de ficar mal, de ficar... de ficar cuidando, p. 28.

Rafael vê nos amigos um apoio para qualquer situação de conflito inesperado: "pra qualquer coisa, tem um, dois juntos. Se acontecer alguma coisa de mais, uma discussão... Ir sozinho fica meio estranho... não gosto não!", p. 27.

Tanto Thiago, 18, quanto Clara, 17 já tinham sido mencionados ao dizerem que "amigo é amigo", para tudo, para o que der e vier. O consumo de drogas ajuda a tornar mais forte os laços da rede de interação, por meio de ajudas e auxílios recíprocos em situações difíceis que vão desde a falta de dinheiro até a ajuda num momento de mal estar causado pelo consumo excessivo, passando inclusive pelo socorro em momentos de conflitos e agressões.

Entrevistador: E você tem algum receio em relação à droga?
Davi: Pô, eu não tenho! Medo? Eu não tenho. Com a cocaína já teve vezes de dar medo. De estar usando e: "péra aí, eu não estou sentindo mais a boca... será que a minha língua vai enrolar?". E nisso você sente um certo receio e pára, entendeu? Esse é o único receio.
E: E nessa situação você estava sozinho ou estava com outros?
Davi: Geralmente tem pessoas.
E: E você chegou a comentar com as pessoas?
Davi: Já. Eu comento.
E: E dá alguma segurança o fato de você estar usando e aí acontece isso e você está em grupo, com colegas do lado?
Davi: Sem dúvida, né? Se não tem alguém pra socorrer... (risos), p. 44.

Contrapontos à rede de interação: afastamento, parceria amorosa, parentes.

Quanto à possibilidade de se afastar das drogas e parar de consumi-las, vários entrevistados têm consciência que isso só é possível quando tomam a decisão de se afastarem do grupo com o qual interagem e com o qual fazem uso de substâncias ilícitas:

Hudson: (...) Eu acho que seria mais fácil de parar, ainda mais se eu me distanciar da rapaziada... eu paro direto... vai ser mais fácil ainda. Eu não estando naquele ambiente ali eu já reparei que eu fumo muito menos quantidade. Outra vez que eu só fumei um baseado num dia todo... eu sei que eu fumei um... em um dia. Um! (p. 65).

Leandro: (...) A primeira coisa que o cara tem que fazer pra parar de usar droga é se afastar. De quem? De todos aqueles amigos de droga que você tem. Se afasta! Procura outras amizades! Porque a partir do momento que você procura outras amizades... é outro tipo de conversa, outro ambiente que você vai freqüentar, você entendeu? (p. 41).

Entrevistador: Mas você sente vontade de parar? Em algum momento você sentiu vontade?
Thiago: Já. Eu acho que eu devia ou parar ou dar um tempo. Porque fumar é foda. Eu acho que o primeiro passo pra isso dar certo é eu parar de ter o convívio tanto assim com os amigos.
E: (...) E por que você acha isso?
Thiago: Porque eu estou com eles e eles estão fumando o tempo todo...
E: ...E aí, se você estiver com eles não tem como parar...

Thiago: (Risos) É tipo isso. Eles estão fumando o dia inteiro... eu te falei: de manhã, antes de ir pro trabalho ... (...).
E: Mas você acha que pra você parar, você tem que parar com o convívio.
Thiago: Isso... o convívio direto. Pelo menos durante a semana... assim. Pelo menos o convívio direto (...) (p. 27).

Thiago, 18, diz que a sua namorada funciona como um contrapeso à influência dos amigos, mas isto não é suficiente para demovê-lo da idéia de conviver com os amigos, pois repetindo o que já tinha dito uma outra entrevistada, "amigo é amigo":

Thiago: (...) Pega no meu pé demais. Talvez essa cobrança dela até me faça bem, sabia? Porque se ela não ficasse muito no meu pé, eu ia estar até pior.
Entrevistador: Você já está junto dela há um ano?
Thiago: Tem mais.
E: Mas mesmo assim você não larga o teu grupo de amigos...
Thiago: Não (risos) porque amigo é amigo, não tem nada a ver...

Outro que menciona a namorada como um contraponto à sua rede de interações de amigos é Guilherme, 16.

Entrevistador: (...) Bem, agora com a namorada você deve sair menos...
Guilherme: Muito menos. Eu estou bem mais parado. Vai fazer quatro meses que eu estou namorando.
E: Isso é bom ou mau?
Guilherme: Eu gosto dela, então eu estou paradão. Ela não gosta também de usar nada disso... é totalmente diferente.
E: Mas ela nem sabe que você usa?
Guilherme: Já sabe... que eu já usei.
E: Você falou pra ela?
Guilherme: Falei.
E: Por que você falou?
Guilherme: Ah! Ela perguntou, aí, eu falei.
E: E aí, você ficou meio...?

Guilherme: Não! Eu falei normal para ela. Ela ficou só frustrada...só. Eu só falei que eu estava parado, que tinha parado de usar. Depois que eu estou namorando com ela eu estou paradão. Tem muito tempo que eu não uso.

E: Tem muito tempo que você não usa?

Guilherme: Tem.

E: Nenhuma delas?

Guilherme: Tem uns três meses que eu não uso.

O próprio Guilherme já havia mencionado o fato de que quando alugou uma casa no Espírito Santo para passar o último carnaval, dos dezoito amigos ali presentes, apenas dois, um casal de namorados, não fez uso de drogas naquela ocasião, p. 36.

Ele assume que "com os amigos é mais zoação. Com a namorada eu fico mais quietinho, agarradinho" e afirma também que dependendo do contexto é melhor namorada, num outro, é melhor galera. Há aqui uma referência ao aspecto espacial e temporal que discutiremos em outro tópico. Por ora, é importante frisar o papel que as parcerias amorosas podem desempenhar no sentido de se contraporem ao circuito de interações possibilitado por uma determinada rede de amigos.

No entanto, nem sempre podemos pensar a parceria amorosa como saída desta rede. Às vezes, ocorre o oposto. Tudo dependerá da forma como o parceiro (a) se relaciona com a rede do agente. Carol, 24, por exemplo, tem um namorado que fuma com ela, p. 8. Clara, 17, também namora um parceiro que costuma tomar ecstasy com ela nas festas raves, p. 26. Felipe, 18, busca suas parceiras, tentando decodificar se a menina usa ou não a droga:

Felipe: (...) Você trocando uma idéia você sabe. Você percebe até pelo jeito da pessoa. Pô, eu acho que pelo menos eu sou assim. Você está conversando com uma pessoa... Se eu estou conversando com uma pessoa... pelo jeito dela, pelo jeito de falar... começa a, tipo assim, conversar que falou de rave, começa a falar que já foi em festinha, já fez isso, já fez aquilo: você já dá a entender que a pessoa consome alguma coisa. Aí, você pergunta e a pessoa fala. Pô, entra na conversa. Droga é muito sociável, eu acho, p. 43.

Ao ser perguntada se fumava sozinha, Luana, 17, respondeu que não, sempre com alguém: com as amigas ou com o namorado, p. 25. No caso de Moema, 24, suas parcerias amorosas nunca conflitaram com o grupo de amigos. Num período de sua vida chegou, inclusive a namorar um traficante, que acabou ajudando a tirar do tráfico: "(...) Tirei do tráfico. Um menino que eu namorei dois anos. Ele traficava", p. 30. Davi também não teve problemas com as namoradas: elas nunca o atrapalharam quanto ao fato de usar maconha, p. 21. A atual, inclusive, é companheira de "viagens": "é normal. Até a menina que eu estou saindo agora também fuma", p. 28. Davi, no entanto, relata a seguinte interação com uma parceira:

Davi: (...) Eu já tive problema com uma... que era estória de cocaína (ele consome a droga). Eu larguei dela por causa disso.

Entrevistador: E como é que foi? Você já estava com ela? Qual o tempo que vocês ficaram juntos?

Davi: Um ano, mais ou menos. Mas...ah! Uns seis meses, direto, assim...Mas só que ela... o problema era a vida. Era uma advogada, vinte e nove anos. Era uma mulher excelente, sóbria, nota dez, cabeça e tudo pra trocar idéia, mas bebeu... tinha que ter cocaína. E ela não tinha limites. Em São Paulo (cidade onde morou alguns anos) eu tinha até conhecimento de comprar. Comprava mais em atacado. Digamos "atacado", porque comprava empedrado. Aí, não tinha como ser misturado. Eu comprava a droga assim, mais pura e levava pra ela: "eu vou levar um tanto assim que ela vai usar e não vai me perturbar mais". Humm... ela usava e ainda queria mais. Aí, chega uma hora que não dá: "segue o seu mundo e deixa eu seguir o meu, porque não dá!". Eu quero... quero uma pessoa pra me ajudar. Pra me afundar, deixa que eu me afundo sozinho, p. 40-41.

No caso dos parentes, especificamente tratando-se de irmãos e primos (os pais serão analisados em outro momento) ocorre algo parecido, ou seja, às vezes funcionam como um freio para a integração do jovem na rede de interação de amigos que usam drogas e outras vezes integram-se a ela fortalecendo a adesão do parente a esta mesma rede.

Thiago, 18, tem uma irmã de 16 que não fuma baseado, mas gosta de freqüentar festas raves e já tomou ecstasy, p. 13.

Paula, 24, começou a fumar maconha aos 22 anos com as primas. O caso dela é um dos poucos onde se relatou um início de uso que não fosse com os amigos. Isto pode ser explicado em parte pela adesão tardia, quando consideramos a idade de início dos outros entrevistados. Isto não quer dizer que adesões mais tardias não possam ser feitas através de amigos, mas há algumas especificidades como a proximidade das primas, sedimentada por meio de relações recíprocas construídas ao longo da adolescência que permitiram este rito iniciático diferenciado. Ela tem uma prima casada com um sujeito viciado em maconha: "fuma todo dia, quando não consegue fica numa ansiedade, numa inquietação terrível". Ela, só fuma quando vai na casa dessa prima, porque lá sempre tem, ou alguma outra vez nos bailes funks que freqüenta, quando algum amigo mais próximo oferece, p. 16.

Há casos, como o de Eduardo, 17, que usa crack e maconha. A namorada, que fuma cigarro comum e que vive atualmente com ele, pediu para experimentar maconha, mas ele recusou: "eu não vou te deixar". Ele explica a razão:

Eduardo: Porque se ela experimentar, ela vai ficar viciada e eu não quero mulher viciada, tá entendendo?, p. 48.

Eduardo tem uma rede de relações familiares complexa e complicada. Diz que os irmãos são todos "safados" e que "contar com a família é a pior coisa que tem", p. 5. Tem muitos parentes que usam drogas. Alguns de seus irmãos juntamente com seu pai, foram, durante um período de tempo "donos do morro" onde mora. Um desses irmãos faleceu numa guerra de facções pelo controle da venda no local. Esta situação é, no entanto, bastante peculiar e merecia uma análise circunstanciada e específica.

Enquanto falamos de uso de drogas podemos pensar na importância da rede de interações. Ficou claro na pesquisa que a questão do abuso é o primeiro passo para que se pense numa outra saída da rede de interações. Algumas

drogas têm um potencial desagregador maior do que outras. A cocaína é uma delas, o crack, outra. Iremos discutir isso mais à frente.

DROGAS

As sensações de prazer

A maconha

Começamos agora a discutir aspectos específicos referentes às substâncias psicoativas que os jovens consomem. Trataremos de verificar as sensações de prazer, as sensações de desconforto, as redes possibilitadas por cada substância, aspectos relativos à influência destas substâncias para a atividade sexual dos agentes e finalmente a questão do estigma que elas projetam em seus usuários.

Das substâncias psicoativas que têm seu uso classificado como ilícito, a maconha é a mais usada e também a mais popular. Todos os entrevistados usam ou já usaram a maconha. Eles apontam razões para justificarem este uso baseando-se principalmente nas sensações de prazer proporcionadas pela droga.

Ela é tida por muitos como uma espécie de tranqüilizante, algo que propicia um relaxamento:

Carol: Ah! Eu me sinto super leve... super tranqüila. (...) Não tem nenhuma preocupação na sua cabeça, você não se lembra de nada (...) Viaja em tudo o que os outros te falam: pode te xingar e te arrasar que tu não tá nem aí, p. 8.

Hudson: (No início era por puro prazer) (...) depois eu comecei a fumar pra... tipo assim... pra dar... tipo uma relaxada, uma acalmada, p. 24.

Paula: Você fica mais tranqüilo, mais calmo, você fica mais agitado... Porque, normalmente maconha acalma, mas eu já fiquei agitada fumando. Sinto muita fome, de querer comer, sabe? Mas é um mundo que a gente vive aquele mundo. É um mundo assim... um mundo sem

problema nenhum. Você fica meio zen, meio nas nuvens, meio desligado de tudo. É mais ou menos isso o que eu sinto, p. 15.
(...)
Entrevistador: A maconha é boa para quê?
Paula: Pra relaxar, pra aliviar o stress, p. 26.

Davi: (...) A maconha já é mais um tranqüilizante, p. 26.

É comum a maconha aparecer como motivo para alegria, para o riso fácil, para possibilitar a descontração:

Carol: (...) Tudo o que os outros falam pra você vai viajando, ri à toa, sabe? p. 7.

Davi: (Falando de sua primeira vez) (...) Compramos, voltamos e conseguimos entrar numa casa abandonada lá. A gente estava fazendo um churrasco. Aí, ficou todo mundo rindo à toa, que nem palhaço, p. 18.

Eduardo: (...) Tipo... sei lá! Sente uma outra pessoa, sente alegre. Tipo assim... motivo de felicidade que você não sabe o por quê. Tudo é motivo de riso, de brincadeira, pá... de um zoar o outro... assim... É bom, é bom!, p. 23.

A maconha para o grupo de entrevistados é um elemento tão comum para a curtição em bailes, festas, encontros de amigos, churrascos, etc. quanto o álcool é para a descontração. Os relatos a este respeito são inúmeros. Há quem compare os efeitos de ambos, na tentativa de explicar esta coincidência:

Dênis: Eu nunca fui de beber (mas ele fuma bastante), mas eu acho que é muito isso que você falou... os dois trabalham nessa coisa de você perder um pouco o ego... de você entrar ali num estado, né?, p. 12.

Hudson: Eu só bebo e fumo. (Pra quê?) Ah! Descontrair, mais ou menos, né? Porque eu não me divirto não, eu acho que descontrai, pô!

Alguns apontam a maconha como uma droga que proporciona simplesmente prazer:

Felipe: (...) Maconha para mim é uma coisa que me dá prazer, que eu gosto de fumar mesmo, gosto de fumar!, p. 36.

Hudson: (...) Eu comecei a fumar mesmo por causa disso: por conta de prazer. A rapaziada: "eles vão fumar um baseado. Eu vou fumar um pra ver como é que é. Fumou, gostou", p. 24.

Suzane: O que eu realmente gosto é maconha. Faz muita parte assim... tá em todas as horas... assim... nos programas que eu tô fazendo, eu gosto muito. Eu não tenho gostado muito de tomar outras coisas não, sabia? Tô meio querendo ficar light, p. 31.

Interessante esta última idéia de que a maconha é uma droga *light*. Da mesma forma, ela aparece como uma droga natural, por se tratar de uma erva. Houve relatos associando o uso com um contato mais transcendental com a natureza. A viagem da maconha aparece algumas vezes como mais adequada quando se realiza em momentos em que os agentes têm contato com paisagens e lugares onde a natureza é mais presente.

Guilherme: (...) A maconha já combina muito com lual também!
Entrevistador: Com quê?
Guilherme: Com lual. Eu acho que tem tudo a ver: um violãozinho... uma maconha, um não sei quê... Rola muito. É manero!, p. 28.

Suzane: (Falando sobre o tempo que ficou com a galera de Petrópolis) (...) Sim, é... um bom tempo, lá em Petrópolis, quando eu saía mais com os moderninhos o programa era ir pra algum lugar e fumar um. Era isso. Mas ir pra algum lugar bem legal: uma cachoeira, uma vista e ver um céu irado... lá no meio do mato! p. 19.

Davi: (Por que o contato com a natureza?) Ah! Não sei! É mais o contato com a natureza... uma cachoeira, é manera. Porque a maconha é um relaxante, é um calmante. Ali, naquele momento, você pode ficar totalmente zen, totalmente em paz, p. 42.

Houve também quem dissesse de forma inusitada que a maconha servia para a concentração, para tornar a vigília mais atenta, permitindo operações

cognitivas e motoras mais apuradas para a prática de esportes ou mesmo para o estudo:

Hudson: (...) Eu fumava antes de ir pra escola. Porque tem gente que fala: "Ah! Não! Tu fica lerdão! Tu fica olhando pro tempo!". Que nada! A minha mente vai que vai, cara. Ainda mais pra fazer conta. Eu adoro!, p. 24

(...)

Hudson: (...) Porque, às vezes, eu ia pra escola direto do trabalho. Aí, chegava com aquela tensão de ter trabalhado o dia todo. Quando era no Bob´s então, aí é que eu ficava doido, aí que eu tinha que fumar mesmo, quando eu chegava...

Entrevistador: O que é que você fazia no Bob´s que te deixava...?

Hudson: Porque eu saía do Bob´s, eu pegava esse metrô lotadíssimo, cara... lotado! Ia até lá lotadão. Aí eu não agüentava. Ah, mermão... o que é que isso? Eu não agüentava! (...) Pô, aí eu catava o metrô... e aquele abafamento, todo mundo colado, cheio pra caramba. Aí, chegava naquela tensão já: "vou fumar um cigarro e vou pra aula. Se eu não fumar um cigarro eu não vou pra aula".

E: E você fumava todo dia, rapaz?

Hudson: Todo dia! (Risos). Tinha um maluco lá que toda vez que fumava ele queria ir embora pra casa: "vão matar aula? Mata, mata! O problema é teu, maluco. Eu vou pra aula!", p. 25.

(...)

Hudson: Pô, eu gosto muito. Toda hora pára e: "não! Espera aí, espera aí!" Aí, fuma, vai lá de novo e joga.

E: Mas qual é a sensação?

Hudson: Porra, eu sei lá! Eu sei que é bom, cara. É legal pra jogar. Dá pra driblar bem pra caraca, com maior visão de jogo (risos). A visão fica mais ampliada.

E: (Risos) A mente fica mais ampliada?

Hudson: É o que eu te falei, pô. Eu consigo raciocinar melhor, às vezes. Se eu fumar muito a mente fica bloqueada. Mas seu eu der... tipo assim... se eu pegar um baseadinho deste tamanho (mostra o polegar próximo do dedo indicador) e fumar, só eu..., minha mente fica beleza, p. 61.

Davi: (...) Às vezes tem uma galera tudo junto fumando. Teve chance de jogar bola, está na beirada do campo e quando vê... os dois times formados e todo mundo está louco (Risos).

Entrevistador: É isso que eu queria falar...desses momentos do uso. E, aí? Rolou futebol?

Davi: Rola. Rola tranqüilo. Lá em SP era campo todo dia, às quatro horas da tarde. Lotava. Às vezes, dava dois times... No controle todo mundo quebrado, todo mundo fumadão. E ainda tinha outro time de fora. Aí, o pessoal falando: "concentração!" (Risos). Ficava todo mundo na concentração, fumando para depois jogar (Risos).

A Cocaína

Diferentemente do que ocorreu com a maconha e com o álcool, nem todos os entrevistados tiveram ou querem ter contato com a cocaína. Daqueles que o fizeram, alguns relataram que a droga traz muita energia para o usuário. Eles ficam muito falantes e gostam de usá-la para o agito e a diversão. Houve até mesmo quem dissesse que a cocaína possibilitava uma mudança na auto-imagem:

Entrevistador: (...) Você falou: "a maconha não bateu legal. Fiquei chapada e tal", né? E a coca, como é que foi?
Francini: Foi uma sensação bem melhor, assim... ela dá aquele levante, né? Aquele levante... toda aquela falação... (Risos), p. 23.
(...)
Francini: (Os outros ficam agressivos, se mordendo, fazendo caras e bocas) Eu não. Todo mundo vira pra mim e fala: "cara, você fica uma pessoa... tipo... você fica uma pessoa falante, feliz", sabe qual é? Hoje quando eu cheiro eu me sinto bonita... É, eu fico me sentindo bonita, p. 26-27.
Francini: (...) A coca você fica... você fica ouriçado com a coca (...), p. 33

Leandro: Na coca também eu ficava feliz. Era um toque de doideira mesmo... uma energia... dava uma energia...
Entrevistador: ...mas é diferente da maconha...
Leandro: A maconha dá uma devagar. Eu ficava viajando. O pó não. Eu já ficava cheio de energia pra zoar no baile. Zoava, era manero. Eu ficava zoando, entendeu? Eu ficava ligado...
E: Você falou do baile... O pó dava energia pra você ficar no baile?
Leandro: É.
E: Você ia no baile funk?
Leandro: Ia no baile. Eu ficava no baile. Todo final de semana eu ia pro baile cheirar. Eu ficava cheirando no baile e tal... ficava ligadão, p. 23-24.

Leandro relatou-nos conforme já mencionado que a maconha o fazia pensar muito em sua vida e isto o fazia sofrer:

Leandro: Aí eu fiquei só no pó

Entrevistador: E o pó foi...

Leandro: O pó não traz esse tipo de sofrimento. Ele dá só aquela energia, aquela adrenalina: "tum!", entendeu?, p. 32.

Rafael: A primeira vez foi com uns dezesseis anos. Eu freqüentava... ficava vendo aqueles negócios... ficava com aquelas coisas na cabeça... os colegas falavam assim: "faz cara!". Às vezes eu ficava, bebendo, bebendo, bebendo... Aí, eu falava: "vou pra casa!" E os moleques ficavam lá bebendo. Aí, eu ia pra casa e os moleques falava: "faz aí, cara... rapidinho... você vai ficar acordado, mané!" Às vezes, eles ficavam lá e eu ia embora. Não agüentava mais beber, tava muito chapado e ia embora. Eu via e falava: "Porra! Nos moleques não dá sono, não!". Aí, fui fazer pra ver como é que era e fiz a primeira vez..., p. 31

(...)

Rafael: Aí, eu fiz, só que não sentia a mesma reação (da maconha). Quase não sentia... Aí, eu fiz a primeira vez e senti só vontade de dançar e fiquei alerta. So que parece que quanto mais tu vai fazendo, você vai sentindo outra reação... vai ficando mais alerta... A primeira vez só senti vontade de dançar (...), p. 32.

Ecstasy

Não se pode pensar atualmente na cena eletrônica e, portanto, nas festas raves, sem que se faça menção ao MDMA (Metileno-dioxi-meta-anfetamina) mais popularmente conhecido como ecstasy e que no Brasil é chamado de "bala" pelos usuários. É uma substância que tem uma história antiga. Foi desenvolvida originalmente na Alemanha em 1914, patenteada pela Merck Pharmaceutical Company e que ficou esquecida durante décadas reaparecendo como substância utilizada para tratamentos psicoterapêuticos. A história desta interessante substância pode ser acompanhada por meio da narrativa de um entusiasta de seu uso, o jornalista Bruce Eisner, que escreveu um livro sobre o ecstasy no final da década de 1980 (EISNER, 1995 [1989]).

Nossos dez entrevistados que estão, de alguma forma, vinculados à cena eletrônica usam ou já usaram ecstasy em algum momento. Clara afirma que conheceu o ecstasy por meio de uma amiga, na primeira oportunidade em que pode ir a uma grande festa rave:

Entrevistador: E que rolou quando você chegou lá nessa primeira festa rave? Foi a primeira vez que você experimentou ecstasy?
Clara: Foi. Tipo, tomei meia bala só.
E: Mas você foi sabendo que... já tinha a intenção que ia usar?
Clara: As meninas que foram já tinham tomado algumas vezes, aí: "você vai querer tomar?" Eu: "pô, eu quero experimentar!". Aí, falei: "não quero ficar... tipo alucinada, quero tomar um pouco só para ter noção como é que é". Aí, eu tomei meia bala. Tipo, não deu onda forte nada, sabe? Fiquei dançando, dançava muito, p 17.

A experiência da dança está muito relacionada ao consumo do ecstasy. Mas deve-se frisar: trata-se de dançar música eletrônica, ou "bate-estaca", como depreciam alguns que não gostam da cena eletrônica. A bala serve antes de tudo para fazer os jovens agüentarem maratonas de danças promovidas pelas festas. Clara, por exemplo, adora a música eletrônica e gosta mais ainda de dançá-la:

Clara: Eu tomo mais quando já não tô mais agüentando dançar, normalmente de manhã, p 19. (...) Dá para você curtir um som rápido, é bom pra dançar. É bom, é bom demais!, p. 46.

Entrevistador: Você acha que a música (eletrônica) tem uma relação com a bala?
Guilherme: Tem, eu acho que tem. Eu acho que já fizeram isso (a música) por causa disso (a bala) também.
E: É
Guilherme: Eu acho que tem relação..
E: Inclusive, você tem algum tipo de sensação ouvindo a música? No sentido de que é diferente?
Guilherme: Você fica mais empolgado quando você fica ouvindo a música com a bala. Você usar a bala aqui não tem noção, né? Mas com a música, não. Eu já acho que é apropriada para isso: a rave com a bala. Não dá pra usar uma bala num baile funk, p. 27.

Entrevistador: E como é que foi essa sua primeira experiência com bala?
Luana: A primeira foi boa... a primeira foi numa festa GLS. Aí, a primeira foi ótima: fiquei dançando a noite toda. Foi muito bom, não queria nem sair da festa, p. 15.

Suzane: Eu acho que a onda da bala é essa: pra mim é música e toque. Eu tenho que estar sentindo alguma coisa: tato, ou na boca ou qualquer lugar... carinho e ouvindo música. Ouvindo uma música que tenha bastante barulhinho, pra mexer com bastante parte do cérebro... assim... A onda pra mim é essa: aproveitar a audição e o tato.
Entrevistador: (...) Quer dizer que a sua onda é mais auditiva e táctil...
Suzane: Mais auditiva até do que táctil. Mas das duas... as duas juntas são perfeitas. Eu não danço em festa: eu paro do lado da caixa de som e...
E: E derrete?
Suzane: E derreto. Encosto numa parede e fico lá. Cada barulhinho mexe com uma coisa, p. 27.
(...)
E: E aí (se for para uma rave) você necessariamente vai tomar alguma coisa?
Suzane: Necessariamente. Eu não vou pra rave se eu não tiver garantia de uma bala, ou de um doce (ácido)

Para Dênis, o primeiro contato com o ecstasy ocorreu numa festa rave no interior da Bahia, numa praia, e foi, segundo ele, "simplesmente divino". Acha que o ecstasy traz um sentimento de ligação maior entre os agentes que tomam. A idéia de que o ecstasy é a droga do amor também faz eco com outros relatos:

Dênis: (...) Foi sensacional! (...) Foi maravilhoso! Eu acho que a primeira sempre é a melhor, né? (...) Foram horas (de onda). O dia amanhecendo, foi bonito pra caramba (...) numa praia, p. 16-17. (...) Eu acho que todo mundo toma também e dá essa sensação um pouco mais humanitária, de ligação, p. 22. O ecstasy todo mundo toma e fica feliz. Você vê que as pessoas não tem onda errada. É comum as pessoas terem uma onda boa (...) é garantia de alegria, p. 40.

Felipe: A bala dá aquela sensação de felicidade legal, euforia, você quer fazer tudo ao mesmo tempo, você quer curtir aquilo de qualquer jeito, você fica... pô!, bala é manero!, p. 21. (...) Eu tomei a primeira vez com um amigo meu que também nunca tinha tomado. Aí tinha aquele evento "Coca-Cola Vibe Zone", que teve um tempo atrás... não foi nem no ano passado, ano retrasado. Ele chegou e falou: "porra!, vamos tomar, vamos ver qual é a onda?". Só que a gente nem sabia o que era aquilo direito, a gente tomou no meio da rua achando que ia demorar, que ia ser o maior tempão pra bater. Acabou que bateu na rua, não bateu no evento, não.
Entrevistador: Que sensação foi essa quando bateu a onda?
Felipe: Primeiro fiquei angustiado porque, pô!... não conhece a onda, não sabe como é que é, já vem logo dando um retro na mente. Você está no meio de gente... você não está nem curtindo

música para poder... sabe? Só sente a onda, só onda. Fiquei meio assim, depois comecei a me acostumar. Achei muito manero.

E: E seu amigo? Que ele falou?

Felipe: Ele ficou amável, ele queria falar que gostava de todo mundo, que amava todo mundo... queria ficar abraçando todo mundo, p. 23.

Thiago: (...) Quando tu toma bala a primeira vez, parece que você entra em outro plano espiritual. É um negócio muito doido, p. 11.

(...)

Thiago: (...) A primeira vez que eu tomei ecstasy na rave é o que eu considero a primeira vez (tomou antes, mas acha que era bala "malhada" (misturada, falsificada) e tinha bebido muito álcool e, portanto, não sentiu nada).

Entrevistador: E como é que foi a sensação?

Thiago: Foi a primeira vez que eu acho que eu senti a onda mesmo do ecstasy. É uma sensação inexplicável, a primeira vez. Pô, fiquei muito feliz! Todo mundo que passa... você quer o bem de todo mundo... parece que tu ama todo mundo, p. 16.

(...)

E: E qual é o mais legal de todos?

Thiago: É o ecstasy. Mas eu fico meio em dúvida entre o ecstasy e o LSD. Tem dias que eu não quero tomar bala... eu quero tomar doce, pra ficar rindo. Tem dias que não: eu quero tomar ecstasy. Mas, normalmente, é o ecstasy, p. 32.

Entrevistador: (...) E a bala? Como é que foi?

Francini: Ah! A bala foi aquela sensação de derretimento, aquele amor.. amor. Você quer abraçar todo mundo, você quer beijar todo mundo, p. 33

(...)

Entrevistador: Compara a sensação da bala com a coca!

Francini: Ah! Muita diferença! A coca você fica ouriçado. Com a bala você fica... vou botar... aquele delicioso, você fica amoroso, você quer beijar, você se revela. Qualquer um que toma bala se revela: abraça, beija, faz carinho, p. 33.

Entrevistador: E como é que é a relação lá na festa com os amigos? O que rola? Toma bala e aí, dança?

Luana: Dança, sempre tem... todo mundo chega para você: "te amo, te quero, gosto muito de você", sempre tem (gente assim), p.21.

(...)

E: E como é que é namorar numa rave?

Luana: É bom. É bom porque... sei lá! Sei lá!... fica dançando o tempo todo... Não é bom porque fica dançando o tempo todo, mas é bom porque... sei lá! Não sei explicar... É porque quando a gente está pastilhado (sob efeito do ecstasy), a gente sempre fala um monte de coisas... coisas lindas, entendeu? É bom!
E: Quando está careta não fala?
Luana: Fala, mas não tanto, entendeu?
E: Por exemplo: que coisas legais ele fala... lindas como você disse?
Luana: Sei lá... um monte de coisas, um monte de coisas.(...) É porque a pessoa fica mais sentimental quando está... Aí...
E: E o que é que ser mais sentimental?
Luana: Mais sentimental é... sei lá! Mais carinhoso, entendeu? Mais carinhoso... dá mais atenção!, p. 25.

Entrevistador: (...) mas o que você acha mais legal? A bala ou a maconha?
Guilherme: A bala é muito mais forte, né? A bala é mais maneira, é melhor!, p. 12.

Fora das raves, houve quem dissesse tomar bala para surfar:

Marcelo: (...) Tem gente que já foi pra bares. Eu já fui surfar... tomar uma bala e surfar. São várias atividades que não combinam muito, mas acabam combinando (risos), p. 20.
Entrevistador: Entendo. Mas é mais por quê? É mais pela experiência do que...
Marcelo: É mais pela experiência mesmo, né? Porque é diferente, né? É tranqüilo. Surfar e tal. Fazer uma outra coisa, sem estar numa festa ouvindo música, p. 20.

Outras Drogas

Além da maconha, da cocaína e do ecstasy, outras drogas foram mencionadas nas entrevistas. Mesmo que não tenham sido indagadas elas apareciam nos discursos dos entrevistados ao relatarem suas experiências com substâncias psicoativas.

O álcool aparece em muitos relatos como substância que permite o agente sair da realidade e curtir um estado de consciência alterada prazeroso. Da mesma forma foram mencionadas algumas plantas como o daime, a jurema, a trombeta e os cogumelos, preparados em infusão. Aparecem também com certa freqüência o ácido, exclusivamente na cena eletrônica, e o crack e a cola,

somente na cena funk. Uma outra droga mencionada por muitos entrevistados é o chamado "cheirinho da loló", um tipo de lança-perfume moderno, também baseado em éter. Houve quem citasse até o uso de psicofármacos tarja preta para uma curtição ou para relaxar.

Dênis: (O uso de chás alucinógenos) Tem o aspecto místico, tem o aspecto de autoconhecimento. Eu acho legal do daime ser bem aberto... assim, pra pessoa experimentar, ver por si, nada muito obrigatório, assim: "vai ter que acreditar nisso!", não! Vai lá... toma um chá... vê por si... (...) Eu fui numa... meio nessa assim também... de doidão, das alucinações. Mas é muito legal. É interessante. É outra visão. Eu acho muito legal.

Na cena eletrônica, o ácido (LSD) é conhecido como doce e faz par com a bala nos embalos da galera:

Felipe: (...) Eu gosto de ficar curtindo a noite, hoje em dia, com doce, LSD. É A graça da galera porque a gente ri muito junto, zoa muito junto. Aí, para curtir legal a festinha tem que ter.
Entrevistador: E qual é a sensação? Você falou ri, coisa e tal, mais ou menos em termos do que sente?
Felipe: Você vê... todo mundo é diferente para você, ninguém é normal, não. Todo mundo, tipo assim, você fica vendo as pessoas: um tá mais gordo, um tá mais inchado, sei lá! Você... uma coisa, piscina, por exemplo: você vê ela toda em 3D, sabe? A água toda quadradinha! Pô! Uma doidera... uma doidera! É muito manera... Você fica numa sensação de bem-estar muito boa, você sente seu corpo levinho, você não sente seu corpo direito, sabe que está ali e já sabe que seu corpo está leve, está tranqüilo, você está legal.
E: E em relação à música, a dançar... ou não?
Felipe: É o que eu falo: você toma isso e você sente a música.
E: Doce?
Felipe: É, eu sinto a música, não fico só olhando.
E: Ah! Que é sentir a música?
Felipe: Sentir a música é sentir que a musica abrange você. Naquele momento você está ali para a música, entendeu? Não tem como explicar, é uma parada muito manera, muito doida.

Moema: (...) Meu primeiro ácido foi em Arraial (cidade praieira do Litoral Norte Fluminense) (...), eu tinha dezesseis anos... no carnaval. A gente voltou da praia e tal... tomou o ácido. Aí, eu fui pra casa tomar banho. Ficamos eu e Maíra (a irmã) lá (...) Aí, tomando banho e não sei o quê... dali um pouco a gente tava sentada na mesa jantando. Aí, começou aquele negócio. Deu

vontade de rir e eu tava na tia de uma amiga minha, e tava com vontade de rir. Dali um pouco eu não conseguia me controlar e ria, ria, ria, ria... (risos). Aí, eu parava e a Maíra ficava me olhando com uma cara muito feia... assim, tipo me reprovando (risos), p. 17.
(...)
Moema: (...) E teve uma época que... não sei. Acho que você vai tomando muito ácido... você vai acreditando que é bom demais. É tão bom que você acredita... você vai acreditando que a vida é realmente apenas maravilhosa e nada mais..., p. 20.

Entrevistador: Você tomou ácido dentro da boate?
Suzane: Dentro da boate! (...) Eu dancei por cinco horas sem parar (...) e ria pra todo mundo, me sentia ótima! Eu me sentia uma diplomática, assim: "oi! Tudo bem?". Estava assim, "a legalzona", entendeu? Ria sempre em onda de ácido. Tirando a última que foi meio demônio, assim... (...) É sempre muita pilha, e sorri, e muita comunicação... Eu converso muito. Converso, penso, bate papo mesmo! Minha mente fica bem aberta... assim... fica bem na boa, fica na boa... assim..., p. 24.

Entrevistador: (...) E qual é o barato do doce?
Thiago: O doce é a maior viagem também. É a parada mais da cabeça. Não fica agitado que nem a bala. Ficam as ondas mais de viagem mesmo. Você até vê as paradas assim meio malucas, p. 30. (...) Porque doce, qualquer coisa você se esmigalha de rir, p. 31.

Francini é uma das jovens que mais se submete a experiências com substâncias diversas. Aqui ela fala de sua viagem com um remédio indicado para dormir e alude a um relaxante muscular:

Entrevistador: Qual foi a experiência (com um psicofármaco chamado Hipnol)?
Francini: Foi tranqüilo, foi bom. Eu tomei com minha ex-namorada, porque ela tomava pra dormir. Aí, teve um dia que a gente bebeu e tomou (...) Quando foi à tardezinha a gente falou: "vamos tomar! vamos ver se a gente dorme?" (...) Aí, a gente tinha acabado de tomar o Hipnol chega a irmã dela e: "vamos tomar uma cerveja?", aí a gente ficou até o dia seguinte, virada de novo. Mas hipnol foi tranqüilo, p. 40
E: E o que mais?
Francini: Benzidrat
E: Benzidrat? Também é pra dormir? Eu não conheço!
Francini: Não! Benzidrat é relaxante... relaxante muscular... (risos), p. 40.

O "cheirinho da loló" é bastante comum em festas e bailes. Trata-se de uma curtição muito comum para os funkeiros, mas também aparece em alguns relatos de jovens que vão a raves. O crack é um derivado da cocaína queimada com bicabornato de sódio. Trata-se de uma droga muito nefasta do ponto de vista fisiológico, mas ela tem o seu apelo sensorial, como relatam alguns. Em tempo: é uma droga tipicamente consumida em comunidades de baixa renda e não aparece nos relatos dos jovens que freqüentam a cena eletrônica:

Davi: Fumar (crack) com maconha, de vez em quando eu fumo. (...) A onda do crack passa muito rápido. Você fica desperto e daqui a quinze minutos vem a onda da maconha dobrada...
Entrevistador: Intensifica a onda da maconha?
Davi: É! Parece que a onda da maconha fica mais duradoura e mais forte... a maconha com crack, p. 35.
Entrevistador: E a loló? Você usa até hoje?
Davi: A loló de vez em quando. É raro, mas eu uso.
E: E qual é a onda?
Davi: Loló fica... tipo, parece que você está pisando na água. Parece que você está andando dentro da água. E o ouvido fica com um zunido lá no fundo. Uma sensação que parece que você tá levitando, p. 35-36.

Entrevistador: Qual é a sensação (com o crack) ?
Eduardo: Tipo uma sensação... tipo uma sensação boa, sei lá! Tipo, que tu vai fumando... aí, tipo que teu pulmão enche... aí, te dá um bagulho gostoso por dentro. Você começa a imaginar vários bagulho... como? Te deixa sempre acordado sempre alerta e você fica sempre... como? Olhando sempre. Tipo que eu tenho olho puxado e... tipo, que eu ficava com olho como? Arregaladão... o olho arregaladão, p. 25.

REDES

Maconha

A maconha propicia muita interação. Muitos entrevistados disseram que não gostam de fumar sozinhos. Isso é ainda mais comum quanto mais jovem é o usuário. Aspectos destacados neste sentido: facilidade da comunicação, riso

fácil, alegria certa e descontração que a droga lhes propicia. Felipe, 18, disse que gosta de se preparar para as grandes festas, reunindo-se antes com os amigos numa "pré-night" que pode ser feita em casa ou na rua, num bar, numa praça, etc. Nestas ocasiões, maconha e álcool são fundamentais: "você já começa a entrar em harmonia com as pessoas. A maconha e a cerveja vai te fazer trocar uma idéia, se comunicar legal", p. 13. Guilherme, 16, disse que a maconha é um ingrediente básico quando sai para surfar com os amigos (lembrar da relação com o futebol mencionada antes, em que a maconha também promove a integração e a concentração de atividades cognitivas e motoras).

A maconha também é bastante compartilhada entre parceiros (as). Carol, por exemplo, gosta de fumar com o seu namorado. A mesma coisa foi mencionada por Davi e muitos outros. Davi por exemplo diz que fuma em todos os lugares, mas prefere, quando sai, fumar com os amigos:

Entrevistador: E no caso da maconha... você falou da parada de comprar eventualmente em grupo, né? De estar junto com três ou quatro pessoas, né?
Davi: Três ou quatro... E fumar também. Geralmente nunca fumo sozinho. Só se eu estiver dentro de casa sozinho que eu vou fumar sozinho. Porque na rua não tem como: é três, quatro, cinco, seis, sete. Às vezes, tem uma galera tudo junto fumando... teve chance de ir jogar bola, está na beirada do campo... quando vê... os dois times formados e todo mundo está louco (Risos), p. 27.

São vários os relatos como este que dão conta da partilha e integração de amigos no ato de fumar um baseado. A formação de roda, onde se vai passando o cigarro de maconha para os integrantes darem "um dois" é também bastante mencionada.

Mesmo no caso de uma relação fria com parentes, a maconha, às vezes, pode ajudar a "quebrar o gelo":

Entrevistador: Como é que foi a relação com o seu irmão (de dezesseis anos)?
Felipe: Acho que foi mais... trocou idéias legais... foi nesse momento.
E: Que idéias, você lembra?

Felipe: Na época... que ele namorava, sobre o que ele fez no Reveillon... como é que ele curtiu? Onde ia curtir? Tipo assim... normal... tranqüilo... gostei! Até achei manero ter fumado com ele.
E: Você acha que aproximou?
Felipe: Aproximou com certeza! Sabe, quando a gente bebe junto também, almoço de família, jantar de família, sempre aproxima também... a gente pára pra trocar uma idéia, fala de família, namorada, essas coisas assim... sempre rola, p. 27.

Cocaína

Se a maconha é uma droga que promove a interação e integração da rede de amigos, o mesmo não pode ser dito da cocaína. Muito pelo contrário. Trata-se de uma droga que tende a provocar o isolamento do usuário.

Leandro: Não, a maconha até que ainda vai, mas cocaína... ninguém oferece cocaína pra ninguém não. Só se você tiver dinheiro, p. 23.

Davi: Não, cocaína é como eu digo. A cocaína... o pessoal até utiliza o pó com uma quantidade de gente. Eu não posso dizer direito assim... sobre a cocaína pra você. Eu tenho uma forma totalmente oposta do uso do pessoal daqui. Totalmente oposta... Quando eu uso, eu compro pra mim. No máximo, se tiver mais uma pessoa. E se vier outro e parar perto e pedir, eu falo: "eu tenho, mas é pro meu consumo", p. 20.

Davi relata que a cocaína é motivo de muito conflito entre os amigos. Não são raros os casos em que alguém "dá volta no outro", gíria para descrever a situação em que um amigo vai comprar para outro ou mesmo outros e diz que foi parado por policiais, tendo perdido a droga, p. 25.

Davi: Aí, tem uns que falam assim: "eu vou lá comprar e depois eu te dou". Eu digo: "eu não quero o seu. Eu quero o meu, que eu comprei e vou usar". Eu sou meio taxativo nisso aí. Sabe por quê? Eu não vou me submeter a pedir a ele. Eu não vou fazer isso. Eu espero que eu permaneça com esse pensamento. E outra questão também... que eu vejo que rola muita coisa. Às vezes, um dá volta no outro... pede o dinheiro pra comprar... eu faço uma vaquinha com você e vou lá, e chego lá e consumo tudo...
Entrevistador: É mesmo?

Davi: E volto sem dinheiro, sem droga, sem nada. Porque fala que perdeu pro policial, alguma coisa assim. Isso daí, já no caso da maconha, não acontece.

E: E por que não?

Davi: Porque é mais barata e é uma coisa que o cara vai fumar e ele vai cansar de fumar. Vai chegar uma hora que ele vai falar: "eu não agüento mais", mas a cocaína, enquanto tiver ele tá cheirando, p. 25.

A explicação de Davi quanto à diferença da maconha para a cocaína no que diz respeito à solidariedade entre os parceiros usuários é, a meu ver, apenas parcialmente satisfatória. Ele aborda duas questões que serão tratadas mais à frente e que dizem respeito ao custo diferente das drogas e ao possível fato de que a cocaína vicia muito mais rápido do que a maconha. Não toca, no entanto, no fato de a cocaína ser uma droga, como disse alguém no grupo focal, do ego, ou seja, uma substância que fortalece os sentimentos solipsistas e a auto-imagem de poder dos usuários, dispensando-os e mesmo os estimulando a se contrapor aos demais, mesmo que estes sejam os amigos.

Francini, 18, é a entrevistada que disse preferir o uso da cocaína ao de qualquer outra droga, e ela tem uma vasta experiência em substâncias psicoativas. Não esconde no entanto que a cocaína induz à agressividade no usuário:

Entrevistador: Você nunca teve essa viagem? (Referindo-se à paranóia)

Francini: Eu nunca tive essa viagem.

E: E agressividade?

Francini: No dia seguinte.

E: No dia seguinte é o ruim?

Francini: No dia seguinte eu já... eu já... rola uma agressividade assim...

E: Você acha que está relacionado à...?

Francini: Eu acho não: eu tenho praticamente certeza.

E: Tem a ver com...

Francini: No dia seguinte, normalmente eu gosto de ficar sozinha, sempre... no dia seguinte destas noitadas. Aí, eu quero ficar sozinha, na minha, porque senão eu vou acabar descontando a minha agressividade em alguém. Vou falar alto ou vou acabar agredindo. E já cheguei a agredir... a quase agredir alguém no dia seguinte, p. 30-31.

Guilherme, 16, tem uma turma de amigos que gosta de curtir festas juntas, gosta também de surfar. Trata-se de uma turma que consome vários tipos de drogas, mas todos evitam a cocaína. Ele deixa implícito que esta talvez seja uma das razões para a união da galera.

Entrevistador: E o que é que eles usam muito?
Guilherme: Bala, maconha, ácido, loló... isso tudo.
E: E coca? Você conhece alguém que usa?
Guilherme: Não, não. Eu não conheço ninguém que usa não!
E: Nem essa turma que vai no baile funk?
Guilherme: Não, ninguém usa, p. 14.

Ecstasy

A bala une, integra, deixa os usuários mais amorosos, derretidos, entregues. Apesar da maconha ser uma droga que costuma-se usar em grupo e muitos tenham sido os relatos neste sentido, nenhuma substância supera a bala quando se fala em amistosidade. A droga do amor une os agentes em vários momentos e os relatos contidos na seção sobre as sensações de prazer provocadas pelo ecstasy ilustram bem isso. Em outros momentos a amizade aparece na interação de amigos que usam a bala. Antes do baile para conseguí-la:

Entrevistador: Como é o lance? Você vai pra uma festa você já arma o esquema de conseguir antes ou deixa para consumir na hora?
Clara: Não, eu nunca pego na hora. Eu peguei uma vez só na hora que foi nessa festa que já estava guardado para mim... que era um amigo do Rio. Eu falei com ele por telefone, ele falou que tinha como arrumar pra mim: "então leva pra festa pra mim!", mas era certo, sabe? Mas eu sempre vejo antes... uma semana antes. Se eu não conseguir..., p. 25.

Se perguntada no baile sobre quem pode arrumar a bala, Clara só indicaria um fornecedor se aquele que a indagasse fosse amigo. Além da questão da segurança, está presente também o papel da amizade:

Clara: (...) Por mais que a pessoa esteja perguntando... mesmo porque ela quer usar, eu não sei! Só falo quando é amigo meu. Aí: "pô, sei! O amigo de não sei quem está passando", p. 26.

Durante a festa a droga continua a favorecer a vida da rede, quando os jovens já estão sob seu efeito. Mesmo em casa, como relatou um entrevistado, já que seu grupo passou a usá-la "in door" e não em festas. Neste novo e inusitado cenário de uso, a eficácia da substância, segundo o mesmo, "colou".

Entrevistador: Você não tomava uma bala em outra ocasião? Na casa de um amigo, ou...?
Dênis: Isso foi acontecer... é, exatamente. No começo não era associado, mas depois virou uma coisa comum. Teve um boom do ecstasy mesmo, e todo mundo tomava em casa (com os amigos), pra não fazer nada e colava, p. 18.

Denis já havia comentado que o ecstasy e o ácido são substâncias que a galera usa e divide nas festas, o que não ocorre com o pó que é usado escondido e não é compartilhado entre os amigos, p. 41. Relatos de que a bala pode ser inclusive presente de aniversário, indicando estima e apreço por amigos (lembrar da dádiva explorada por Mauss e outros antropólogos no sentido de estabelecer contato, parceria e cooperação, onde o presente de aniversário representa um tipo contemporâneo de dádiva, pois concede e abre a possibilidade de ser posteriormente retribuído) foram anteriormente mencionados nos relatos de Felipe e Luana.

A questão da rede e do ecstasy transparece na oferta da droga feita por um amigo a Guilherme: "vamos enfrentar?", convite do amigo para Guilherme experimentar pela primeira vez a bala e ele nos diz: "aí, eu fui e experimentei!". Há no convite uma celebração da amizade no sentido de que ela solicita a companhia nas horas incertas e perigosas: "Vamos enfrentar?" dispõe um

código sub-reptício de solidariedade que subjaz em qualquer relação que envolve verdadeiros amigos.

Para finalizar esta seção sobre o favorecimento de rede via uso do ecstasy, vejamos as palavras de Marcelo:

Entrevistador: (...) O que você acha que é "mais sozinho" e o que você acha que é "mais grupo"?
Marcelo: Eu acho que a bala é "mais grupo", 16-17.

Outras drogas

Em termos de interação, além da maconha e do ecstasy, o álcool é a droga que mais favorece a integração dos jovens. "O álcool é bom para estar com os amigos", como disse Clara. Felipe também afirma que, nas "pré-nights", "tanto a cerveja quanto a maconha vão te fazer trocar uma idéia, se comunicar legal", p. 13. As outras drogas não são muito mencionadas neste sentido. Ao contrário. O crack é tido como desagregador, tal como a cocaína. Já a loló não é mencionada, ainda que seja compartilhada de forma semelhante ao que ocorria com o lança-perfume em priscas eras.

VÍCIO OU ABUSO

Maconha

Alguns dos entrevistados dizem que a maconha não vicia e que conseguem controlar tranqüilo o uso da substância. Isto, no entanto, não é uma opinião unânime. Com a palavra aqueles que já se consideram (ou que não sabem, mas já estão) viciados:

Thiago: Eu acho que quando eu vou fumar... assim, quando eu estou com vontade de fumar, eu fico até meio ansioso.
Entrevistador: Por quê?

Thiago: Vontade mesmo. Eu acho que eu sou meio viciado em maconha.

E: Você acha que você fica ansioso? Como é que é isso? Explica pra mim? Por quê?

Thiago: Não sei, cara. Eu chego do trabalho e já pensando na droga. Normalmente eu já vou até com um fininho no bolso pra quando sair já fumar.

E: Você vai pro trabalho com um cigarrinho de maconha?

Thiago: Quando tem leva.

E: Você acha que você já está viciado em maconha?

Thiago: Eu acho.

E: É?

Thiago: Sinceramente? É!

E: Isso é comum... pode ser...

Thiago: Porque tem muita gente que fala que maconha não vicia, mas eu acho que vicia sim. Eu tenho muitos amigos que fumam assim e se chegar à noite e não tiver, o moleque fica transtornado (Risos).

Carol: Ah! A gente fuma porque eu acho que já virou vício, entendeu? Porque quando a pessoa chega a ter o vício é igual a cigarro normal (Carol fuma todos os dias).

Entrevistador: Mas você acha que você é viciada em baseado? (Ela não fuma cigarro comum)

Carol: Mais ou menos.

E: Como é isso?

Carol: Porque toda vez que eu vou pro baile eu não consigo. Eu saio de casa com o propósito de quê? De curtir o baile, de beber e acabou. Mas chega lá e eu não consigo, entendeu? Eu tento sair de perto das minhas colegas e elas também ficam: "Ah! Vai embora?", aí, a gente acaba se rendendo, p. 12.

Denis: É, eu acho que quando eu comecei a fumar eu comecei a fumar muito. Comecei a fumar muito... passei a fumar sempre, mesmo! No começo, de três em três meses, mas depois ficou diário, p. 11.

(...)

Denis: É, eu fumo bastante. Todo dia... bastante.

Entrevistador: Bastante assim... tipo durante o dia?

Denis: É, eu fumo uns baseados durante o dia.

E: E como é que é agregar isso ao ritmo normal de vida?

Denis: Ah! Normal! Com tudo... assim, como se fosse normal mesmo.

E: Entendo.

Denis: Se for pra fazer um trabalho, ou pra sair com um amigo, ou pra tomar uma cerveja..., p. 11

Entrevistador: Assim... logo no início você fumava diariamente ou foi...?
Felipe: No início, não! Mas desde que eu fumo, acho que é muito difícil. Fiquei um tempão sem fumar, uns dois meses, assim... no máximo. Desde que eu comecei a fumar maconha se eu parei dois meses é muito (começou aos 14 e hoje tem 18), p. 37.

Em alguns lugares como no caso da favela onde Hudson mora, maconha é algo muito comum a ponto de ser chamada de cigarro. Ele próprio fuma o seu cigarro todo dia:

Hudson: (Não é só por causa da cocaína) Às vezes o cara fica assim também (fissurado) por causa de um baseado.
Entrevistador: É?
Hudson: Mas eu não fico muito não. Porque, às vezes, eu estou em casa... eu tenho acesso tranquilo, eu não tenho esses problemas de... às vezes, não ter. Também, domingo eu estava aí, eu não queria nem fumar...
E: É, mas assim... você fuma todo dia?
Hudson: É, todo dia. Eu acordo eu fumo um "cigarro" (maconha). Aí, eu vou trabalhar, eu volto já de cara já, já estressadão já do trabalho, e rola discussão toda hora, mulher pra lá e mulher pra cá (Risos) e já chega com... aí, eu fumo outro e vou dormir geralmente.

Marcelo: (Falando sobre a periodicidade do uso das drogas que usa) Assim, eu tenho... bem que, assim... certo de marcar dia, os dias da semana assim. Às vezes, sei lá... depende da vontade. Mas eu gosto mais, tipo... da maconha... é uso diário, p. 16.

Quando quer fumar maconha, Paula, 24, relatou que basta ir à casa de sua prima em Sepetiba:

Paula: (...) Quando nós vamos pra Sepetiba é que rola mais, entendeu? Porque o marido da minha prima, ele é realmente viciado em maconha mesmo.
Entrevistador: O que é viciado?
Paula: Faz todo dia. Não deixa de fazer um dia faz todo dia, não deixa um dia sem fazer, ai eu acho que é ser viciado. No caso, às vezes quando pinta o clima, o momento, eu acho que é curtição, você ainda não tá viciado. Agora quando você faz todo dia e se você não fizer começa a ter tremedeiras, sabe? Fica com aquele olhar perdido, sentindo falta de alguma coisa, quando você está que você precisa tomar aquele remédio pra se curar, é mais ou menos isso. Ai eu

observo muito o marido da minha prima, que ele fica com aqueles olhos esbugalhados quando faz e quando ele não faz ele fica numa ansiedade, numa inquietação terrível, p. 16.

Eduardo: É bom fumar... tipo assim, não exageradamente. Tipo assim... um hoje, dois, três no máximo, num dia. Tipo que assim... que comecei a fumar fumava treze baseados, quatorze baseados num dia só. Aí... como? Fiquei com o pulmão, com a nicotina toda no pulmão, tipo que tava querendo me dar tuberculose. Sendo que, aí eu começava a tossir. E como! (...) E nem por isso eu deixei de fumar. Continuei fumando. Só parei com o cigarro, p. 23.

Provavelmente, Eduardo estava se referindo ao risco de pegar pneumonia, ao invés de tuberculose. Alguns relatos apostam na idéia de que a maconha não vicia. Este pequeno apanhado de relatos deixa claro que esta opinião não é compartilhada por todos. E no caso, são os próprios agentes que discordam disso, pois estão enredados pela droga em função de sua prática contínua e diária de uso.

Cocaína

Diferentemente da maconha, quando muitos dos entrevistados acreditam que fumá-la não causa vício, no caso da cocaína ninguém põe este fato em dúvida. O fato de viciar e, segundo alguns, de modo rápido, faz da cocaína uma droga muito mal vista mesmo pelos usuários de outras drogas e em alguns casos pelos próprios usuários do pó.

Entrevistador: O que te freou com relação à continuidade em relação a algumas dessas drogas?
Davi: O que me freou foi a consciência. Porque eu já sabia que aquilo ali não prestava nem um pouco e que pode podia me levar pro abismo. Eu tinha consciência disso, entendeu? Eu já usava consciente porque... poxa...
E: Essa consciência decorria de que?
Davi: De que? Do que a gente vê no dia-a-dia. Pessoas dependentes (de cocaína). Você não vai querer aquilo pra você, né?

Entrevistador: E... o fato de você... estava falando... a visão de seus amigos, em relação a algumas meninas... meninas, durante a festa, tem alguns carinhas que você ...:"não vou me relacionar", ou você acha que se relacionaria com um cara que usasse determinada...

Clara: ...Que cheira? Não sei. Tipo assim, depende muito do cara, se descobrisse... assim... ia dar uns toques para parar, mas se não parar quando estiver comigo não quero que faça, entendeu? Também não sei.

E: Na sua frente fica essa restrição?

Clara: Óbvio.! Vai sair comigo, não vai fazer, entendeu? Não sei... e nesse tempo ia fazendo o possível para a pessoa parar. Uma parada também que vicia muito fácil... ia fazer o possível para a pessoa parar, p 39.

Entrevistador: Você já teve em algum momento aquelas crises do vaso sanguíneo... dar uma ruptura?

Francini: Não!

E: Mas você já viu isso acontecer? De cheirar muito forte e...

Francini:... e escorrer sangue? Já, já, já.

E: Mas com você nunca aconteceu?

Francini: Aconteceu de eu ficar com carne viva por dentro... tive que parar, p. 32.

(...)

E: Quer dizer que você não fica na fissura?

Francini: Não. Tem hora que eu necessito...

E: É? Tipo... que horas?

Francini: Tem umas horas... como eu não bebo, tem horas que você tá num lugar... que aquele lugar é chato, meu irmão, você vai zoar tudo. E tem horas que eu fico: "cadê?"..., p. 33.

Apesar de seu estilo truncado e de sua fala tortuosa e cheia de gírias, Eduardo relata a experiência que tem com viciados. Mais do que ninguém ele sabe dos "vacilões" que perdem a linha cheirando coca, afinal ele é vapor na boca de fumo, ou seja é um tipo de "balconista" que pega o dinheiro do usuário e lhe repassa a droga desejada.

Eduardo: E o pó, nunca experimentei. Meu irmão cheira.

Entrevistador: Mas por que você não cheira?

Eduardo: Por que como? Porque tipo que sempre escutava isso quando era menor, que pó era vacilação, quem cheira é vacilão, perde a linha. Tipo assim vender bagulho de dentro de casa, pá... Tipo assim, eu... eu nunca quis isso pra mim e também nem me interessa em cheirar.

E: E o seu irmão faz isso?

Eduardo: Ah! Meu irmão cheira.

E: Não... mas ele cheira e faz isso...? É vacilão?

Eduardo: Não, ele não chega a ser vacilão, ele não é vacilão. Tipo assim que ele cheira, mas... uma suposição assim, que na minha mente eu alimento isso, pô. Tipo que eu vejo vários aí dando mole, tá ligado? E tipo assim, eu não penso como: " pô, eu vou cheirar, mas eu não vou dar mole".Eu penso como?: "Eu vou cheirar e vou dar mole", então é por isso que eu não vou cheirar, pô! Tá entendendo, como é que tô fazendo? Tipo no meu esquema... esquema da minha mente: "se eu cheirar vou dar mole", certo? Tipo assim, mesmo que eu não dê. Eu vou ficar alimentando tipo assim?: "eu vou ficar tipo assim eu vou cheirar e eu não vou dar mole, pá". Posso cheirar e não dar mole, pá. Aí nessa que de cheirar e não dar mole que vou ficando viciado, vou ficando viciado, vou ficando viciado até não conseguir largar mais. Tipo que eu já penso isso, pra eu não querer fazer aquilo. Eu hoje fico pensando: "eu vou cheirar e vou dar mole". Aí já some logo aquilo da minha mente.

E: Aí você vê, por exemplo, que tem muita gente que dá mole mesmo? Pessoas que estão ali, estão juntos com você e tal... é mesmo?

Eduardo: Cheira e perde a linha. Cheira um aí. Tipo assim, igual aconteceu essa semana agora. Tipo que nós tava trabalhando no pó de vinte (reais), essa semana. Aí nós fomos. Deixou passar. Aí, tipo assim... que eles pedem pra passar uma carga. Aí em uma carga eles levam o quê? Papo de cerca de R$50,00, R$30,00, R$20,00. Dá pra eles tirarem o que eles quiser, cheirar as droga que eles quiser, fazer as drogas que eles quiser. Tipo assim, com menos de 20 minutos eles cheiram uma de R$50.00. Aí, é tipo assim.

A questão do vício como um elemento marcante do uso da cocaína voltará a ser abordada no momento em que estivermos falando do estigma que persegue os usuários desta substância.

Ecstasy

Das três principais drogas abordadas nesta pesquisa, o ecstasy é a que menos foi mencionada como agente que pode levar a uma dependência química. Houve uma alusão ao fato de que ao usá-lo pode-se desejar querer usar mais, mas pelo seu preço impeditivo isto não era possível (Francini, p. 33) O ecstasy, segundo Eisner, "não pode ser tomado repetidas vezes já que perde seu efeito principal e se converte em um conjunto de efeitos secundários cada

vez mais molestos" (1995: 237). Isto quer dizer que alcançada a dosagem tolerada pelo organismo ele não produz mais os efeitos benéficos e só traz os efeitos colaterais danosos que iremos discutir mais à frente. A situação do abuso do ecstasy poderia ser comparada a uma forte ressaca que induz o agente a abandonar o uso da substância antes dela poder viciá-lo. Este abuso seria então circunscrito à sincronia do uso e não se manteria como vício disposto num desejo constante que se espraia diacronia afora pela vida do agente (abuso que caracteriza o vício efetivo).

Outras Drogas

Das outras drogas mencionadas nas entrevistas, o crack aparece como aquela que tem o maior potencial de se transformar em agente de dependência química para os usuários.

Entrevistador: E o crack?

Davi: (...) Dizem que em seis meses a pessoa se torna um dependente. Não consegue viver mais sem. E eu creio que isso é com certeza, porque da primeira vez que eu usei tinha um amigo meu e eu quebrei no meio (a pedra de crack). Fiquei com a metade e dei a outra metade para ele. Aí, a gente misturou com maconha. Acabou que eu usei uma metade e usei a outra. Ele ainda veio enrolado do alumínio e o cara estava me zoando. Enrolou o alumínio, jogou perto de mim e falou: "aí, Davi! Tem outro alumínio aí, pega aqui". Eu fiquei pensando em pegar o alumínio pra abrir, pra ver se tinha mesmo, porque estava querendo mais (...) aí eu joguei pro lado e pisei em cima, eu falei: "isso aqui eu nunca mais ponho na boca". Se eu não sou usuário e estou querendo mais, imagina se eu sou usuário?

Eduardo: Sendo que esse bagulho aí vicia... vicia muito rápido que teu sangue... sei lá! Tipo assim, tu fuma aquilo e quando acaba você sempre quer mais. Tá entendendo como tô falando? (...) Quando trabalhava na boca, trabalhava não, quando eu trabalho na boca... assim, tipo que eu fazia um prato e já fumava. Um sol desse aí (nesse dia a temperatura por volta de meio dia era de cerca de 40 graus) ficava como? Suando, olhando de um lado pro outro. Como? Parecia que até tava cheirado. Como? Olhando pro lado pro outro, eu e mais o meu irmão, que tipo assim meu irmão de consideração, que a mãe dele é mulher do meu pai. Aí nós fumava, fumava, fumava. Aí ficava naquela... Acabava o serviço duas horas da manhã: "vambora

fumar?". Aí ia pra casa. E aí, ele levava o dele, e, pra tu ver como nós tava ficando tão viciado, que nós não tava nem mais querendo fumar junto. Nós tava fumando cada um o seu. Ele ia pra casa dele e eu ia pra minha. Aí eu chegava em casa e fumava e sempre querendo mais. Acabava e como? Aquela vontade de comprar mais, mais como? "Aí não vou comprar mais não"
(...)
Entrevistador: É muito mais caro?
Eduardo: Tipo que não é tão cara assim não.
E: Mas você falou que o cara banca 500 por semana. Chega isso? Ou por mês?
Eduardo: Não. É, por semana memo, (...). Por semana, não: é um dia só ele gasta isso (...). Eu te falei que quanto mais tem, mais quer, né? Acaba e tu quer mais... acaba e tu quer mais... tipo assim, se você tiver quinhentos reais ou mil reais quando você for ver, só tá um real no bolso. Só de ir gastando, gastando. Aí fica naquela: "essa vai ser a última cumpadi, essa vai ser a última". Última? E vai puxando lá. Minha mulher ficava pê da vida comigo. Fumando e ela como? "Vem dormir cara, vem dormir". Hoje passei 24 horas na rua em pé. E eu não querendo dormir e ela falando pra eu dormir. E aí fumava e olhava assim pro canto e falava: "guardar pra amanhã, pra amanhã fazer de novo, pá..." Aí : "não vou guardar não, vou fazer logo tudo que só assim acabo com tudo logo". Aí ia e fazia e "humm, hum".

MAZELAS E SENSAÇÕES DE DESCONFORTO

Maconha

Alguns relatos dão conta das inúmeras sensações de desconforto que a maconha sói propiciar aos seus usuários. Carol, por exemplo, fala da sensação de "teto preto":

Entrevistador: Você falou de paranóia: você já viu alguém de paranóia? (Ao usar maconha)
Carol: Teto preto? Não.
E: O que é que é "teto preto"?
Carol: Ih, a minha prima teve. Ficou suando lá. Suando, correndo, coração acelerado, correndo a rua toda. Ficou de "teto preto", ela.
E: É isso que é "teto preto"?
Carol: É. É igual quando tem ataque epiléptico. A gente estava lá na quadra... todo mundo fumando lá. A gente apertou um e ficamos lá. De repente, começou a suar: tremia, corria... ninguém conseguia segurar ela. Depois tomou um banho gelado... uma água. Passamos maior esporro. Eu nunca tive isso não...

Interessante que esta expressão "teto preto" foi utilizada somente pelos agentes que são freqüentadores de bailes funks e, portanto, de inserção social mais baixa. Ninguém da cena eletrônica se referiu a esta gíria. O famoso "teto preto" é uma síntese para aquilo que os agentes de classe média chamam de "bad", numa alusão à idéia de "bad trip" ou má viagem com drogas. O uso de expressão em inglês é um dos inúmeros elementos distintivos que separam os dois grupos e que serão analisados em outro momento.

Hudson: (...) A maconha, quando você fuma demais, você... (assovia, fazendo gesto com a mão de aviãozinho caindo).
Entrevistador: Você dá uma...
Hudson: Dá um "teto preto". Você já ouviu falar?
E: "Teto preto"?
Hudson: É... você desmaia por conta da pressão baixa.
E: Você já desmaiou em algum momento?
Hudson: Eu desmaiei, mas por vontade. Da primeira vez, eu estava sentado na casa da... da... mãe do meu filho, minha atual mulher. Aí, eu senti aquela coisa, o meu semblante abaixando... Eu tinha acabado de fumar e beber. Eu estava muito doidão mesmo. Aí, eu deixei acontecer. Aí, depois eu acordei e ela: "não sei o quê... não sei o quê". Eu não senti. Eu não vi aquele momento d´eu apagar. Aí, eu pensei: "parece que é um sono". Mas quando é teto preto mesmo, você pode estar em pé que tu cai. Cai que nem uma banana, p. 34.
(...)
E: Você acha que a droga pode, de alguma maneira, afetar...
Hudson: Pode. Porque todo mundo fala que causa retardo mental. É! Amnésia... Pô, a mim, amnésia, às vezes, causa. Às vezes, eu me esqueço de algumas coisas. Mas é questão de voltar a fita, p. 47.

Entrevistador: (...) E no caso da maconha? Ela também te traz (como o ecstasy) mais benefícios do que malefícios?
Thiago: Não sei. A maconha agora não traz benefício... não, às vezes... mas assim... eu fico meio "seqüelado".
E: O que é "seqüelado"?
Thiago: Não consegue pensar direito.
E: Você sente isso?

Thiago: Demora pra raciocinar. Quando eu fumo muito, tipo assim... eu até fumei muito ontem. Os moleques foram lá em Manguinhos e pegaram uma maconha muito boa. Eu tô meio com sono, meio chapado ainda, mas eu tô sentindo que meu raciocínio tá meio lento, p. 26.

Dos malefícios físicos aos psíquicos. Além de tontura, sonolência, amnésia, retardo mental, etc., alguns dos entrevistados se sentem desconfortáveis usando maconha em função de estados psíquicos específicos proporcionados pelo seu uso. O mais lúcido dos entrevistados, Leandro, explica sua experiência e sua dor com a maconha.

Entrevistador: Você só cheirava ou você fumava também?
Leandro: Não, nessa época aí, eu já parei de fumar, porque eu tinha uns problemas. Porque quando eu fumava... a maconha faz tu pensar muito, entendeu? Ela faz tu raciocinar muito. Você fica muito pensativo. Tu olha pra aquela porta ali e tu começa a pensar uma porrada de coisas. Tu olha pra aquela porta ali agora (sem usar maconha) e tu vê que ela é normal, é uma porta manera. Mas tu não vai ver os detalhes da porta. E quanto tu fuma um baseado não: você pode observar... você vai ficar olhando tanto para essa porta que tu vai observar os detalhes que ela tem aqui na frente, que tem ali: "caralho! Como é que o cara fez aquilo?" Tu vai tentar aprofundar: "caralho! Quem foi que inventou a maçaneta?" A mente, os pensamentos fluem, entendeu?
E: Mas aí, no teu fluir, você se concentrava nos teus problemas...
Leandro: Aí, o que vinha era só os problemas, que vinham na tona: só os problemas! A condição de vida... você está buscando a melhora, mas não tem melhora porra nenhuma. E aí você começa ver as pessoas ao teu redor (ele mora num bairro pobre da Baixada Fluminense). Tu vai vendo e tu vai imaginando... vai virando um martírio, porque não tem saída, não tem solução...
E: O que era um prazer...
Leandro: Aí, já começa a dar um sofrimento. Aí eu abandonei a maconha porque era um sofrimento terrível, p. 32.

Outra usuária eventual, Moema, também não considera a maconha a droga mais confortável das que usa ou usou:

Entrevistador: (...) Aí, depois você começou a frequentar forró? Aí, no forró fumava também ou não?

Moema: No forró fumava, mas aí eu já comecei a fumar menos. O negócio da... eu fui perdendo... não sei, foi ficando chato. Você fuma e fica chato? Não estava a fim de fazer farra, não estava a fim de ir pros lugares. Tipo: "não devia ter fumado um. Eu fiquei chata", sabe?
E: Tirou um pouquinho da disposição, da motivação...
Moema: É, começou a me tirar as coisas, então eu não posso mais... Eu resisti um tempão, porque eu gostava do ritual, gostava... gosto do gosto, gosto do ritual: nego enrola um beck (gíria para cigarro de maconha), aquele cigarro cheiroso, eu falo: "não. Brigada". É uma coisa muito surreal negar um beck. Então eu fiquei um tempão fumando: "eu não devia ter fumado". Até que eu conseguia me cuidar.
(...)
E: E fumar "um" já é um negócio que hoje em dia não faz mais a tua cabeça...
Moema. Não. Se eu tiver muito doida, se eu tiver tomado uma paradinha muito louca, eu dou "um dois" (gíria para dar uma tragada). Agora (depois de ter tomado outra "paradinha") eu posso dar "um dois" porque não tem nada que vai me deixar down (...) Fumar maconha só quando eu tomo doce (ácido).

Além de um raciocínio demasiado, uma desmotivação e um estado psíquico meio "down", há também outras razões para desgostar da maconha. Davi, diz que não gosta de fumar muito em bailes funks porque ao ver os "guardas do tráfico" armados, começa a ter paranóia e imaginar que podem fazer algo:

Entrevistador: Mas o cara está armado mesmo ou é só...você só está imaginando?
Davi. Não. Imaginando não. É tipo assim: em baile de comunidade tem nego já armado e isso aí não adianta. De vez em quando o cara passa perto de mim. Ele pode passar perto de qualquer um, mas era só aquilo... Já passou na minha cabeça mil e uma coisas. Às vezes, doido demais, eu fico pensando: "será que ele está pensando que eu estou olhando pra mulher dele?" Às vezes até se torna público (Risos). Dá uma paranóia, né?, p. 33.

Cocaína

A cocaína é uma droga que provoca uma série de efeitos colaterais imediatos. Se cheirar muito e misturá-la com álcool ela pode levar a uma súbita e fatal parada cardíaca. Muitos foram os entrevistados que relataram ter experimentado, mas que não gostaram da onda: nervosismo ao usar,

taquicardia, falta de identificação, etc. são razões alegadas para os desconfortos ou as incompatibilidades com a droga.

Suzane: (...) não gosto. Acho que é a droga que tem menos a ver comigo.
Entrevistador: Por que que menos tem a ver com você?
Suzane: Porque me deixa com taquicardia e eu já tenho normalmente... me deixa muito ansiosa e eu já sou normalmente. Fumo cigarro desesperadamente, fico assoprando e trincando e pulando, sabe? É horrível, muito ruim. E não gosto, não faz minha cabeça. Fico preocupada com meu irmão... diversas coisas. Já fumo demais (maconha), não gosto... não tem nada a ver, p. 16.
(...)
Suzane: Ah! Quando eu namorei um maluco aí, que... ah! A gente cheirava duas vezes no mês, no máximo, durante seis meses. Mas eu cheirava muito pouquinho. Ele ficava com aquelas montanhas e eu com a minha montanhazinha, dividindo, pequenininhas, sabe? Não gosto... torcendo pra acabar logo. Eu fico muito nervosa, 17.

Entrevistador: Tá... agora uma coisa: você já experimentou coca?
Thiago: Já.
E: É? E o que você achou?
Thiago: Não gostei muito não.
E: Por quê? Qual foi o barato?
Thiago: Fiquei trincado, mas só isso.
E: O que é trincado?
Thiago: Você fica todo duro, sua cara fica toda dura.
E: Mas... e a sensação?
Thiago: Você fica meio transtornado.
E: Você sentiu que ficou?
Thiago: (...) Não é que eu não goste, mas não faz muito a minha cabeça. A primeira vez que eu usei a gente andava na Lapa e o povo esbarrava e eu ficava: "que porra é essa?" (risos).
E: Você ficava mais nervoso...
E: É, ficava mais nervoso. E é uma onda totalmente contrária da que eu procuro, né? Vou procurar ficar nervoso? Eu já sou meio nervoso naturalmente..., p. 19-20.

Entrevistador: E pó? Cocaína?
Felipe: já usei também.
E: Em que situação? Você lembra?

Felipe: Faz um tempo já. Estava com uma garota, ela gostava. Aí, me chamou pra ir pra casa dela. Aí, eu cheirei pó lá mesmo. Era só com ela. Na época em que saiu junto. Há mais de dois anos isso já... na época que a gente saia junto, direto.
(...)
E: ...te chamou pra casa dela?
Felipe: É... ficar por lá.
E: E biritaram?
Felipe: Não, ela só gostava de ficar no pó.
E: E aí? Como foi? Na época você ficou...?
Felipe: Na época eu achava... nunca foi uma coisa que eu gostei. Vou te falar: nunca. Não é uma droga que me identifiquei não (...), também depois que a gente não ficou, nunca mais eu consumi não, p. 46.

Entrevistador: Você falou que tem nojo... por que você tem nojo?
Clara: Ah, não sei!! Não sei explicar! Sei lá... cheirar aquilo... não sei. É muita química. Dizem que arde o nariz e tudo, p. 38.

Uma crítica muito comum é a famosa "fritada" que é quando o usuário depois de tê-la usado fica na cama tentando dormir e se vira o tempo inteiro sem conseguir.

Entrevistador: Agora... e o que é o "day after" da coca? O que você sente? Você fica agressiva... que você falou... você sente solidão? Você sente cansaço? O que você sente?
Francini: Tá... que quero... tem aquele negócio, né, cara? ... de você deitar na cama e você não conseguir dormir (Risos), você não consegue dormir...
E: Você fica tranqüila?
Francini: De coca não! Já fiquei de bala.
E: Mas você falou que você deita na cama e não consegue dormir...
Francini: De coca. Você deita na cama e você rola na cama. Você vai e volta... pensa na vida... você faz tudo o que você não faz normalmente.
E: E isso é mal?
Francini: Pô, cara! Você quer dormir. Você ficar pensando e não conseguir dormir é horrível! (...) Depois que você dorme, acorda com cara de indisposição, aquele nariz entupido, aquela droga... Aí, é aquele mau humor... Se eu cheiro, no dia seguinte eu acordo e não falo com ninguém, p. 38.

Denis diz ter a impressão de que o álcool e a cocaína estão associados com ambientes bizarros e com situações deprimentes, por isso ele os evita e usa apenas bala, maconha e ácido, além de alucinógenos como daime, jurema e cogumelos. A cocaína tem vários efeitos físicos visíveis. Um deles é a ruptura dos vasos sanguíneos nasais. Ela também destrói, depois de um tempo contínuo de uso, todos os folículos das narinas e causa uma série de outros malefícios às vias respiratórias.

Ecstasy

Segundo Eisner, o ecstasy produz uma série de efeitos secundários. Dentre os quais: tensionamento da mandíbula (mais conhecido como "bruxismo"), movimento rápido dos olhos, tensão muscular, náusea, diminuição do apetite, dor de cabeça, incapacidade para atingir orgasmo, vômitos, entre outros (1995: 233-234). Os relatos dos usuários confirmam parte desta lista:

Clara: É faz um mal enorme... Tem bala, que... tipo, você não consegue dançar. Já tomei uma vez que eu fiquei... tipo, meu pé ficava pesado, não estava conseguindo dançar: meu pé estava derretendo. Ficava... assim, sabe? Suando horrores... Você pinga, né? Tipo, via assim... pingando suor.

Entrevistador: Bala?

Clara: Eu não sei se era lote antigo... eu tomei.

E: Você disse que usou ecstasy, mas ficou com os pés pesados.

Clara: É... tipo, estava suando muito, suando muito... Eu olhava para mim... assim, estava suando, mas eu passava a mão e não sentia o suor... não me sentia molhada, sabe? Tipo, muita sensação estranha e eu não conseguia dançar... não conseguia dançar. Eu tinha tomado meia dessas (velhas), aí, minha onda depois passou. Tranqüilo... fui e tomei meia de outra, de outro tipo. Aí, fiquei muito bem, sabe? Dançava, não sei que... falava com todo mundo. Rola muito disso também: você tomar e falar com todo mundo sabe? Tem alguém do seu lado, tipo, começa a dançar junto, sempre rola, sempre rola.

(...)

Clara: (...) Meu irmão uma vez tomou, e ele... sei lá! Ele queria dormir... ele queria dormir e não conseguia. Aí, ele pegou e foi pro .. sempre tem... aquelas esteiras, almofadas... Foi e ficou à

tarde inteira deitado... mal. Você olhava pra ele virando o olho e tal. Dá onda mas, sabe? Não queria... deitado o tempo inteiro, e não curtiu nem um pouco a festa. Nunca, nunca, nunca aconteceu nada comigo. Sempre fiquei bem.

E: E as sensações... assim, físicas? O lance... assim, de outras coisas? Você usa pirulitos?

Clara: Porque você fica... sabe? Trincando o dente. O pirulito tenta, pelo menos, sabe?... tampar. Eu trinco, mas nem trinco tanto. Fico mais com um bico... assim, pirulito disfarça um pouco, sabe? Pirulito... eu prefiro pirulito que chiclete. Chiclete bota aqui no dente e fica, sabe? Pirulito é melhor que disfarça mais, p. 23.

Uma queixa muito comum é o estado de depressão e baixo-astral no dia seguinte (Dênis, p. 36)[6]. Por dançarem demais e ficarem muito agitados sob efeito da substância, os jovens reclamam de muita sede:

Entrevistador: Mas quando você toma bala você fica...

Guilherme: Aí, eu não durmo.

E: Você sente algum efeito colateral? Você falou que precisa dormir...

Guilherme: Cara, você fica agitado, né? Depois tu fica com dor de cabeça. Às vezes, quando eu faço isso (toma bala), eu fico com dor de cabeça.

E: Esse é o efeito colateral da bala?

Guilherme: É, eu fico cheio de dor de cabeça depois que uso, p. 42.

(...)

Guilherme: (...) A bala tu fica totalmente diferente. Agitadão...não consegue ficar parado de jeito nenhum... de jeito nenhum... de jeito nenhum! Bebe água desesperadamente. Dá muita sede, não tem como ficar sem beber água. Não tem como!..., p. 16.

Entrevistador: E água você consome muita?

Clara: Muita, muita! Dá muita sede. Tem bala que... sabe? fecha sua garganta que você não consegue nem falar...(...) Cara, você sente a garganta fechada, viaja muito... Tipo, tudo seco... tudo seco. Às vezes, não dá nem pra você falar, p. 28.

Luana: A primeira foi boa. A primeira foi numa festa GLS. Aí, a primeira foi ótima. Fiquei dançando a noite toda. Foi muito bom. Não queria nem sair da festa. A segunda tomei... fiquei dançando também. Só que no final da festa deu bad. Fiquei parada, não queria mais dançar, não queria mais nada. Aí, fiquei em pós-depressão pós-bala

---

[6] Este estado é conhecido por alguns como Blue Monday, título de uma canção da banda New Order.

Entrevistador: Como é que é depressão pós-bala?

Luana: Ah! Quando acaba a onda você tem uma bad... fica com vontade de chorar, tudo dá vontade de chorar... Você olha assim, fica triste, sabe? Isso até acontece depois de 2 dias que você tomou bala. Acontece isso também... depressão pós-bala

E: E você costuma ter até hoje?

Luana: Não! Aí, a terceira vez que eu tomei, tomei duas de uma vez. E a bala não era boa. Aí, fiquei muito desnorteada, não gostei da onda, p. 15.

(...)

E: Outra coisa, Luana, ainda hoje você só toma bala ou bebe também?

Luana: Bebo! Só que hoje em dia não estou nem querendo tomar bala. Não quero mais, porque eu já tive decepções com ela... não quero mais.

E: Que decepções?

Luana: As decepções... Dessas vezes que eu tomei, que não consegui aproveitar a festa, entendeu? Eu fiquei muito sentada, muito passando mal, viajando. Eu gosto de pular, de dançar. Com a bala não senti isso

E: A que você atribui isso? Porque você acha que isso aconteceu ou está acontecendo?

Luana: Deve ser psicológico, deve ser alguma coisa porque tenho muita preocupação quando eu tomo. Essa preocupação quando eu tomo... toda preocupação que eu tenho deve dar alguma coisa, bad. Você tem que estar psicologicamente bem para tomar, se não estiver...

E: Que é psicologicamente ruim?

Luana: Sei lá! Algum problema... algum problema que você tem... alguma coisa. Problema que eu falo, é problema assim: em casa, alguma coisa assim, sabe? Namorado, alguma coisa assim.

E: E atualmente você está passando por problemas?

Luana: Não, atualmente não, mas... senti alguma coisa

E: Mas, há quanto tempo isso vem acontecendo?

Luana: As últimas vezes que eu tomei... não sei se a bala não foi boa ou sim... Sei lá! Não estou gostando mesmo, p. 19.

(...)

E: Você estava comentando, de voltar no dia seguinte, ou depois... Fala um pouquinho de sua experiência.

Luana: Foi assim... a primeira vez que voltou, foi a vez que tomei as duas. Aí, depois fui dormir. Aí, eu acordei. Aí, fui pra casa da minha amiga. A gente ficou lá escutando a música. Aí começou a voltar. Aí, voltou tudo... voltou tudo. Comecei a trincar... Não tudo com a força que foi lá na festa! Claro! Mas voltou. Fiquei dançando, trincando.

E: Que você fez... quando trinca que você faz?

Luana: Quando trinca? Nada. Depende, às vezes, treme: fico tremendo apenas. Ou, às vezes, fica assim, sabe? sei lá! Encostando, apertando, querendo morrer sabe!

E: Mas alivia de que forma?

Luana: Com pirulito! É... com pirulito. Não é bom botar qualquer coisa, ficar mordendo qualquer coisa, que depois você fica com os dentes todos feridos, p. 27.

(...)

E: E óculos? Você usa? Pra quê?

Luana: Eu uso mais pra manhã, quando está sol, quando está claro e você está com cara de mongol. Aí, eu uso. E também por causa da luz. Ou então quando estou de bala. Bala... porque seu olho vira... seu olho vira: o olho está aberto e vira, p. 32.

Entrevistador: Mas por quê? Você deu o exemplo do seu amigo que fisicamente ele ficou melhor quando ele ficou sem...

Thiago: É, ele ficou melhor. E eu já usei, então eu sei como é que é. no dia seguinte que você toma o ecstasy... eu, pelo menos, fico mal. Fico até meio depressivo assim... no dia seguinte., p. 25-26.

Outras Drogas

As outras drogas mencionadas nas entrevistas sempre têm algum efeito colateral danoso e desagradável para os usuários. Há relatos engraçados e curiosos. Uma menção (Hudson) digna de destaque é a que se refere ao cigarro como uma droga que causa dependência e danos físicos aos fumantes.

Entrevistador: E (no baile funk da) Mangueira? O que é que rola lá?

Carol: Ih! Rola de tudo: é lança, é loló. Mas eu não gosto de nada disso. Já provei loló e não gostei. (...) Dá uma dor de cabeça!, p. 9.

Entrevistador. O que mais você provou?

Francini: Cara, Benzidrat. É isso mesmo?

E: O que é isso?

Francini: É remédio de farmácia, remédio tarja preta. Você bebe com álcool, né? Você tem que misturar...

E: Mas quem que...?

Francini: Cara, nesse dia... as meninas pilharam e tinha uma farmácia ali na frente. Aí: "vamos comprar um benzidrat?". "Porra, brother, eu nunca tomei essa porra e nem sei o que é". "Não, vamo, vamo!". Aí, eu falei: "então, tá bom! Quanto é? Seis reais, a caixa com vinte!". Sendo que você tem que tomar uns dez, sabe qual é?

E: Pra dar um barato?

Francini: Pra dar uma onda. Aí, então é tranqüilo: "vamos comprar isso aí". Cara, a gente comprou e eu não lembro o que eu fiz. Neguinho falou que eu tive alucinações, que eu vi mulher na minha frente... Eu não lembro disso. Nem sei como eu cheguei em casa.

E: Mas quantos comprimidos você tomou?

Francini: Eu tomei quinze comprimidos e enchi os cornos de cerveja.

E: Cerveja?

Francini: Cerveja e vinho. Todo mundo virou pra mim e falou: "cara, você vai ficar mais louca, porque você bebeu vinho". Eu tinha levado uma garrafa com dois litros de vinho, sabe qual é? Sendo que eles estavam bebendo cerveja. Então eu comecei a beber vinho até essa hora que a menina falou: "vamos comprar benzidrat?"

E: Mas a sensação foi boa?

Francini: Eu falei: "cara eu não quero nunca mais tomar isso na minha vida". Nunca mais eu tomei, p. 39.

(...)

E: E o que mais...?

Francini: Chá de cogumelo. Todo mundo falava que eu vi o capeta na minha frente.

E: Você não lembra?

Francini: Só lembro que acordei num apartamento... A gente tomou na praia, em cima de uma pedra e falaram que eu me joguei...Não era muito alto, mas eu podia me ralar, cair ou sei lá! (...) Teve um cara que me segurou e eu falava que ele era o capeta, que eu dava soco na cara dele. E no dia seguinte eu vi a cara do maluco estourada. O cara me segurando pra eu não sair correndo e eu: "me solta seu capeta!", dando soco na cara dele. Eu não lembro de nada disso. É uma parada que eu não tomo mais, p. 41.

(...)

E: Você já usou loló?

Francini: Já usei, mas também não uso mais não. Não gostei. É uma parada que me fez mal. É um negócio enjoativo, muito enjoativo, p. 45.

Entrevistador: Você já cheirou loló?

Guilherme: Eu já experimentei (quando foi a um baile funk). É horrível!

E: Por quê?

Guilherme: É o pior. Dá dor de cabeça, é uma merda. Tem gente que gosta. Eu odeio, acho podrão. Lança é mais manero, mas é mais caro, p. 30.

Entrevistador: Você fumou maconha com crack?

Hudson: Eu fumei uma vez só, maluco. É uma sensação meio estranha. Você fica com o coração aceleradão e fica, tipo, acordado, p. 26.

E: (...) Mas não é legal a sensação?

Hudson: Ah! Eu não achei, não! Não achei muito bom, não! Ainda mais porque o crack é perigoso.

E: É?

Hudson: É muito perigoso. Ele mata neurônios (risos). Eu fiquei sabendo disso, eu falei: "nunca mais eu vou fumar essa porra!". De repente, eu vou ficar bobo aí, por causa do crack!, p. 27.

(...)

E: Você fumava cigarro?

Hudson: Pra caramba, brother!

E: E parou?

Hudson: Cigarro é pior que a maconha porque você pode fumar em qualquer lugar, comprar em qualquer lugar... Parei porque estava me prejudicando muito. Gostava (gosto) de futebol e o pulmão estava doendo. Fumava um maço e meio por dia, desde os quinze anos (fumou dos 15 aos 23 anos), p. 59.

Thiago: (com ácido) (...) Tava rindo e dali a cinco minutos depois eu tava parado num canto assim, de braço cruzado, com uma cara de assustado, olhando assim com medo de alguma coisa. (...) Já tive neurose com diversas coisas (quando consumiu ácido), p. 31.

Davi: (...) Agora, a cola é a pior droga que existe (...) Não tem cocaína, não tem pó, não tem crack (...) Eu cheirei uma vez com os caras. Quando eu vi eu estava babando e saindo pra rua com um saco de cola na mão, só de cueca (...) Uma vez também eu estava trabalhando numa área que o pessoal estava colando fórmica nas paredes. Era fechado e eu estava varrendo. Eu só lembro que eu estava no quarto andar da santa casa. Eu lembro na hora em que eu acordei, com um cara lá embaixo, com a mão cheia de cola. Ele falou que eu estava com a espátula, cheirando a espátula e olhando pra espátula. Eu não lembrava, eu nem vi eu sair do prédio. Eu fui acordar lá fora. Isso daí eu acho a pior de todas, porque te deixa inconsciente. (...), p. 35.

Eduardo: (...) Quando a pessoa usa crack, ela fica tremendo e os olhos ficam arregalados, a testa fica suando e altera a fisionomia da pessoa. O coração começa a bater acelerado, p. 27. (...) Dava o primeiro puxão e ficava tranqüilo. Aí, ia e fumava de novo, e ficava tranqüilo. Aí, rolando ia ficando na onda. Aí, já ia acender ficava tremendo, tremendo. E acendia. E tipo que afeta o sistema nervoso e a canela fica como? Suando pra caramba: parece até cachoeira. Tipo, que te deixa como? Te deixa numa onda estranha... sei la!, mas não dura muito não, p. 30.

SEXUALIDADE

Maconha

Do ponto de vista da sexualidade, a maconha é a droga que tem o efeito mais benéfico para os jovens, ainda que esta opinião não seja unânime. Carol, por exemplo, acredita que o seu desempenho sexual é potencializado, pois a maconha "tem um efeito muito gostoso", p. 18. Para Felipe, a maconha tem um excelente efeito, pois ela acaba com a timidez dos parceiros:

Entrevistador: E, aí, como é que é (a relação sexual com uso de maconha)?
Felipe: É diferente. A sensação é mais manera, rola muito mais química assim... mesmo que não role... tipo assim, normalmente, rola quando está com a droga. A sensação é bem melhor, eu acho.
E: Por exemplo, faz coisas que... como é que é? O que rola na cabeça e no físico?
Felipe: Rola mais no físico do que na cabeça, né?. Acho que rola um encontro, assim, melhor. O pessoal fica mais... tipo assim, sem timidez, não tem timidez nenhuma, sabe? Fica à vontade, você fica à vontade, tranqüilão, p. 52.

Entrevistador: Normalmente as meninas usam também ou não?
Hudson: Algumas, algumas. No ato, as que usam, preferem, com certeza. Se apertar um cigarro antes de "dar um pente nelas" (gíria masculina para transar) elas adoram, p. 51.

Rafael: O cara que fuma... eu fumei uma vez ou outra...não sou muito de fumar maconha, mas a maconha já dá vontade já. Já dá tesão no cara, p. 31.

Thiago acha que a maconha não prejudica o ato sexual, o problema é a quantidade: "a maconha tranqüilo, acho que a maconha não modifica nada não. Acho que, talvez, a quantidade... também, talvez", p. 23. Davi tem certeza que maconha é bom para duas coisas: "pra dar fome e pra fazer sexo":

Entrevistador: Por que é bom pra fazer sexo?
Davi: Ah, é bom! Você viaja (Risos). Você fuma e você pensa em mil e uma coisas. Sei lá! É diferente!, p. 29.

Eduardo: Tipo... que a maconha, quando fumo a maconha, ela me deixa mais... tipo... mais empolgado, tipo que uma suposição assim: a gente tem nossa fantasia, né? Que tipo que tu na onda, tu viaja e já pensa outros bagulho como: " Eu vou fazer isso e aquilo". Tipo... quilo que ajuda mais no desempenho, tá entendendo? Tipo a maconha, eu acho que a maconha, porque o pó eu nunca fiz e o crack também é a mesma coisa. É como eu tivesse... tipo assim... na relação, como se eu tivesse careta. Agora a maconha já dá uma coisa diferente, p. 31.

Cocaína

A cocaína não é a melhor amiga do sexo, ainda que alguns entrevistados tenham feito alusão ao fato de conhecerem pessoas que gostam de transar sob efeito da cocaína. Eles próprios não assumiram esta fissura. Para alguns, ela é exclusivista, ou seja, capta a atenção do usuário de forma tal que ele não quer pensar em outra coisa que não seja a droga, nem mesmo se esta coisa for sexo:

Felipe: (...) Sei lá! É tipo... muito difícil chegar ao prazer.
Entrevistador: Por quê?
Felipe: Porque pô! Te deixa com uma onda concentrada só em pó. Você fica só pensando em pó. Você pode estar com várias outras coisa na cabeça... (mas) fica pensando em pó. Aí, enjoa, quer dizer, aquilo te distrai em relação à pessoa. Você está distraído em relação a essa coisa então você pensa: " porra, vou fazer o melhor possível!", sem você estar... tipo assim, a sensação que a droga te passa, estar pensando em outra coisa, ai você vai embora, p. 53.

Francini: Do ponto de vista sexual, a coca pra mim é: eu não quero saber de nada. Quando eu cheiro eu não quero saber de porra nenhuma.
Entrevistador: Não gosta de transar?
Francini: Não gosto... não quero! Só quero ficar ali e tal... falando, zoando..., p. 34.

Para os meninos há uma dificuldade em chegar e/ou manter a ereção, o que inviabiliza o ato sexual:

Hudson: A cocaína eu não sei, mas tem uns colegas meus que falam que dá vontade sim. Mas se você também cheirar muito... (assovia, fazendo um movimento com a mão para baixo, denotando queda da ereção), p. 50.

Entrevistador: (...) As pessoas têm uma visão do pó como uma parada brochante? É isso?
Marcelo: Tem. Tem uns que tem sim. Eu acho que até, certas vezes, é mesmo. Tem gente que gosta muito mesmo. O maluco é todo dia, praticamente. Tipo: tem umas mulheres dos caras que gostavam muito. Aí, as mulheres se pegavam, sacou? Ficavam as mulheres se pegando e os caras tudo pancadão, sacou? Não conseguiram comer ninguém. Isso são estórias que eu já ouvi, né? (Risos). Ninguém comeu ninguém, né?, p. 36.

Rafael: Às vezes, a gente tá drogado e a gente nem consegue sair com mulher. Tá muito louco, sabe? Às vezes, a gente nem levava drogas para esses lugares porque perdia até a vontade de sair com mulher... a droga...
Entrevistador: É mesmo?
Rafael: Pelo menos eu, quando eu faço, às vezes, corta... corta a minha vontade. Aí, só depois que passa vai dar vontade. Mas sem droga é outra coisa.
(...)
E: E como é que chega na menina nessa situação?
Rafael: Ah, não chega. Quando eu tô drogado, não chega. Nem chega, a gente nem chega. Dá pra ver que tá com nariz sujo, dá pra ver que tá drogado, p. 13.
(...)
Rafael: Mas a maconha já dá vontade, já dá tesão no cara. O pó corta, p. 31.

Thiago: Cocaína, se ele cheirar três por dia, tá fudido (risos). Tanto que, sei lá! Num dá prazer, eu acho.
Entrevistador: Não dá prazer?
Thiago: Demora muito pra gozar, eu acho. Não sente muito a vontade.
E: Você já tentou?
Thiago: Já fiz, mas é porque... sabe? quando você está meia bomba? (Risos).
E: O problema é a ereção, né? Que a cocaína prejudica.
Thiago: Prejudica e bastante.

Entrevistador: E a cocaína é bom pra quê?
Davi: Pra não dormir. Se você está com cansaço, ela te tira o sono. Pra sexo eu já não acho que é legal. Pro homem não. Pra mulher eu já acho que pode ser legal.

Esta última referência de Davi não pôde ser avaliada com nossas entrevistadas. Das oito que contactamos, quatro delas disseram já terem usado cocaína. Destas quatro, nenhuma fez referência ao fato de terem transado sob

efeito da droga. Há menções ao fato de que a coca pode vir a estimular a vontade sexual. No caso dos homens, o maior problema diz respeito à ereção, mas este não seria um problema para as mulheres.

Ecstasy

Apesar de ser considerada a droga do amor, o ecstasy, certamente, nunca poderá ser considerada a droga do sexo. Dos dez entrevistados que disseram já ter usado bala, apenas Francini considerou a possibilidade de transar sob o efeito do ecstasy, porém ela não confirmou ter conseguido realizar tal proeza:

Francini: (...) A bala já quer... já... Qualquer abertura você já abraça e já quer levar...
Entrevistador: Mas você já chegou a transar com bala na cabeça?
Francini: Não, não!, p. 34. (...) Já tive...sabe? aquelas preliminares (risos) de bala, mas não tive nenhuma experiência sexual, p. 47.

É como se o ecstasy despertasse um afeto não genital entre os usuários. Uma necessidade de contato, carinho, massagens, mas não intercurso sexual de fato:

Moema: (...) O ecstasy dá um contato de pele diferente, por isso que muita gente toma ecstasy. Faz massagem e não sei o quê... E tem uma coisa derretida muito gostosa, mas, às vezes, você vai chegar lá... o maluco vai ficar te atordoando e ela não vai ficar molhada e não vai rolar. A parada não acontece. Porque é uma coisa sensual, mais do que sexual, p. 28.

Suzane: (...) A gente conseguiu ficar, a gente tentava. Às vezes, a gente falava: "vamos ficar?", mas eu ia beijar ele e a gente ria e não dava. Aí, pronto: a gente se agarrou e fomos pro lado, fomos pro mato, essa foi a da bala.
Entrevistador: Mas ajudou de alguma forma isso?
Suzane: Afetivo?
E: É! Afetivo...
Suzane: (...) Eu não consigo tomar uma bala e não dar um beijo em alguém. Acho que chegar a ir embora com alguém eu não vou não, porque as experiências não foram boas.
E: Como assim?

Suzane: Não gosto de fazer sexo depois de tomar bala (...) Na onda não! Tô fora! Eu acho que é falta de concentração, não dá. Dá até vontade. Cheguei e chamei assim: "vamos, vamos!". Cheguei lá: "não, não... desculpa!", p. 26.

Eis aqui um relato contraditório:

Entrevistador: (...) Você acha que o ecstasy é o melhor do ponto de vista da sexualidade?
Thiago: É o melhor... assim... que dá vontade. Mas eu acho que nas festas não rola muito sexo, não..., p. 23.

Outras Drogas

Além de Leandro, do mundo do funk, que disse poder transar até com mais prazer quando está sob efeito do álcool ou qualquer outra substância, o outro campeão nesta arena é Felipe, que diz transar melhor com ácido, loló, álcool, etc. Se é verdade ou não, não podemos saber; podemos apenas registrar suas falas:

Leandro: (...) A partir do momento em que você conhece a não sobriedade não tem graça você ouvir música num baile no final de semana estando sóbrio. Não tem graça. Você vai enxergar tudo do jeito que é o mundo, do jeito que ele é, com todos os sofrimentos que existem. (...) E se você não está sóbrio, você está enxergando um mundo de fantasia, um mundo de alegria. Está todo mundo feliz, está todo mundo ali dançando, está todo mundo alegre. Se tentar pegar uma mulher e ela mandar você pastar, se ela falar "não!", você está cagando e andando (...) Quando você não está sóbrio, já dobra o prazer, porque você já está no prazer da... A mente já está elevada, p. 27.

Felipe: Já (transei) em várias situações, a maioria das vezes não careta.
Entrevistador: E, aí? Como é que é?
Felipe: É diferente. A sensação é mais maneira. Rola muito mais química... assim, até que não role... tipo assim, normalmente, rola quando está com a droga. A sensação é bem melhor, eu acho.
E: Por exemplo: faz coisas que... como é que é que rola na cabeça e no físico?

Felipe: Rola mais no físico que na cabeça, né? Acho que rola um encontro... assim, melhor; o pessoal fica mais... tipo assim, sem timidez... não tem timidez nenhuma, sabe? Fica à vontade, você fica à vontade... tranqüilão.
E: Mas e aí? Essas sensações são as mesmas no que se refere à transa, né? A relação sexual... com todas essas drogas que você... que a gente comentou? Ou com uma mais, outra menos?
Felipe: Não. Tem drogas que cai melhor. Tipo assim, com bala... assim, é bom. É bom. Você fica com mais disposição.
E: Bom por quê?
Felipe: Mais disposição... eu acho melhor. Mas, pô! Com outras drogas é tranqüilo também. Já fui com vários tipos: maconha, cheirinho da Loló, de bala, de doce...
E: É? De doce?
Felipe: De doce o problema é que é muito rápido demais... acho rápido demais. Tem que estar muito concentrado, mas é manero também... é tranqüilão. Se a pessoa estiver de doce também, melhor ainda.
E: Aí, ia te perguntar. Se a parceira...
Felipe: Se estiver com a droga que você está usando, melhor ainda. Você entra em sintonia mais rápido, p. 52.

Não há porque duvidarmos delas, no entanto:

Suzane: Álcool ajuda bastante. Pra mim, pelo menos, sim... não muito. É que solta, né? Aí, eu viro a piranha (risos)
Entrevistador: O álcool que te transforma nessa diabinha?
Suzane: É!

Moema: A droga mais legal do mundo? É o ácido (risos).
Entrevistador: (...) Até em questão sexual?
Moema: Em tudo (...), p. 29.

ESTIGMAS

Maconha

Alguns dos usuários de maconha têm consciência do estigma que paira sobre aqueles que dela fazem uso. Isso é uma preocupação muito comum entre

os mais jovens da cena eletrônica, especialmente as meninas, porque tanto os mais velhos quanto os agentes que freqüentam bailes funks não têm muito medo do estigma que a eles possa ser imputado pela palavra "maconheiro(a)", com raras exceções.

Moema, 24, por exemplo, acha que a maconha nem conta muito como droga, apesar de não gostar de andar com alguém que a esteja fumando . Paula tem uma opinião parecida e ataca aqueles que buscam estigmatizar quem faz uso da droga:

Paula: (...) Eu não usei drogas pesadas, foi maconha. Eu faço, mas não faço assim, como é que eu posso dizer? Isso não me domina, entendeu? Não paro minha vida por causa disso. E eu não acho... assim eu acho meio preconceito da pessoa, que eu acho que a bebida, o álcool, eu acho não... tenho certeza, a cerveja é uma droga só que lícita, o cigarro também é uma droga e eu vejo a maconha como uma droga. Tipo assim, uma droga não lícita, mas como se fosse um cigarro comum, na minha cabeça não tem muita diferenciação entre o cigarro e entre a maconha, entendeu? Para mim ambos, tenho consciência que faz mal.
(...)
Paula: A mesma coisa com maconha. Por quê? Porque não é licita, não é uma droga lícita. Só que se você parar pra pensar a cerveja é uma droga, o cigarro é uma droga e todo mundo usa. Só a maconha, que as pessoas "maconha, maconheiro" já tem... rotula logo a pessoa como "maconheira". Aí, no caso... aí eu não posso fumar maconha. Por que? Se eu vejo um monte de pessoas fumando cigarro, por que eu não posso fumar maconha?, p. 14.

Para os freqüentadores de bailes funk, onde, segundo Davi, a maconha rola à vontade, a opinião se assemelha à de Paula. Carol, por exemplo se pergunta: "o cigarro não é legalizado? Por que a maconha não pode ser? Não é?", afinal, como ela já tinha dito em momentos anteriores "a maconha é (um tipo) de cigarro".

Algo interessante que deve ser explorado e que está implícito nas críticas destes jovens é a vinculação efetiva entre bailes funks e maconha, que parece ser uma indubitável realidade e que evoca uma relação espúria entre a curtição no baile, o consumo de maconha e a associação com a vida criminosa. Funk,

maconha e crime se associam rapidamente com o local de moradia destes jovens, a favela, e permitem o estigma e a associação entre estes termos.

Este contraste é visível quando temos um relato diferente de uma jovem que mora num condomínio de classe média e que apesar de fazer uso de maconha se preocupa e muito com os estigmas associados a esta prática:

Luana: Não, não sou viciada não! (Ao responder que não fuma em toda festa que vai).
E: Não... você acaba não fumando na frente de outras pessoas?
Luana: Não!
E: Por quê? Você acha que as pessoas vão pensar que você é maconheira?
Luana: Porque já falaram. Antigamente fumava sempre, todo dia... assim. Aí, fumava com um monte de gente e com amigos... não amigos, colegas que conheço de vista. Aí, fumava com eles.
E: O quê? Praia?
Luana: É, praia. Falavam: "vamos fumar? Vamos!". Aí, ia. Aí, comecei a ficar com fama de maconheira. Aí, todo mundo me chamava de droga-droguinha. Aí eu não gostava. Aí, eu não gosto. Aí parei de fumar... assim... Agora que eu voltei... voltei a fumar, p. 26.

Moema: (...) Sou contra a galera fumando na rua, há muito tempo. Neguinho vai fumar, eu falo: "não vai fumar!", neguinho fala: "ah, eu vou fumar". "Então vai fumar, mas eu não vou andar com você fumando". Eu acho que esse negócio de andar com coisa na rua não...não tá vendo que não pode? Podendo fazer em casa, não cabe, p. 26.

Cocaína

A cocaína é uma droga altamente estigmatizada. Tanto pelos não usuários de drogas, quanto pelos usuários, inclusive por alguns que gostam de consumi-la. Dênis tem a autorização de seus pais para fumar maconha em casa, mas não se atreveria a revelar que pode vir a cheirar no lar, doce, lar:

Dênis: (...) E a cocaína... isso é extrapolado, né?
Entrevistador: É, isso...
Dênis: Totalmente (...) porque nenhum pai acha tranqüilo deixar o filho cheirar em casa. Tem uma visão extrapolada, p. 11.

Vimos anteriormente como Felipe diz ter sentido incompatibilidade com a droga, apesar de tê-la usado e como Guilherme enfatizou o fato de seus amigos usarem uma série de drogas, mas deste rol, a cocaína estava excluída. Felipe mencionou a cocaína como uma "onda caída" e para Guilherme a cocaína parecia um tabu entre o seu grupo de amigos. Já mencionamos o fato de que nos grupos focais esta impressão era sempre recorrente também. Todos afirmavam que a imagem da cocaína é a pior possível, mesmo entre os usuários de drogas, mesmo entre os usuários da própria cocaína. Marcelo que, juntamente com Francini, convive com uma galera que já topou todas, conta a sua experiência com a droga no início e o fato de esconder dos colegas este uso:

Entrevistador: (...) Como é que é o lance do uso? Você se bola de usar em algum lugar? Mantém um segredo? Esconde de alguém isso?
Marcelo: Não, não. Isso sempre... é! Não. Com certeza não é de esconder, é de você ter cautela, né? Também não vai sair falando pra todo mundo o que você faz. Mas, no início, nessas viagens, todo mundo, em termos de amizade, todo mundo usa. A galera não tem, assim...a não ser que, vamos supor: a galera... ninguém usa cocaína e você usa. Aí, já foi o meu caso. De vez em quando, quando eu uso, às vezes, eu ia pro forro, ia pra não sei onde e usava. A minha aparência, a minha face não modifica nada. Eu não fico igual a um monstro, com um olhão. Eu fico até com olho fechado. Os caras nunca desconfiavam disso. Nunca mesmo. Depois de muito tempo que os caras foram se ligar. Aí, que eu fui falar mesmo... abrir o jogo.
E: (...) Era pelo fato da cocaína ser uma droga um pouco recriminada e ficava numa de usar, mas achava que não tinha necessidade de falar com os malucos?
Marcelo: É!
E: Mas por quê? Por que os malucos podiam ficar putos ou bolados?
Marcelo: É, de repente ficarem bolados, né? "Pô, o cara, de repente, acha que eu vou ficar viciado". Porque sempre houve caso de neguinho que começou a cheirar, saiu da família, começou a roubar em casa (...), p. 10.

A referência do estigma é sempre a má imagem que a droga tem em função de uma série de razões. Isto sempre ocasiona um consumo mais segredado e segregado, uma preocupação em evitar que muitos saibam para não ficar com o "filme queimado":

Entrevistador: (...) Você faz uma diferença entre cocaína, maconha e ecstasy? Como é que você vê cada uma delas?

Thiago: Cara, cocaína, eu vejo mais como uma parada muito feia.

E: Feia?

Thiago: É. Tenho uma visão meio... Eu tenho vários amigos que... até nesse círculo de dez amigos, digamos que tem uns cinco que gostam muito. Às vezes, no meio da semana faz e no final de semana, toda night que sai, curte o uso. Mas eu mesmo, pra mim eu acho feio. Eu acho que usar isso na frente das garotas pega malzão.

(...)

E: (...) Pelo que você está falando, tem a ver com que as outras pessoas acham...

Thiago: É, eu acho mais socialmente mesmo. É mais feio, mas eu não acho que cocaína seja pior do que ecstasy. Talvez, pelo fato de você cheirar seja pior, mas tem muita gente que cheira ecstasy também (...), p. 20-21.

A imagem social da cocaína tem um efeito enorme sobre os usuários. Davi evita cheirar junto com os outros usuários no "cheiródromo", lugar próximo ao baile funk que ele freqüenta onde os que usam cocaína vão para consumir a droga e explica o porquê disso:

Davi: (...) Eu estou parado ali utilizando e passa um conhecido que está indo pro baile e que fuma só um baseado. Ele já vai virar e vai falar: "caraca! Eu nunca tinha visto usando!". Ele vai pensar o quê? Que eu sou louco igual aos outros que estão ali.

(...)

Davi: (Se tiver que cheirar?) Ah! Não no cheiródromo. Porque eu não gosto de falar, de eu ter vontade de usar e falar: "não, eu não vou me sujeitar a parar e cheirar naquele lugar ali não".

E: Por quê? Qual a imagem que você tem do lugar?

Davi: Ah! Tem uma imagem assim... tipo, o resto da sociedade (...) Tem gente que tem padrão, e pode ter cordão de ouro e relógio de ouro e daqui a pouco estar vendendo tudo, trocando..., p. 24-25.

Davi esconde dos familiares que usa cocaína, apesar de assumir para alguns deles que fuma maconha:

Entrevistador: Por que não falou da cocaína?

Davi: Porque aí, já é uma coisa mais... tipo assim, é uma discriminação. Porque aí, ele (o primo) vai pensar que eu me enquadro no padrão dos usuários. Porque ele está acostumado a ver, entendeu? E aí, pra evitar esse susto eu falei: "ah, não! Eu só fumo", p. 38.

A fama da cocaína provoca situações inusitadas. Eduardo, 17, nosso vendedor de drogas numa boca de fumo, diz não cheirar cocaína, porque "quem cheira é vacilão", ou "dá mole" ou "perde a linha". No entanto ele usa crack com maconha e todos sabem que o crack é a cocaína queimada com bicarbonato de sódio, uma mistura explosiva e talvez muito mais nefasta do que a própria cocaína. Isto se deve a uma defasagem do uso na cidade do Rio. Por razões muito específicas, só recentemente o crack começou a ser consumido por aqui. Diferentemente dos paulistas que sabem já há algum tempo o efeito do crack em seus usuários, no Rio o crack ainda não atingiu a mesma fama de droga nefasta e apesar de ser um derivado da cocaína, pode, na ingenuidade de um adolescente, vir a ser usado sem propiciar a mesma pecha que recai sobre os que cheiram pó. Mas isto, com certeza, é apenas uma questão de tempo, pois os relatos sobre o crack descritos mais à frente já apontam para a periculosidade da droga e todos já começaram a perceber isto.

Muito do estigma preso à cocaína diz respeito ao fato dela ser uma droga que vicia rápido e provoca uma dependência extrema no usuário a ponto dele cometer qualquer tipo de loucuras para ter acesso à droga, sem contar os boates sobre o seu efeito nefasto no organismo das pessoas, e que acaba se confirmando em seu fenótipo depreciado em função do uso e pelo descuido que o usuário passa a ter em sua forma de apresentação social:

Carol: Tem pessoas que cheiram e não bebem. A minha tia cheira a noite toda, mas não bebe nada, nem coca (cola).
Entrevistador: Ela cheira a noite toda? Como você sabe?
Carol: (Ela fica no cheiródromo). E lá fica só quem cheira pó.
(...)
E: E ela tem quantos anos?
Carol: Trinta e dois (...) Está super acabada.
E: A coca dá uma acabada...

Carol: Acaba com tudo. Dizem que quem cheira muito a única coisa que resta por dentro é o intestino fino, né? Dizem isso: destrói tudo... o fígado... tudo.
E: Não sei. (...) Você não vê com bons olhos o pó...
Carol: Eu acho que a pessoa que cheira também não vê com bons olhos. Cheira porque tem vício, entendeu? E isso descontrola..., p. 36.

Carol já tinha mencionado antes deste momento da entrevista relatos sobre acontecimentos na vida de parentes que usavam drogas:

Carol: Eu acho que o pó é um vício horrível (...) porque chega um limite que você não se controla mais.
Entrevistador: Você conhece pessoas assim?
Carol: Conheço: o meu tio. A mãe do meu primo, a mulher do meu tio...A mulher do meu tio chegou a vender, quando eles moravam lá no morro, a televisão, a geladeira...
E: Cheirou tudo?
Carol: Cheirou tudo. Então é vício que não vale a pena, apesar que nenhum vale, mas o pó... é uma coisa incontrolável. Deu vontade, não tem dinheiro, o que você vê na sua frente você pega e vende e acabou (...) Eu nem tenho vontade de provar (...) Eu já vi o meu tio ficar horrível e a minha tia... eles se agridem (...) Ele já esfaqueou ela, ela já esfaqueou ele. Tudo isso por causa do pó.
E: Você percebe alteração na pessoa?
Carol: Percebo... Fica agitada... tem umas que não. Tem umas que já tem medo, fica meio no canto, entendeu? Com tudo se assusta, entendeu? Mas meu tio ele fica agitado e tudo ele quer brigar, ele se descontrola, bebe muito..., p. 10-11.

Entrevistador: E que são drogas pesadas?
Paula: É a (que deixa a) pessoa transformada, a pessoa que faz tudo para conseguir a droga.
E: Que droga você fala?
Paula: A cocaína, que é a mais usada; a pessoa rouba, mata mesmo, fica sem dinheiro, fica sem comer pra poder fazer isso. Aí, eu não topo. Porque maconha é barata. Maconha você com um real você compra maconha em determinados lugares... um real. Que é um real? Um real você consegue... às vezes 5 reais você compra. Agora cocaína não, cocaína é cara, é 10, é 15, é 20 reais, p. 15.

Hudson: (...) Se você cheira um pó, daqui a trinta minutos você quer cheirar de novo. (...) A cocaína te instiga a usar outro (papelote). E no preconceito, tem a questão da dependência. (...) A sensação num certo ponto é até boa, cara. Mas se acaba rápido te induz a usar mais, p. 28.

O fato de viciar rápido provoca nojo e medo em alguns dos entrevistados:

Entrevistador: Voltando a outras drogas... se você já experimentou... usou... Cocaína, já experimentou?
Luana: Não, nem vou. Tenho nojo
E: Por quê?
Luana: Sei lá! É muito nojento... eu tenho medo. Têm várias pessoas que falam que da primeira vez... tem pessoas que falam que da primeira vez que cheiram vicia, sabe? Eu tenho medo de cheirar. É muito nojento. Sei lá! Já vi muitas pessoas, sabe? Vendendo coisas de casa pra cheirar, fazendo várias merdas pra cheirar. Eu não tenho vontade, não, p. 31.

O uso da cocaína pode ser motivo de discriminação mesmo entre usuários de outras drogas:

Davi: Sou usuário (de cocaína), mas até os próprios amigos que andam comigo, ninguém usa e todo mundo fala que eu não deveria falar que eu uso. (...) O usuário de cocaína geralmente é sem limites (...) enquanto ele tiver dinheiro ele vai consumindo, ele vai pedindo emprestado ou então ele vai roubar ou nem sei o que ele vai fazer, mas ele vai usar em excesso. Aí, o cara já perde as responsabilidades, já fica andando feito louco na madrugada, igual bicho (...).
Entrevistador: (...) Como é isso que você falou... do cara sair na madrugada feito bicho? Como é?
Davi: Pô, é pancado. O nariz todo branco, cheio de pó. O nariz estatelado (...) Ninguém vai gostar de andar na companhia de uma pessoa assim, né? Por isso que é bem discriminado, p. 18-19.

Clara: Eu acho que, sei lá! Não discrimino ninguém, cada um sabe o que faz, mas tem coisas que eu não quero perto de mim, sabe? Há certas coisas que eu não queria perto de mim, sabe? Uma pessoa que faz certas coisas que eu não queria perto de mim... falo, se eu conheço falo, mas eu não vou querer andar com essa pessoa, entendeu?
Entrevistador: Que coisas, por exemplo?
Clara: Ah! Essas coisas de cheirar, sabe? Se tiver um amigo que cheira não vou querer saber que faça na minha frente, entendeu? Sei lá! Tem coisas que..., p. 44.

Entrevistador: (...) Você acha que isso tem a ver então com o fato de que quem cheira sempre fica...

Hudson: ... dando mole.

E: "Dando mole"? O que qui é "dando mole"?

Hudson: Roubar, prensar... É tipo assim...é desvalorizar o ambiente comum... dele...ali, de vida. Ele começa a desvalorizar aquilo ali, tá entendendo? O cara já não liga mais pra ficar com a família dele, com a mulher dele, com os filhos dele... Ele já tira um dinheiro que, de repente, era pra ele investir, pra ele direcionar pra família dele... pra ele poder cheirar. O cara que cheira, geralmente, e que ele não tem boa condição de vida, ele não anda bem vestido, ele não sabe se portar, tá entendendo? Ele não consegue manter aquela condição dele porque ele prefere gastar com cocaína. E o cara que consome cocaína ele é levado a consumir outras drogas, p. 39.

(...)

Hudson: (...) Eu não gosto nem de sair com mulher que cheira.

Entrevistador: É? Por quê?

Hudson: Ah, sei la! É complicado. Eu não confio não. É aquele papo que eu te dei. É complicado mulher que cheira. É aquilo. Sei lá! Eu tenho um preconceitozinho mesmo!, p. 50.

Hudson acha a galera do pó agitada, neurótica, muito esquisita. Disse ele que chegou a conhecer alguém tão fissurado que tomava pico na veia de cocaína "porque vai direto no sangue: a onda é instantânea", p. 53. Eduardo que fuma crack com maconha diz que cheirador é vacilão e costuma perder a linha. Na boca de fumo onde trabalha chega ver cara perdendo a linha ao cheirar em 20 minutos um papelote de 50 reais, p. 28. Sua estratégia para evitar o pó: "eu fico pensando: eu vou cheirar e vou dar mole. Aí, já some logo aquilo da minha mente" (idem).

Os usuários de cocaína são bastante discriminados nas comunidades faveladas:

Hudson: (...) Porque eu cheguei perto de um amigo meu e ele: "tá pancado? Tá fedendo!" Eu estava com o maior olhão. Aí, eu falei: "não! É que eu fumei um baseado ali com cocaína e ela estava pura, porque o cara falou". E tava fedendo mesmo: "porra, meu irmão, tu cheirou, cara! Tá com o maior cheiro de cocaína". Eu fique até preocupado, cara.

Entrevistador: Aí, você não gostou...

Hudson: Nada! Ficar com aspecto de cheirador? Eu não gosto disso não. (...) Lá o pessoal discrimina pra caraca. O cara vê que tu cheira e já acha que tu faz besteira. É aquele papo que te

dei (...) O pessoal mesmo da comunidade: maconha não é discriminada, mas cocaína e crack... é complicado, p. 37-38.

Davi relata que quando tinha 14 anos estava fumando maconha com um amigo e foi pego pelo pai desse amigo que morava na comunidade e que ao ver a cena recomendou: "só nunca usem cocaína". No caso de Davi, esse apelo não foi atendido.

Até mesmo os traficantes de alguns comandos no Rio, como é o caso do TC (Terceiro Comando) e o ADA (Amigos dos Amigos) não permitem que os freqüentadores de bailes funks que são usuários de cocaína, cheirem dentro do baile:

Davi: Em Portugal dizem que tem uma área só pro pessoal usar droga. Digamos que seja assim na favela. Só que fuma uma maconha ou uma coisa assim... você pode fumar em qualquer lugar. Agora, já a cocaína... se o bandido pegar ele vai...
Entrevistador: É mesmo? Não pode?
Davi: Não pode. (...) Se ver, o cara vai querer esculachar, porque o pó é sinistro...
E: Mas por que isso? Qual a idéia que você tem?
Davi: Eu não sei. Eles acham que é uma falta de respeito você utilizar. Isso aí que eu acho que é errado no TC e no ADA. Porque se eles vendem... a pessoa devia poder usar em qualquer lugar. Ele está vendendo pra matar... como é que ele vai falar em respeito: "ah! Não pode usar pó aí, não, porque é falta de respeito", p. 23.

Eduardo que trabalha numa favela dominada pelo TC confirma o relato de Davi.

Entrevistador: Dentro do baile pode usar qualquer coisa ou não?
Eduardo: Não. No baile, só maconha mesmo. Pó não pode não.
E: Por quê?
Eduardo: É tipo assim... que tem criança também no baile. E tipo... que maconha ele já viu todo mundo fumando. E pó não. Não pode cheirar aqui. Só pode cheirar ali na frente (aponta para o cheiródromo) onde fica os viciados. Só pode cheirar ali... Então, no caso, não pode cheirar por causa das crianças mesmo, porque criança vê: "ah! O que é que é isso? Pá... nunca vi isso não!". Só vê nos fumando, nunca viu nós fazendo isso, certo? Pergunta o que é, querendo saber o que é..., p. 45.

Não é apenas nos bailes funks que cocaína é alvo de estigmatização. Nas festas raves isto também ocorre:

Entrevistador: E aí, nesse ambiente (as festas raves), o pó, por exemplo, é uma parada vista como uma coisa de lado? As pessoas usam?
Dênis: Não. A galera usa demais. Adoram. Mas eu acho que o uso não é tão visto. É uma coisa que as pessoas até... é a real da própria droga mesmo. A galera faz nas escondidas. O ecstasy e o ácido que tem muito essa coisa de ver, de dividir, de mostrar. O pó as pessoas guardam ali...
E: É uma coisa mais velada?
Dênis: É. Até com os amigos já é complicado, né? Eu, por exemplo, tenho uns amigos que eu acho muito doidos. Eu não sei certas coisas que ocorre entre eles. Eu fico de fora. São amigos de dez anos. Eu fico de fora. Mas se é pra falar do daime ou do ecstasy, vem falar comigo. Mas se é pro pó, eles já sabem que eu não sou partidário. Também formam os grupos, por conta disso, né?

Moema: Bom, na rave você tem toda a liberdade de usar o que você quiser, menos dar um teco (cheirar) assim... no meio da pista... as pessoas vão te olhar muito feio. Normalmente algumas vão te pedir um teco, mas é uma coisa feia pra maioria. É uma coisa que não combina com o glamour, a beleza, a natureza, coisa psicodélica, as pessoas arrumadinhas, as fadinhas... já os cheiradões (fissurados em coca) não combinam com isso aí, p. 24.

Em outro momento da entrevista, Moema se pergunta do porquê em relação ao preconceito que a cocaína carrega: "existe um motivo real ou é só porque é pelo nariz?", p. 18.

Ecstasy

Da mesma forma que não se encontra alusão ao fato do ecstasy ser viciante, pouquíssimas vezes a substância teve menção enquanto objeto capaz de transferir e imputar estigma aos seus usuários. O ecstasy é a droga da moda. Trata-se de um comprimido caríssimo (chega a custar 40 reais se adquirido nas festas), é usado por jovens de classe média e classe alta, muitos dos quais bem nutridos e cuidados, com físicos exuberantes e invejáveis. Com esta clientela, o

ecstasy não tem até o momento a mesma imagem junto aos jovens que outras drogas possuem. Há um trabalho enorme de mídia no sentido de "demonizá-lo", mas com relação aos usuários ele não traz em sua representação as marcas de uma substância cercada de tabus e temores como é o caso da cocaína e nem mesmo a pecha depreciada que se atribuem aos "maconheiros". Isso pode mudar e a mídia trabalha com toda força neste sentido.

Outras Drogas

O crack tem ultimamente revelado a sua atuação nefasta em seus usuários e começa a despontar como uma droga especialmente destinada a ser estigmatizada, transformando os crackeiros em agentes altamente estigmatizados.

Hudson: Eu não gosto de parar perto destas figuras (crackeiros). O cara quando fuma na pedra mesmo, ele dá tapa na cara, ele quebra...
Entrevistador: Ele dá tapa na cara dele mesmo?
Hudson: Ele faz assim, ó! (mostrando) (risos), p. 33.

O álcool também é lembrado como algo que pode ser rapidamente associado a ambientes bizarros, violência e inconsciência:

Dênis: (...) O álcool está sempre associado a ambientes meio bizarros, à violência... As pessoas perdem muito a consciência... Com o álcool tem uma coisa muito deprimente: a pessoa caída, morta ali (sem consciência), p. 12.

POLICONSUMO

Um dado digno de registro é aquele que diz respeito ao consumo de diferentes drogas pelo mesmo usuário, às vezes, na mesma noite, ou no mesmo momento. Os usuários "menos diversificadores" são aqueles que apenas fumam maconha e bebem. Nesta lista pequena estão incluídas Carol e Paula, ambas do universo funk. Mariléia, também do universo funk, cheira cocaína e

fuma maconha, mas não bebe álcool. Apenas estas garotas estão na lista de díades. Os demais usam ou já usaram no mínimo três drogas. Clara, 17, é a mais comportada da cena eletrônica. Só toma bala, bebe e fuma maconha. Mas já estamos no universo de "triplas possibilidades". Podemos incluir aí Hudson e Rafael que bebem e fumam maconha. O primeiro, além disso, já fumou maconha com crack e maconha com cocaína. O segundo, ao lado da bebida e da maconha, cheira cocaína durante os fins de semana.

Os que estão vinculados à cena eletrônica são os mais experimentadores. Alguns, como Francini, não recusam nada do que lhes é oferecido. Para a garota de 18 anos não seria possível explorar nas duas horas de entrevista todas as suas experiências e avaliações do uso das inúmeras drogas que ela usou. A impressão que tínhamos era a de que ela ainda tinha muitas "cartas na manga" para nos mostrar. Sua entrevista é bastante divertida, mas não sabemos até quando seu físico irá tolerar tanta diversidade. Isto inclusive fica visível em sua aparência sofrida e denunciadora de noitadas e muitas outras tantas baladas. Perto dela poderíamos situar Thiago e Felipe que com apenas 18 anos também demonstram um certo cansaço e se apresentaram para entrevistas denunciando, em suas faces, marcas de suas constantes peregrinações noturnas regadas a psicoativos, os mais variados possíveis.

Em questão de diversificação, a cena eletrônica surpreende. Com exceção de Clara e Luana que com apenas 17 anos parecem estar debutando neste universo plural, os demais têm uma "kilometragem" que surpreende. Suzane é, por exemplo, uma grande experimentadora. Sua lista inclui plantas, cogumelo, anfetaminas (no plural), além dos tradicionais ácido, bala, maconha, cocaína, sem esquecer, é claro, do álcool e de quebra ainda vai o cigarro. Aí também estão Dênis, Marcelo e Moema. Guilherme, o nosso caçula com 16 anos ainda tem reservas em função de seu grupo de amigos e não experimentou a cocaína, mas seu rol já inclui, além do álcool, maconha, bala, loló, e lança. Ainda tateia e não chegou nas plantas e nem nas anfetaminas. Ele tem tempo ainda.

Sem sombra de dúvida, a galera da cena eletrônica é desbravadora. Eles são os mais "diversificados". Felipe e Thiago são dois amigos que encontram-se

praticamente todos os dias para fumar maconha. Ambos já cheiraram, fumaram, beberam, etc. A lista de drogas utilizadas pelos demais é extensa: quase todos usam ou já usaram cocaína, maconha, álcool, ecstasy, ácido, loló. Alguns, como vimos, incluem plantas como alucinógenos diversos (daime, cogumelo, jurema, trombeta), psicofármacos e eventualmente alguma droga pouco conhecida, como cápsula do vento, microponto, ketamina, etc. A cena eletrônica é bastante variada e não deixa de incluir remédios, psicofármacos e anfetaminas diversas.

No caso do universo funk, as possibilidades são menores, mas mesmo assim são o suficiente para caracterizar um policonsumo. Além da maconha, da cocaína e do álcool, são citadas drogas muito estigmatizadas e de baixo valor econômico e social, como é o caso da cola de sapateiro e da pedra de crack. Estas drogas não aparecem nos relatos da galera da cena eletrônica, assim como são pouquíssimas as referências de consumo de drogas específicas desta cena que são consumidas pela galera funk. Dois deles disseram ter usado ecstasy, mas as descrições são suspeitas e o preço que disseram ter pago, também. Um deles disse ter tomado ácido.

As galeras funk e rave estão vinculadas, em termos de consumo, apenas no que tange à maconha, à cocaína e ao álcool, mas, com certeza, a galera funk não tem condições de sustentar o consumo de substâncias como o ecstasy ou o ácido, por exemplo.

Seguem trechos de entrevistas que apontam para o fenômeno do policonsumo:

Dênis: Eu gosto muito da maconha (...) ela tem uma coisa bem leve do dia-a-dia (usa diariamente) (...) O que mais? Eu gosto muito do ecstasy, mas sei que é muito químico, sei das contra-indicações, dos efeitos colaterais que são fortes pra caramba (...) Eu gosto do daime pra caramba. Eu gosto de planta em geral: cogumelo, daime, jurema..., p. 14.

(...)

Dênis: (...) Você vê as propagandas... o (programa) "Fantástico": "conseguimos uma bala na noite: o garoto tomou um ecstasy". Não é a realidade! Você vai ver, o cara tomou quatro mescalinas, uma planta, álcool... Porra! Tá doido! (risos). Então a sociedade tem essa visão de

que o cara vai ali, toma uma coisa e fica... Minha mãe acharia tranqüilo se eu tomar ecstasy. Mas, coquetel, sabe? Coquetel de drogas... (risos)

Entrevistador: Rola isso?

Dênis: Rola, rola muito.

E: O que é um coquetel de drogas?

Dênis: Junta tudo. Junta numa garrafinha, junta várias coisas. Ácido, ecstasy, junta com um suquinho... É pirado. Joga limonada... um drink com várias drogas, p. 33.

Felipe endossa a "teoria do dominó", segundo a qual uma droga leva à outra. Assim, a maconha, como a droga ilícita mais comum, abre caminho para o uso de outras:

Felipe: A maconha é a porta para todas as outras drogas. Quando falam que não é porque... é porque é mentira! Abre, sim, a porta para várias outras drogas

Entrevistador: Por quê?

Felipe: Porque... tipo assim, a onda da maconha não é suficiente, depois de um tempo você enjoa, você quer conhecer outras ondas. Aí, esse é o problema, p. 45.

Entrevistador: E o que é que eles (os amigos) usam muito?

Guilherme: Bala, maconha, ácido, loló... Isso tudo, p. 14. (...) Eu já usei bala, lança e maconha.

E: Você falou que "loló"...

Guilherme: E "loló"... Eu experimentei, mas não uso, p. 35.

(...)

E: (Depois de Guilherme ter dito que já usou maconha e bala ao mesmo tempo) Por quê? Tu fica doido e ao mesmo tempo relaxado?

Guilherme: (...) Eu tomei a bala e depois mais tarde eu usei a maconha... quando a parada não estava mais... muito na onda não, p. 49.

Entrevistador: Você fumou maconha com crack?

Hudson: Eu fumei uma vez só, maluco. É uma sensação muito estranha. Você fica com o coração acelerado e fica... tipo, acordado. É como se você tivesse cheirado, p. 26.

Entrevistador: (...) Você está falando que a maconha é uso diário. E as outras? É todo fim de semana?

Marcelo: É. Praticamente, todo fim de semana.

E: E a cada semana uma coisa diferente? Mistura essas coisas?

Marcelo: Mistura, mistura.

E: Por exemplo... me dá aí uns exemplos...

Marcelo: É, geralmente, é isso mesmo: bala, ácido e cocaína.

E: Mas, mistura tudo? Tem...

Marcelo: É... vai..., de repente, chega e toma um ácido. Dá um tempo, aí, toma uma bala. Ou não. Geralmente, eu gosto, quando eu vou fazer misturado, de dar um doce antes e uma cocaína depois. Eu acho que corta... assim, um ao outro, né?, p. 16.

Moema: Mas a galera está tomando bala de novo. Eu andei tomando umas pastilhas aí, esses dias. Voltou uma onda de bala na galera... O Kid e o Dênis, eles nunca pararam de tomar bala (...) Eu e a Natália tivemos uma fase que não rolava bala, só ácido (...) Você fica tomando pastilha, cheirando cocaína... mas que bobeira!... o ácido é tão bom, sabe?, p. 19.

Entrevistador: Tudo com onze (anos)? Tudo ao mesmo tempo?

Suzane: É, ao mesmo tempo. Cigarro, foi março de 1996. A maconha deve ter sido um pouquinho no final do ano e a bebida até antes do cigarro.

E: Em que ordem? Primeiro a cerveja?

Suzane: A bebida, depois o cigarro e depois a maconha e depois o pó. Depois o doce, depois a bala e depois o cogumelo e parei por aí... eu acho...

E: Parou?

Suzane: Parei por aí.

E: De repente, dando menos atenção a outras coisas pelo caminho... uma anfetamina, um loló...

Suzane: Ah, sim! Isso, às vezes... Um lança, um loló, um ministral, tem a anfetamina, tem benflogin, dualivre..., p. 13.

Davi: (...) Porque eu beber cerveja e misturar com maconha, às vezes é mais fácil eu cheirar. Às vezes, eu cheiro. Eu prefiro cheirar do que fumar, porque a bebida com a maconha, pelo menos pra mim... não fica legal, p. 21.

(...)

Entrevistador: Em que momentos você gosta de usar cocaína?

Davi: Não tem momento. Geralmente o momento é junto com a bebida, p. 44.

E: Bicho! Você usa é doce, é bala, é cocaína...

Thiago: É. Experimentar... assim, eu não tenho muito problema, não.

INFLUÊNCIA DOS PAIS E PARENTES

Não podemos omitir os fatos presentes nos relatos obtidos. Nestes, a idéia de que a influência dos pais tem um peso considerável na opção dos filhos pelo consumo de substâncias ilícitas parece ser fidedigna. Não havia sequer nenhuma orientação prévia para que esta informação fosse obtida nas entrevistas, porém os jovens falavam com desenvoltura acerca da experiência de seus pais com substâncias psicoativas. Com exceção de Luana, 17 e Guilherme, 16, todos os outros entrevistados mencionaram o fato de que os pais usam ou usaram drogas em algum momento de suas vidas. Os pais de Carol, 24, foram mencionados como agentes que consomem muito álcool nos fins de semana. Os outros pais apareceram como usuários de outras drogas. A maconha é a mais comum. Nos jovens do universo funk, também são mencionados casos de pais que consomem/consumiram cocaína. É o caso de Hudson: tanto o pai quanto a mãe usam cocaína, sendo a mãe, muito descontrolada no consumo, segundo as palavras do filho. Para os que gostam de atribuir as mazelas juvenis a uma possível desestruturação familiar outro dado é bastante promissor nesta direção. A maioria dos jovens são filhos de pais separados. No universo funk, muitos nem mesmo foram criados pelos pais e sim pelos avós. Davi é um desses casos, ao lado de outros. Ele é um dos poucos que não menciona o consumo de drogas por parte do pai. Nem podia, pois disse que seu pai foi assassinado por seu tio e que sua mãe era autoritária e pouco carinhosa no trato com ele. Foi viver com a avó.

Há no universo funk dados que explicitam o contato freqüente com a violência. Leandro teve dois irmãos assassinados. Um morreu cravejado de tiros, o outro com um disparo nas costas. O pai bebia muito e já oferecia cerveja para o filho quando ele tinha 8 anos, "pra ver se ele era de fato macho".

Com relação a problemas na família, ninguém supera Eduardo. Para ele, "os irmãos são todos safados" e contar com a família "é a pior coisa que tem", p. 5-8. Seus irmãos já comandaram o tráfico no morro em que mora com o seu pai. Mas são sempre irmãos por parte de pai, pois o pai "enterrou seis

mulheres". Quando o pai comandava junto com os irmãos o tráfico ele tinha uma boa vida que acabou aos onze anos, momento em que alguns dos irmãos morreram em guerra de facções e que acabou por destituir também seu pai da posição de "dono do morro". Neste momento ele começou a roubar farmácias, motos, etc. hoje aos 17 ele atua como "vapor" na favela onde mora. O pai viu que Eduardo ia entrar para a carreira do crime quando tinha 11 para 12 anos e dizia: "isso não é vida não! Você me vê nessa vida e você acha que eu gosto? Eu não gosto não. Eu estou nessa vida porque eu não sei ler, eu não sei escrever", p. 13. Escusado dizer que o pai já tinha usado drogas também.

No universo rave, muitos são filhos de pais separados, ainda que hoje em dia isto não possa ser considerado inusitado, ao contrário.

Entrevistador: É? Sua mãe já usou?

Clara: Ah! Maconha já... todos os pais acho que já fumaram maconha. Mas nem tem muito tempo assim.

E: Eles falaram diretamente com você?

Clara: Não. A minha mãe já fumou. Já perguntei pra ela, e ela falou que meu pai também fumava... quando namoravam meu pai fumava, p. 33.

Dênis: Os meus pais gostavam (...) Meu pai já fumou algumas vezes...

Entrevistador: Mas já fumou na vida ou fumou com vocês?

Dênis: Com a gente... um pouco. Um ou duas vezes (...) Gostava que meus amigos viessem lá em casa. Ele sempre entrava, brincava..., p. 4.

(...)

Dênis: (...) Eu ouço muita coisa de culpa, pessoas culpadas. Às vezes fumam e se sentem muito culpadas. Eu não tenho muito isso, mas é porque eu tive uma família boa. Mas muita gente deve se punir muito (por usarem drogas), p. 8.

Felipe: Sabem (os pais, que ele fuma maconha). Mas não sabem que vai tanta gente. Vai gente todo dia... mas sabem, são tranqüilos em relação a isso.

E: Que é que eles falaram para você?

Felipe: Minha mãe falou: "se é para fumar, fuma em casa Não fuma na rua, não!, p. 28.

Francini disse que, no caso dela, induziu o irmão a cheirar e ele a induziu a tomar ácido e bala:

Francini: O irmão camarada sabe.
Entrevistador: Sabe?
Francini: Sabe. Já cheirou comigo.
E: Já cheirou...?
Francini: Já cheirou comigo, como eu já tomei bala com ele..., p. 31
(...)
Francini: (Sobre a mãe) No auge da adolescência dela era o ácido. Já fumou maconha também, mas não curtiu.

Hudson: Meu pai é mais controlado que ela (a mãe). Meu pai, pelo menos, tem uma conduta. Ele trabalha. Ele consegue pelo menos manter a família dele lá do jeito dele. Mas ela nem isso faz, você tá entendendo? Se, pelo menos, não trabalhasse, mas tivesse aquela conduta de dona de casa, prosseguisse normalmente... não. Às vezes, some..., p. 5.
(...)
Hudson: (...) O meu pai já fumava em casa. Eu já sabia apertar um cigarro (de maconha) quando eu fui fumar a primeira vez (...) Todo mundo meio assim: "poxa, você já sabe!" (...) Foi um aprendizado que eu fiz forçado, né?, p. 23.

Marcelo: É porque, na verdade, o meu pai fumava também e grande parte da minha família fumava também. Assim... por parte de pai, os irmãos (ou seja, os tios). E aí, no início, com certeza, todo pai não quer que o filho se envolva com essas coisas, né? Aí, foi me dando idéia e tal... proibindo. Depois, foi vendo que as minhas amizades eram saudáveis, que era todo mundo tranqüilo, que era de família, não era ninguém de bandidagem... ele foi aceitando e aos poucos foi melhorando o relacionamento, e hoje em dia está na boa, p. 3.

Entrevistador: Você falou que seu marido sabe que você usa em casa. Suas irmãs sabem?
Mariléia: Minhas irmãs sabem.
E: Elas usam também?
Mariléia: Já usaram, não usam mais.
E: ... não usam mais. Seu cunhado usa?
Mariléia: Meu cunhado usa, p. 45.

Moema: (...) Minha mãe nunca foi doidona, meu pai foi doidão. Meu pai tinha namorada, meu pai cheirou pó, meu pai tinha moto, enchia a cara... enche a cara até hoje. Então meu pai é mais

tranqüilo comigo. Minha mãe, não: maior bad. Uma vez que eu vi ela doida de maconha, eu fiquei puta da vida. A gente viajou juntas, fomos pra Esperança num grupo. Ela, uma amiga e os filhos. Eu tava num lugar, na natureza. Na época, eu fumava muito. Se você tá num lugar da natureza, você quer fumar "um" de qualquer jeito, você quer curtir a natureza. Você não podia... não tinha beck! (gíria para maconha). E a outra coroa fumava e a minha mãe fumou com ela. E teve uma hora que elas abriram a porta... o cheiro... e eu olhei para cara da minha mãe e ela tava chapada. Eu fiquei puta com ela. Como ela se dá o direito de fazer uma coisa que ela não me permite?, p. 26.

Rafael cresceu com os avós. Critica a ausência de pai e mãe e atribui a isto uma das causas de sua adesão ao consumo de drogas:

Entrevistador: O que, por exemplo, você acha que o seu pai tinha que ter falado com você?
Rafael: Pô! acho que tinha que ensinar muita coisa: "isso é errado, não faz isso!". Mas a gente foi aprendendo essas coisas sozinho, vendo as coisas e vendo os outros fazendo e fazia. Pensa assim: "vou fazer para ver como é que é!", aí, vai e faz, p. 8.
(...)
Rafael: Meu pai já usou, mas ele não faz mais não, mas já usou...
E: O quê?
Rafael: Cocaína.
E: Como é que você soube?
Rafael: Pô! Ele era daqueles que não esquentava com nada. O que ele tinha que fazer ele fazia na frente de qualquer um, em qualquer lugar...
E: Mas você chegou a ver?
Rafael: Cheguei a ver, mas fingia que não via. Virava as costas e ia embora.
E: Mas na época você já usava?
Rafael: Na época eu não usava, não. Aí, eu também tinha aquela raiva, sabe? Eu via ele fazendo e ficava puto, mas nem falava com ele, não tinha essa estória de ficar conversando com ele, igual pai e filho. Aí, eu fingia que não via, p. 56.

Suzane: (...) Agora, maconha eu posso te dizer que de uns três anos mais ou menos, eu posso fumar em casa. Mas minha mãe passou a fumar comigo agora há pouco, p. 19.

Entrevistador: Paula, em relação aos seus pais... você falou que seu pai, como sua mãe, foram... não sei se ainda usam alguma droga...
Paula: Não. Não usam mais. Porque a minha mãe sempre foi muito pirada, assim, pirada mesmo.

E: Como é essa sua visão, a idéia que você tem, como é que é...? Da questão do uso... por parte dela?
Paula: Não, porque quando eu fiquei sabendo que ela usava, eu fiquei sabendo depois que ela parou. É sempre assim, né? O meu pai não, meu pai, na mesma fase que meu pai começou, meu pai fazia na frente de todo mundo: usava drogas na frente de todo mundo!
E: Que drogas usava?
Paula: Cocaína. Na época eu era criança, não entendia muito bem essa diferenciação, mas ele usava cocaína.

Davi: (Sobre o pai) (...) Dizem que foi meu tio que assassinou ele... eu não sei se é verdade. Acho que ele não queria assumir e tal... (a gravidez da mãe de Davi). Mas ninguém sabe na realidade se ele assassinou. Isso é uma coisa que ficou sem explicação..., p. 2
(...)
Davi: (Sobre a mãe) Ela era meio agressiva... É ainda, não mudou em nada ainda.
Entrevistador: A sua mãe?
Davi: É! Do meu ponto de vista ela não fez o papel que deveria fazer. Diz ela que faz, né?
E: E qual seria o papel que ela deveria fazer?
Davi: Pô! Sei lá! Atenção, carinho... Não é simplesmente chegar e: "ah! Te dou o seu material escolar", mas, poxa... ao invés de chegar em casa e, como eu era moleque, pegar uma tarefa e me ajudar pra ver se eu tinha alguma dificuldade. Não. Ela olhava e: "Ah! A letra está muito ruim", metia a mão... tirava tudo as folhas, rasgava do caderno e: "copia de novo!". Isso aí, eu sei lá se é educação. Eu acho que respeito não se impõe, se adquire, p. 4.

Eduardo: Meu pai já fumou e já cheirou, sendo que ele não gostou de nenhuma das duas coisas, p. 47.

QUESTÕES REFERENTES À ILEGALIDADE

Vimos na apresentação dos breves perfis dos entrevistados que muitos deles estavam de alguma forma ligados às atividades do tráfico de drogas, fosse por meio de relações de envolvimento direto, como no caso de Eduardo e Mariléia, fosse por contatos e relações de parentesco ou amizade, como no caso de Carol (que durante quatro anos estabeleceu uma relação de parceria amorosa com um traficante da favela onde mora e com quem teve uma filha) e tantos

outros citados no transcorrer da apresentação de dados recolhidos nos depoimentos prestados a ponto de podermos incluir quase todos eles.

Há que se destacar, no entanto, uma enorme diferença entre as relações travadas com agentes que atuam na ilegalidade quando estas são efetuadas pelos jovens dos segmentos pobres e quando ocorrem com os jovens de classe média. A proximidade física e social dos traficantes com os jovens mais pobres é uma realidade da qual os jovens de baixa inserção social não podem escapar, afinal os agentes que distribuem a mercadoria ilegal na ponta do comércio são também recrutados no mesmo estrato social e compartilham com eles as mesmas condições de vida, incluindo aí a moradia, situada, frequentemente, em regiões desassistidas pelo Estado e entregues à sua própria sorte, como sói ser o caso dos morros e favelas cariocas. Os constrangimentos impostos às possibilidades de uma trajetória de sucesso e de ascensão social levam muitos desses jovens a ingressar numa carreira em que a venda de drogas e a possibilidade de execução de atos ilícitos se abrem com apelos de sedução que não são comuns para os jovens de classe média. A maior parte dos jovens pobres resiste a esta sedução, mas acaba convivendo, muitas vezes a contragosto, com vários que aceitam tentar constituir sua redenção material por meio desta senda recheada de armadilhas, conflitos e muita violência. Assim, não surpreende que os relatos de Davi, Hudson, Carol, Eduardo, Mariléia, Leandro e Rafael tragam vez por outra a descrição de ligações perigosas com agentes diretamente vinculados ao "movimento" (gíria para o tráfico nas favelas cariocas). São estes jovens que sofrem duplamente em função de sua má sorte que os fez nascer, como disse um compositor carioca, na "barriga da miséria". Sem condições financeiras para se locomover e desfrutar de lazeres no asfalto, eles acabam também sofrendo imposições do tráfico e não podem circular livremente pelas outras comunidades faveladas cariocas, pois o seu trânsito só pode se dar em favelas dirigidas pelo mesmo comando de tráfico (no Rio os três principais são: o CV, o TC e o ADA (respectivamente o Comando Vermelho, o Terceiro Comando e os Amigos dos Amigos). Um dos jovens presente no grupo focal para o universo funk, faixa etária 21-24 chegou a dizer

que a favela era uma "prisão sem muros", num contraste explícito entre a liberdade de movimentos que demonstram os jovens de classe média aqui investigados. Até para comprarem drogas, os jovens de classe média podem acionar a Internet, trafegar pelo MSN e se enturmar via ORKUT: viagem real na rede virtual e mundial. O tráfico impõe restrições à movimentação dos jovens e resta a eles poucos espaços de lazer. Um deles é o baile funk e neste o contato com as drogas é inevitável, como vários relatos apontam.

Claro que os jovens de classe média também precisam controlar seus movimentos e contatos quando "optam" por consumirem substâncias ilícitas. Basta ver todos os cuidados que Clara toma nas festas raves quando volta e meia é indagada por estranhos sobre quem pode fornecer uma bala:

Clara: (...) Sempre tem policial disfarçado (nas festas), essas coisas assim. Você está dançando e vem um cara, às vezes de sua idade, te pergunta: "você sabe quem está vendendo uma coisa?". "Não!". "Você tomou alguma coisa?", pergunta. Às vezes até pessoal da minha idade, mas que é contratado por alguém, depois chega e fala para a outra pessoa: "oh! Aquela menina tá aí, já vem, sabe?". Porque eu já sei de casos que aconteceu isso... que já foram presos no Armazém assim... já perguntaram várias vezes. Toda rave tem alguém perguntando. Às vezes, eu fico com medo do meu irmão... eu sempre falo: "Gladson, se alguém te perguntar você não sabe quem vende, você não tomou nada", eu falo com ele, p. 22.

O perigo para eles vem, especialmente dos policiais, a maior parte deles corruptos, segundo as informações obtidas, pois tendem a se utilizar de suas prerrogativas de uso da força para realizar extorsão, plantar provas e por meio do constrangimento e ameaça ganharem dinheiro dos jovens de classe média. Esta situação faz com que estes grupos de jovens que freqüentam raves se tornem mais solidários e estabeleçam contatos cuidadosos entre si para tentar evitar estes "perrengues", como eles dizem. Com relação à extorsão, muitos destes jovens ao portarem quantidades de drogas para consumo próprio ou para entregar aos colegas são pegos por policiais e eles ou seus pais são extorquidos pelos agentes fardados e por delegados para livrá-los de maiores

aborrecimentos. Guilherme disse já ter ouvido muitas estórias a este respeito. O mesmo acontece, segundo nos informa Marcelo:

Entrevistador: E como é a relação com a polícia?
Marcelo: Ah! A relação com certeza vai ser perder dinheiro, né? Geralmente ninguém vai preso. Geralmente o cara vai e te arranca um dinheiro. Dependendo da gravidade (a quantidade de droga que pega do usuário) você vai ficar sendo arrancado dinheiro por um bom tempo.
E: E isso já aconteceu contigo?
Marcelo: Não, comigo não, mas com pessoas bem próximas, já. De perder moto, barco, dois carros, computador... Um vizinho vendia maconha e ele perdeu tudo... os caras invadiram a casa dele e levaram tudo... Fica todo mundo impune, é só dar um dinheiro, p. 24-25.

A ilegalidade leva muitos a se auto-imputarem culpa. Para Dênis isto não é problema, pois seus pais sabem do uso que ele faz de drogas e não o vêem como um criminoso e nem como um doente. Mas o próprio Dênis sabe que a ilegalidade tem conseqüências que nem a aprovação dos pais pode resolver:

Dênis: (Usar droga) Não me traz culpa, mas é um problema para todos nós, né? Você pode ser preso, ser malvisto, p.9.
(...)
Dênis: É, eu uso escondido, né?
Entrevistador: Mas escondido de quem (se os pais sabem)? Em casa?
Dênis: É... depende, também. Escondido em casa. Às vezes o perigo é a polícia, às vezes o perigo é um tio careta, às vezes o perigo é a imprensa, a vizinha..., p. 10.

Ao mesmo tempo, Dênis reconhece que a proibição tem seu lado atrativo para alguns que gostam de desafiar os limites (ou testar o ambiente em certos contextos, como diria Winnicott). Nesta chave de interpretação e apropriação da droga pelo usuário, a liberdade teria um duplo sentido: de transcender a sua situação física, daí o êxtase, a transcendência (lembremo-nos que Dênis tem uma concepção mais mística do uso da droga) e de ultrapassar os limites e não se submeter às regras:

Dênis: (...) A droga em si parece estabelecer um canal de liberdade. Não é à toa que se fala em êxtase, né? Liberdade de quê? É a sensação de liberdade, né? (...) Eu acho que tem essa via de mão dupla: é ilegal e é por isso que as pessoas vão querer conhecer isso (...), p. 8.

Dênis relata que de uns tempos para cá, as raves se tornaram perigosas e com uma freqüência constante de policiais à paisana. Ele já presenciou brigas e violência em grandes festivais de música eletrônica, com muita gente "tomando porrada" de policial". Diz também que em muitas festas e festivais podem existir grandes traficantes e isto em alguns momentos gera brigas em função dos conflitos que surgem quando diferentes fornecedores se confrontam para vender drogas nas festas. Todos estes fatos se contrapõem à idealização da rave como lugar pacificado e tranqüilo: "se quiser mexer com isso tem que estar preparado pra treta, pra saber lidar com tudo", p. 26.

Outro detalhe importante presente em sua entrevista é a revelação de que muitos jovens andam fazendo pequenos tráficos e que se confirma em diversos outros depoimentos. Normalmente os jovens adquirem um lote de droga para uma determinada quantidade de amigos e ao repassarem buscam ressarcir o valor dispendido para comprar a sua dose de consumo. Exemplificando: um jovem compra 5 balas a 20 reais cada uma e repassa quatro delas a 25 reais para outros quatro amigos, tirando a sua "na faixa", como dizem eles, ou seja, "de graça". Esta é uma atividade muito comum entre os jovens de classe média que freqüentam raves. Nas suas palavras: "porque hoje é flexível... todo mundo é um pouco traficante", p. 26.

O depoimento de Dênis toca em vários pontos importantes em relação à questão da ilegalidade do consumo das drogas e o contágio desta ilegalidade para atividades e práticas realizadas pelos agentes envolvidos neste consumo. Ele cita também o fato de que não é possível haver um controle de qualidade em relação às drogas vendidas na clandestinidade. Nunca se sabe efetivamente o que se está tomando:

Dênis: (...) Eu nunca fui muito de pastilhas (...) Teve uma época que a gente comprava umas pastilhas mais baratas e tomava uma porrada, mas essas eram as piores (...) Porque é ruim, né cara? (...) É um bando de substâncias bizarras que você sai tomando e porra...!, p. 38.

A situação de ilegalidade das drogas impede que se possa exigir dos fornecedores a garantia de qualidade dos produtos que são vendidos. Eisner (1995) diz que em doses clinicamente estabelecidas, o ecstasy já foi inclusive utilizado em terapias de casais nos idos da década de 1980, antes do MDMA se transformar em substância de uso da moda em festas eletrônicas. Segundo ele, dentro de certos limites, o MDMA tem um nível de toxicidade para o organismo muito mais baixo que certos psicofármacos que são vendido livremente em farmácias. Para o autor, um dos grandes problemas da ilegalidade diz respeito exatamente a isto: ao desconhecimento e desinformação sobre o que se adquire efetivamente. Não se sabe nunca de forma precisa e confiável a dose que se está tomando quando se compra uma pastilha ilegal e nem quais substâncias estarão sendo ingerindas. Assim, muitas vezes, a atribuição de alguns males súbitos que possam ocorrer em virtude da ingestão de uma pastilha que se supunha conter MDMA pode ser devido a alguma outra substância, pois não se sabe ao certo quais conteúdos efetivos a bala consumida continha. Diversas entrevistas dão conta de que nem sempre as reações com a bala são iguais. Há relatos de bem estar, de alucinações e de estados insuspeitados que jamais seriam de fato provocados pelo MDMA, o que só aponta para a "malhação" da bala ("bala malhada" é a gíria para pastilhas vendidas como se fossem ecstasy e que contêm substâncias completamente diferentes do MDMA).

Com relação ao tráfico, muitos jovens acabam se envolvendo na cadeia do comércio das drogas para custear o seu vício. Este foi o caso de Mariléia e de Francini. Esta última conheceu num shopping de Niterói alguns "aviões" e desse contato surgiu a oportunidade de usar e mesmo de traficar cocaína. Na mesma época começou a fumar maconha, mas parou porque não curtiu, p. 20. Através dos "aviões" ela conheceu os patrões que lhe ofereceram a droga para ser vendida na região onde morava, tirando 20% do total repassado, p. 21. Ela

largou o tráfico porque percebeu que ia "dar derrame", ou seja, estava ficando fissurada na coisa e isto algum dia podia fazê-la cheirar todo o produto e não ter como ressarcir "os caras", p. 22.

Francini: (...) Eu catava por cinqüenta, vendia por cinqüenta, pegava dez reais pra mim e dava quarenta pro cara. E ganhava um papelote (...) Nunca arrumei confusão com ninguém... com polícia, com os caras, com ninguém...
Entrevistador: Por que parou?
Francini: Porque eu comecei a querer mais pra mim, tanto de dinheiro quanto de droga. Eu vi que não ia ser legal eu continuar com aquilo porque ia dar derrame... ia dar problemas.
E: Eu sei... você pega e cheira...
Francini: É... derrama é pegar tudo pra você... pegar e cheirar, p. 22.

Entrevistador: Você já em algum momento... pegou dez, trinta sacolés e catou o seu e vendeu?
Leandro: Pegava. Ia lá, comprava e passava num lugar. Por exemplo, pra lá da baixada tem gente que não quer vir na favela, entendeu? Conta pra essa galera já, tipo: "porra! Tem um carinha lá não sei de onde, tem um maluco ali que tem, deixa aqui... que eu vou lá!". Tu não fala que é tu que tá vendendo. Tu pega o dinheiro: "deixa que eu vou lá buscar pra tu", p. 35.

Marcelo: Quem vai consumir, às vezes, pega uma parada, vende, tira o dele, e o que vai usar sai de graça. Ou a viagem (pra festa, quando é no interior do Brasil). Tem muita gente que faz isso. Em época de festa faz uma correria aqui... arruma um dinheiro e vai..., p 14.

Os negros, pobres e favelados sofrem na mão dos policiais que batem, dão tapa na cara e são ofendidos moralmente em vários momentos em que interagem com os homens fardados.

Eduardo diz que tomava tapa na cara de policial sem fazer nada, antes de entrar para a carreira do crime. Diz que pensou e decidiu seguir o caminho da profecia que se auto-cumpre: "Ah! Oh! Nós num faz nada e apanha, agora vamos começar a fazer", p. 10.

Além dos policiais que agem contrariando as premissas dos direitos de cidadania em territórios favelados, há sempre ali as oportunidades que são no fundo armadilhas.

Hudson conta que ao perceber que poderia entrar na carreira do crime, quis ter um filho, pois, segundo ele, estava entrando em um "caminho errado". A chegada de seu filho foi importante na desistência dessa trilha: "e se eu morrer? Quem vai chamar meu filho de filho?", p. 12. Sonha em poder montar uma casa e morar com a mulher e o filho juntos, p. 3. Na entrevista ele narrou como foi a tentativa de ensaiar a entrada nesta via tortuosa: "os caras deram um monte de tiro atrás da gente. Aí eu falei: nunca mais, mané! Tomar tiro não é comigo não!", p. 13. Estavam em três. Hudson, que na época tinha 17 anos, ficou na porta, enquanto outro dois companheiros tentavam assaltar uma farmácia, p. 14. Teve um grande amigo que virou ladrão e fazia roubos à mão armada. Ele nos contou que não há preconceito na comunidade para quem vai pegar dinheiro do patrão. Acha que a adrenalina e o poder são dois fortes atrativos para os garotos de favela entrarem na vida do crime, além de algum status e oportunidade de ganhar algum dinheiro fácil. Na favela há muitas garotas que chegam a gostar de quem é bandido e traficante, pois eles portam armas e nas mãos de adolescentes são objetos de fetiche, para muitos, p. 16. Ele compara a carreira de um grande bandido ou um grande traficante à carreira de um grande empresário: "ele está ali porque ele conquistou o espaço dele (...) o cara tem força, o cara tem status, o cara tem força de vontade (...) a carreira do crime não é para qualquer um não!". Diz ele que um bandido ou traficante que chega até os trinta anos é visto na favela como alguém que tem força, sorte e boa destreza, pois ser traficante ou assaltante desde menor "é complicado", p. 15. Um grande amigo de Hudson foi assassinado recentemente por policiais, pois estava envolvido com o tráfico, p. 15. Ele próprio já foi convidado para fazer parte do esquema do "movimento" (tráfico). Disseram a ele que teria cargo para todo mundo (ele e mais dois amigos), acima de "olheiro" e "vapor"; talvez um cargo de gerência, segurança do dono ou abastecimento, p. 18. Apesar de não ter aceito a oferta, ainda é bem considerado pelo pessoal do "movimento". Todos o chamam de Dudão no morro onde mora, p. 19. A carreira do crime é sempre uma tentação, pois ele encontra dificuldades para se colocar no mercado de trabalho. Quando vai procurar emprego, não fala que

mora em favela. Acha que foi demitido das Lojas Americanas, onde fazia estágio probatório, por terem descoberto que ele era favelado, p. 22.

A falta de oportunidades e a sedução representada pela carreira do crime aparecem também em outros relatos. Rafael, por exemplo, faz bicos. Vira laje ou mesmo faz serviço de avião, traficando pouca quantidade de droga em consignação: "tu rala pra caramba na obra pra ganhar vinte conto. Você vai ali, rapidinho, traz um negócio pro cara e ele te paga trinta", p. 18. Eduardo chegou a trabalhar de madrugada como segurança numa padaria do morro e ganhava 70 reais por semana. Quando ficou um tempo traficando, chegou a ganhar 200 reais em 3 horas, p. 21.

Estas facilidades e oportunidades têm um alto custo. Além das vidas e da violência cotidiana, os jovens funkeiros vivem sob um contínuo estado de opressão que sobre eles incide de diversas maneiras.

Para Leandro, os favelados vivem num regime de dupla opressão: são oprimidos pelo Estado, por meio das intervenções policiais truculentas que matam a esmo crianças e trabalhadores nas favelas e são também oprimidos pelo tráfico que exerce controle e espalha o terror em alguns momentos específicos quando estão sob ameaça de invasão de outra facção ou porque o dono que assume é "bicho solto", p. 48.

O controle do tráfico é arbitrário e legisla sobre muitas coisas, até mesmo sobre como e onde é possível consumir os produtos que vende. Em favela do CV, Davi diz que pode cheirar em qualquer lugar, já nas favelas do TC e do ADA, há lugares específicos para o consumo, como os "cheiródromos", p. 22.

Para alguns dos pais dos jovens da classe média que consomem drogas, o grande problema não é o consumo em si, mas as possíveis relações perigosas que seus filhos podem travar neste campo tenso de relações e comércio.

Os pais de Marcelo sempre se preocuparam com a droga pelo fato de que o filho poderia se envolver com agentes do crime, mas como isso não aconteceu, eles, os pais, têm uma boa relação com o rapaz e não o atormentam pelo fato dele usar drogas. Sempre se relacionou de forma positiva com as drogas, "nunca peguei o lado ruim", nunca achou que iria prejudicar a sua saúde. Sua

única preocupação era com a proibição, pois tinha que esconder de todos que fazia isso, p. 5. Os temores de seus pais, no entanto, não são evitados, pois Marcelo também diz que a ilegalidade do comércio de substâncias psicoativas conduz usuários a manterem contatos e até a estabelecer relação de amizade com os traficantes:

Marcelo: Ah! Muitas vezes você vai e conhece o maluco que te vendeu. Então, de repente, cria um certo vínculo com o cara, rola uma amizade. E começa a conviver junto e já forma mais uma galera e tal. Com certeza a gente conhece muita gente através disso... através das drogas, p. 21.

Moema chegou a namorar com um rapaz que traficava ecstasy, p. 30. Para ela, o próprio universo da cena eletrônica mantém relações perigosas, pois alguns produtores de festas e festivais estão envolvidos com o tráfico internacional. Eles apóiam os pequenos traficantes que ficam vendendo nas pistas, p. 33.

Moema confirma que muita gente faz o pequeno tráfico apenas para pagar a sua bala ou tirar mais uma. Pega 10 vende oito e fica com duas: "isto é comum", p. 33. Acha que o comércio das drogas é inevitável e sempre vai existir, p. 33.

Moema: A gente tá lá por quê? Porque a sensação é maravilhosa. Se a sensação não fosse boa, a gente não tomava, p. 34.
(...) De fato é bom demais. Um estado de felicidade plena. Mesmo que química. (...) O que não é químico? É tudo químico, na verdade. Sei lá, pode fazer a batata geneticamente modificada pra produzir a vitamina C: Ah! Isso é legal! A batata é legal. Mas não pode...", p. 35.

Haveria ainda uma série de questões que este conjunto riquíssimo de entrevistas permitiria que fosse explorado. Numa versão um pouco melhor e mais trabalhada a ser posteriormente enviada, pretendo destacar aspectos referentes especificamente aos bailes funks e às festas raves, detalhes interessantes que permitirão discutir os contrastes sociais entre os dois grupos,

questões de gênero e as opiniões contraditórias sobre as perspectivas sobre a liberalização ou não do uso das drogas. Isso ficará, no entanto, para um outro momento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta breve pesquisa realizada nestes últimos sete meses pude verificar que a questão da droga e seu consumo por diferentes segmentos de jovens demandam novas abordagens que não aquelas com as quais estamos acostumados. De início destaco a necessidade de nos distanciarmos dos paradigmas terapêutico e legal. No primeiro, o consumidor de drogas é visto como um doente, no segundo, como um criminoso. É possível que este tipo de perfil seja adequado para descrever três ou quatro agentes deste grupo entrevistado, mas não certamente todos. Chamar o nosso caçula Guilherme de doente é completamente inadequado. Ainda que não concordasse, poderia ser seduzido, numa ampliação desta categoria, para uma classificação imputada com reservas a agentes como Mariléia. Chamar Eduardo de criminoso e associar a sua trajetória recente na carreira do crime ao consumo puro e simples de drogas não faz jus a uma análise mais detida e percuciente de sua história de vida. Basta ler algumas entrevistas como a de Moema, Suzane, Hudson, Leandro e Paula, entre outros, para verificarmos com que lucidez estes jovens encaram o seu próprio consumo de substâncias ilícitas. As categorias de doente e criminoso abarcam na verdade uma pequena parcela de agentes que consomem drogas, mas a disseminação deste tipo de discurso atende a interesses hegemônicos específicos que não ajudam na construção de uma abordagem mais compreensiva e elucidativa das questões que envolvem o uso e o abuso de drogas pelos jovens.

Pude constatar que as drogas têm uma importância na construção da identidade dos jovens pesquisados. Como vimos, muitas vezes as drogas são um elemento de amálgama e fortalecimento do grupo de amigos e nesse processo de construção de grupo está em jogo a constituição da identidade de

cada agente por meio de suas práticas na rede de interação. Podemos destrinçar razões pessoais que conduzem jovens a assumir uma postura mais insolente diante das prescrições sociais mais proibitivas e restritivas e neste caso as drogas surgem como uma possibilidade de apoio e uso identitário que não será jamais evitada em uma sociedade complexa e cheia de oportunidades de burlar as normas legais como a nossa.

Além disso, há um fator tão simples e cristalino no uso de drogas que desafia qualquer proibição e por si próprio já seria suficiente para mantê-las como uma sedução irremovível do horizonte dos jovens: elas propiciam prazer. Freud dizia que "a vida, tal como a encontramos, é árdua demais para nós; proporciona-nos muitos sofrimentos, decepções e tarefas impossíveis. A fim de suportá-las, não podemos dispensar medidas paliativas" (1978: 140). Se isto já seria suficiente para usá-las, acrescentemos o fato de que elas produzem para alguns jovens uma "sensação maravilhosa": "se a sensação não fosse boa a gente não tomava" (Moema, p. 35). Dizer que as drogas são uma medida paliativa, seria pouco para defini-las e entendê-las. Elas não são apenas paliativos. São fontes de prazer. Prazer químico, é verdade: mas o que não é? Como bem frisou Moema. Para ela qualquer coisa faz mal, se for feita em demasia. Assim, acrescenta ela, comer demais faz mal, trabalhar demais também faz mal, usar substâncias psicoativas caracterizando o abuso também faz mal. Dizer isso equivale a dizer que comer equilibradamente é bom, trabalhar no limite da realização das potencialidades de cada um é excelente e no caso das substâncias psicoativas... Um fator fundamental que não poderá ser desviado e esquecido em qualquer campanha que se faça contra as drogas é que elas são substâncias que podem induzir a um alto grau de prazer e satisfação física e mesmo psíquica. Alguns, como Denis, sentem que elas são um caminho para o auto conhecimento, uma possibilidade de experimentação de realidades outras que vão além desse nosso estado de vigília comum. Causar prazer é um imperativo que vemos e ouvimos martelar em nossos ouvidos o tempo inteiro de diversas formas: nos apelos publicitários; nas promessas de bem-aventurança e boa vida de uma sociedade materialista e tecnologicamente

avançada; em pregações narrativas diversas (filmes, canções, peças, romances); na valorização própria da juventude como momento ímpar de fruição existencial, etc. De todos os lados ouvimos: seja feliz! Sinta prazer! Ora, ora, ora: com as drogas muitas vezes este prazer é instantâneo e imediato, sem tergiversações, ainda que possíveis descontroles no uso possam acarretar muitas conseqüências nefastas, algumas delas registradas em depoimentos recolhidos e transcritos.

Cada substância propicia proporciona prazeres e mazelas diferentes. O estigma social atribuído a cada uma delas também varia. Os próprios jovens consumidores atribuem valores bastante distintos às diferentes drogas. A maconha tem sido cada vez mais apropriada por eles como uma droga leve, utilizada para uma curtição, sendo relevante o seu papel na interação e integração do grupo de jovens que a consome. Os mais jovens podem considerar ainda o estigma de "maconheiro" como algo a ser evitado, principalmente os jovens de melhor inserção social, mas percebe-se que esta preocupação tende a ser cada vez menor quanto mais velho é o agente, havendo então uma inversão, ou seja, os jovens maduros na faixa etária de 21-24 anos e de melhor inserção social são os que menos se preocupam com este tipo de rotulação e há uma preocupação a este respeito levemente maior nesta faixa etária para os jovens de baixa inserção social. Acreditamos que isto se deve, em alguns casos, ao peso de outros estigmas que já incidem sobre estes jovens (pobres, favelados, criminosos, funkeiros) e neste caso a pecha de "maconheiro" seria mais um rótulo desagradável com o qual teriam que lidar. Não obstante esta constatação, alguns dos funkeiros aqui entrevistados demonstram total desconsideração para com este tipo de rotulação.

De um modo geral, a maconha tende a ser cada vez mais tornada equivalente ao álcool e isso tanto no universo rave quanto no universo funk, ou seja, independentemente da classe social do jovem que a consome. Isto não quer dizer que ela seja uma droga inócua, assim como também não o é o álcool. Alguns deles têm consciência de que a maconha vicia e isto é assinalado mais efetivamente por aqueles que já se consideram nesta situação. Além do vício, há

relatos sobre indisposições com a droga. Lembremos de Leandro que disse não gostar do excesso de reflexão que a maconha induz e que ao invés de prazer ela lhe causa muito mais incômodo. Da mesma forma, a relação ruim de relatos como os de Moema e de Francini. Estados psíquicos depressivos e mesmo leves sintomas de psicopatologias como a paranóia aparecem em algumas entrevistas. Independentemente disto, já há *surveys* demonstrando o alto grau de penetração da maconha em vastos segmentos de jovens neste país. Esta substância tem sido eleita como uma promessa concreta de relaxamento, integração com a natureza, contatos mais interessantes com os amigos e até mesmo há relatos de que ela tem uma incidência favorável sobre o prazer sexual, de acordo com algumas falas. Parece, no entanto, que as instituições que zelam pela preservação da ordem e da saúde pública ainda não se deram conta de que o consumo da maconha em função destes e outros fatores tem se tornado cada vez mais rotineiro. Adotar medidas de repressão pura e simples no intuito de evitar o seu consumo equivale à política de "enxugar gelo", mas, infelizmente, acredito que ainda haverá um longo caminho até que se reconheça e se encare com seriedade este estado de coisas. Só então estaremos em busca de caminhos alternativos aos que vêm sendo postos em prática até o momento para lidar com a presença desta substância na vida e cotidiano dos jovens deste país.

O caso da cocaína é diferente. Trata-se de uma droga que tem uma outra valoração de acordo com a percepção e representação formulada pelos discursos dos agentes que a pesquisa pôde fazer enunciar. Os jovens percebem o efeito nefasto que o pó tem sobre seus hábitos e mesmo sobre seus organismos. Há um forte estigma que torna a cocaína uma droga a ser evitada e condenada e esta percepção é compartilhada até pelos usuários da droga. Isto de modo mais enfático no universo dos funkeiros, leia-se, jovens de baixa inserção social. O estigma recebe o reforço inclusive de outros usuários de drogas que não a cocaína. Creio que isto se deve a uma desinformação criada pela própria elaboração social de uma narrativa de forte condenação moral em torno das substâncias psicoativas, que infelizmente encontra alguns pontos de

apoio em função da capacidade real que a cocaína tem de transformar um usuário em dependente químico, numa dimensão temporal muito menor do que o álcool e a maconha, por exemplo. Para alguns usuários, no entanto, a cocaína tem a capacidade de "dar um levante", ela pode mudar a própria auto percepção do usuário, torná-lo mais seguro de si, mais forte, até mais bonito (Francini). A força de sedução da cocaína é tal que ela pode inviabilizar o sexo dos jovens, como relataram a maior parte deles nas entrevistas, e mesmo assim continuar a exercer uma atração irresistível para alguns. Ela também não promove a interação. Trata-se de uma substância que, ao contrário, tende a isolar os agentes no médio e longo prazo.

Cabe aqui uma discussão específica sobre a questão das interações, dos usos e abusos de drogas. A análise do vício na cocaína permitiu a pensar a possibilidade de caracterizar o uso de uma substância como algo em estágio de uso e em estágio de abuso. Quando esta substância ainda permite ao usuário que ele mantenha um nível de interações com os amigos e outros agentes significativos verifica-se que a rotina deste agente ainda é possível, pois o uso ainda favorece o regime de interações e dessa forma os processos rotineiros de estudo e de trabalho são realizados de modo a não sofrerem grandes mudanças. No estágio do abuso, a substância passa a ter uma relevância superdimensionada na vida do usuário (que bem poderia ser agora denominado "abusuário") e uma das primeiras conseqüências é o impacto desfavorável no regime de interações. O agente passa a restringir suas interações com os demais e com outros aspectos de sua vida e se restringe cada vez mais a interagir apenas com a substância psicoativa. Neste momento o agente passou da categoria de uso para a categoria do abuso. Alguns jovens deram sinais de que já entraram nesta categoria. Trata-se, no entanto, de algo que varia muito para cada agente e para cada tipo de substância que ele usa. O fator determinante então não seria a quantidade única e exclusiva que é usada para determinar o abuso, mas antes a quantidade e qualidade de suas interações com outros agentes que lhe possibilitassem continuar seguinte a narrativa comum de sua vida. Num universo de 18 entrevistas pensamos que

em três casos poderíamos classificar a situação como um princípio de abuso, e isto não se relaciona apenas com a quantidade e o tempo de uso. Agentes como Leandro tem usado cocaína já há algum tempo e não poderiam ser incluídos na categoria de abuso, por exemplo. Leandro mantém sua lucidez e conduz a sua rotina de interações de uma forma completamente comum. Numa abordagem tradicional ele poderia ser classificado como delinqüente, cheirador, desviante e outros rótulos que satisfazem às generalizações obtusas.

Cada uma dessas substâncias exigiria um estudo especifico para que pudéssemos compreender melhor como ela afeta o regime de inserção e interação do jovem no mundo. Para que desmistifiquemos o seu uso é necessário que se façam estudos cientificamente acompanhados de forma que se possa estabelecer até que nível de consumo um organismo humano é capaz de manter sem que incorra em abuso. Como já frisamos, existem usuários que parecem conduzir-se de uma forma mais equilibrada com esta substância do que outros (ver o caso de Lendro, Rafael e Davi). Para que tal programa de pesquisas fosse realizado, uma discussão pública tem que ser iniciada sem os conceitos prévios que normalmente são aduzidos para a condenação prévia das substâncias e dos seus usuários.

O caso do ecstasy é também bastante específico. O ecstasy começou no Brasil uma carreira promissora na qualidade de droga da moda e rapidamente passou a ser consumido, muito em função da sua vinculação com a cena eletrônica, que se transformou em "espaço de distinção" (Bourdieu). De uns dois anos para cá, tem havido uma forte campanha de "demonização" da droga. Na imprensa, tanto a bala como as raves têm sido sistematicamente atacadas como cena para a perdição de jovens. Posso falar com mais segurança neste caso, pois o fato de ter ido observar "in loco" estas festas me permitiu ter uma visão diferenciada daquela que vemos ser veiculada o tempo inteiro na mídia.

Não se pode negar que o ecstasy tem sido largamente consumido nestas festas, juntamente com outras drogas, intituladas por alguns como "club drugs". Mas alguns agentes insistem que se trata de uma substância que não

causa dependência. Trata-se de um acompanhamento fundamental para muitos na tentativa de usufruírem as promessas de felicidade que estes eventos anunciam. Ele atua no organismo favorecendo a liberação de altas doses de seratonina, um importante neurotransmissor, e após certo nível de liberação deixa de exercer seus efeitos prazerosos e inicia junto ao usuário uma trajetória rumo aos efeitos colaterais indesejáveis. Quando usada repetidas vezes num curto espaço de tempo também não tem a capacidade de propiciar prazer e isto impede que ela seja um indutor para o regime de dependência química. Há tanta desinformação e mistificação no caso do ecstasy, quanto "malhação" nas balas, ou seja, o que se vende no mercado negro das drogas quase nunca é efetivamente a metileno-dioxi-metanfetamina (MDMA), sendo muitas vezes uma mistura de anfetaminas, ácido, talco, pó de mica, aspirina e o que estiver à mão para a "malhação" do produto. Claro, em altas doses, o ecstasy causa arritmia cardíaca, transpiração excessiva, tensionamento dos maxilares e de alguns músculos, movimento rápido dos olhos, entre outros efeitos colaterais indesejáveis. Aqui, mais do que nunca, a desinformação é o pior conselheiro e o mais adequado auxílio para aqueles que buscam banir qualquer discussão sobre o assunto, catalogando a bala como mais uma substância "demonizável", responsável por mazelas que lhes são indevidamente creditadas.

O ecstasy, de acordo com os relatos, é uma substância que propicia uma sensação de felicidade, sintonia com os amigos e desperta afetos insuspeitados nos usuários. Ele tem a capacidade de despertar uma afetividade que se compraz em se realizar tactilmente (daí, os relatos das massagens, beijos e contatos corporais), mas não inspira o ato ou intercurso sexual. Ele permite uma maior sensibilidade e parece ser adequado para a dança e curtição da música eletrônica (mais informações sobre as festas eletrônicas estão presentes no anexo sobre as festas raves anteriormente remetido). É uma droga sintética que veio para ficar. Nenhum esquema de repressão fará com que seu comércio seja interrompido. Diante desta constatação óbvia, caso haja uma política de combate ao uso de drogas por meio da pura e simples repressão policial, o que assistiremos é uma proliferação de esquemas de extorsão, conflitos e mortes que

poderiam ser evitados, além de outras conseqüências como afetar o valor das substâncias comercializadas e/ou adulterar a qualidade dos produtos ilícitos que continuarão a ser ofertados e demandados.

Deve ser destacado o fato de que todos os jovens entrevistados afirmaram que seus pais consumiram em algum momento de suas vidas ou ainda consumem substâncias psicoativas. Em poucos casos isto se restringia ao álcool apenas (Carol e Clara). A esmagadora maioria relatou saber que seus pais já tinham feito uso de substância psicoativas ilícitas. Em alguns casos, principalmente nos agentes de classe média, muitas vezes os pais fizeram uso destas substâncias juntamente com seus filhos (neste caso, apenas a maconha foi apontada neste tipo de interação). Se por um lado isto pode ser visto como uma confirmação dos prognósticos conservadores de que os "pais desvirtuados" tendem a reproduzir filhos que mantém o hábito do desvio, por outro, isto só indica que alguns agentes maduros utilizaram drogas um dia e conseguiram, cada um a seu modo, constituir uma família e terem filhos, que demonstram por meio de vários aspectos serem lúcidos e saudáveis, ainda que consumam drogas. No caso das famílias dos jovens pobres, o processo de contato e consciência do uso de drogas dos pais pelos filhos é sempre mais traumático e não se verifica ali o mesmo tipo de confraternização que se observa em alguns casos dos agentes da classe média. Aqui há fatores sociais que devem ser discutidos e que extrapolam a análise única e exclusiva do consumo de drogas.

A constatação de que pais que utilizaram substâncias psicoativas pode ser um fator de aumento de probabilidades de que seus filhos também venham a consumir este tipo de substância só é indicativo de que a questão da demanda não pode ser vista apenas no viés sincrônico. A demanda pelas drogas ultrapassa gerações e isto é um fato que antes de ser lastimado deve ser aceito, compreendido e discutido sem pressuposições classificatórias que separem os "desviantes" dos "normais", mesmo porque em nenhum momento se disse aqui que apenas os filhos de pais que consumiram drogas poderão vir a consumi-las também. As estatísticas mostram que cresce o interesse dos jovens pelas drogas

pelas mais diversas razões e há razões que não são passíveis de serem controladas pela prática da repressão e do ocultamento das informações.

Com relação à questão da ilegalidade que envolve o consumo e suas conseqüências vimos que esta condição legal do consumo obriga muitos usuários a estabelecer contatos com agentes ligados ao universo do crime para obtê-las, levando muitas vezes às práticas que são consideradas ilegais, sem contar as inúmeras extorsões que eles sofrem nas mãos de policiais corruptos que procuram tirar a sua parcela deste butim que se transformou o comércio ilegal de substâncias psicoativas. Repetimos e frisamos: já deveria ter ficado claro que a atuação da política de repressão ao trafico e consumo de drogas é o que podemos chamar de política de "enxugar gelo" e existem cada vez mais freezers potentes no mercado, para a produção de mais gelo. Estamos assistindo a uma escalada de gastos em cifras astronômicas que só redundam em violência e morte e/ou encarceramento de jovens negros, pobres e favelados. A repressão policial tem um papel meramente paliativo e não enfrenta de frente a questão do comércio de substância psicoativas. Os gastos com a repressão de drogas só tem aumentado nos últimos anos e o que se vê é um crescente número de jovens mortos ou que se amontoam na rede prisional deste país que se torna sempre insuficiente para o sempre crescente contingente de agentes envolvidos com o comércio ilegal de drogas. Até quando ficaremos surdos, cegos e mudos diante desta calamidade? Calamidade caracterizada não tanto pelo uso, mas antes pelo abuso das drogas e pelo abuso da ignorância daqueles que enxergam o mundo pelo viés redutor de suas idéias de desvio moral e ordem repressiva.

Referências bibliográficas

ADORNO, Sérgio (1993) "A criminalidade urbana no Brasil: um recorte temático". In: *BIB: Boletim Informativo e Bibliográfico de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, nº 35, pp. 1-24.

ANDERSON, Perry (1998) *As origens da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

BAUDRILLARD, Jean (1983) *À sombra das maiorias silenciosas. O fim do social e o surgimento das massas.* São Paulo: Brasiliense.

BAUMAN, Zygmunt (1999a) *O mal-estar na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

____(1999a) *Globalização: as conseqüências humanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

____(1999b) *Modernidade e ambivalência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

____(2000) *Em busca da política*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

____(2001) *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

BOURDIEU, Pierre (1979) *La distinction: critique sociale du jugement*. Paris: Minuit.

____ (1983a) Gostos de classe e estilos de vida. In: ORTIZ, R. (org.) *Pierre Bourdieu. Grandes cientistas sociais, 39*. São Paulo: Ática.

____ (1983b) A economia das trocas lingüísticas. In: ORTIZ, R. (org.) *Pierre Bourdieu. Grandes cientistas sociais, 39.* São Paulo: Ática.

____ (1983c)*Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero.

____ (1989) *O poder simbólico*. Lisboa: Difel.

BURROUGHS, William (1985) *Junky*. São Paulo: Brasiliense.

CARLINI, Elisaldo (1993) "Uso ilícito de drogas lícitas pela nossa juventude: é um problema solúvel?" In: BASTOS, F. I.; GONÇALVES, O. D. (orgs.) *Drogas é legal?* Rio de Janeiro: Imago, Instituto Goethe.

CARMO, Paulo S. do (2001) *Culturas da rebeldia: a juventude em questão*. São Paulo: Senac.

CARVALHO, Maria A. R. (1995) "Cidade escassa e violência urbana". In: *Série Estudos*, Rio de janeiro, nº 91, pp. 55-66.

COSTA, Jurandir F. (1986) *Violência e psicanálise*. Rio de Janeiro: Edições Graal.

EAGLETON, Terry (1998) *As ilusões do pós-modernismo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

EISNER, Bruce (1995) Éxtasis, la historia del MDMA. Barcelona: Ediciones Obelisco.

FEATHERSTONE, Mike (1995) *Cultura de consumo e pós-modernismo*. São Paulo: Nobel.

FREUD, Sigmund (1978) *O mal estar na civilização*. São Paulo: Abril Cultural (Coleção Os Pensadores).

GREENBAUM, T. L. (1998) *The handbook for Focus Group Research*. Thousand Oaks, CA: Sage Publications.

JANKOWSKI, Martin (1991) *Islands in the streets: gangs and American urban society.* Berkeley: University of California Press.

KRUEGER, R. (1994) *Focus Group: a practical guide for applied research.* London: Sage Publications.

LÉVI-STRAUSS, Claude (org.) (1983) *L´identité*. Paris: PUF.

LIPOVETSKY, Gilles (1983) *A era do vazio*. Lisboa: Relógio D´água.

____(1987) *O império do efêmero*. São Paulo: Cia. das Letras.

LYOTARD, Jean-François (1993) *O pós-moderno explicado às crianças*. Lisboa: Dom Quixote.

MEAD, George H. (1962 [1934]) *Mind, Self and Society*. Chicago: The University of Chicago Press.

MINAYO, M. C. S. (1999) *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. Rio de Janeiro: Hucitec.

____(2000) *Fala galera: juventude , violência e cidadania na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Garamond.

MORGAN, D. L. (1988) *Focus Group as qualitative research.* Newbury Park, CA: Sage Publications.

PINHEIRO, Paulo S. (1984) *Escritos indignados*. São Paulo: Brasiliense.

ROCHA, Luiz C. (1987) *As drogas*. São Paulo: Ática.

VENTURA, Zuenir (1995). *Cidade partida*. São Paulo: Cia. das Letras.

VELHO, Gilberto (1993) "Dimensão cultural e política do mundo das drogas". In: INEM, C. L., ACSELRAD, G. (orgs.) *Drogas, uma visão contemporânea*. Rio de Janeiro: Imago.

VIANNA, Hermano (org.) (1997) *Galeras cariocas. Territórios de conflitos e encontros culturais*. Rio de Janeiro: UFRJ.

ZALUAR, Alba (1993) "Drogas, contexto cultural e cidadania" In: INEM, C. L., ACSELRAD, G. (orgs.) *Drogas, uma visão contemporânea*. Rio de Janeiro: Imago.

____(1994) *Condomínio do diabo*. Rio de Janeiro: UFRJ, Revan.

____(1997) "Gangues, galeras e quadrilhas: globalização, juventude e violência". In: VIANNA, H. (org.) *Galeras cariocas. Territórios de conflitos e encontros culturais.* Rio de Janeiro: UFRJ.